

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**FACULDADE DE LETRAS**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**Sophia Castro Martins**

**Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede  
construcional**

**Juiz de Fora**

**2021**

**Sophia Castro Martins**

**Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede  
construcional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

**Juiz de Fora**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martins, Sophia Castro.

Construções avaliativas com verbos denominais:  
uma proposta de rede construcional / Sophia  
Castro Martins. -- 2021.  
154 p.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha  
Lacerda Dissertação (mestrado acadêmico) -  
Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Faculdade de Letras. Programa de  
Pós-Graduação em Linguística, 2021.

1. Abordagem construcional da mudança. 2. Rede construcional.  
3. Construcionalização lexical. 4. Construções  
avaliativas com verbos denominais. 5.  
Intersubjetividade. I. Lacerda, Patrícia Fabiane Amaral  
da Cunha, orient. II. Título.

**Sophia Castro Martins**

**Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede construcional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em 08 de março de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

*Patrícia Fabiane de Amaral da Cunha Lacerda*

---

Profa. Dra. Patrícia Fabiane de Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

*Patrícia Fabiane de Amaral da Cunha Lacerda*

---

Profa. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario – Membro titular externo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Patrícia Fabiane de Amaral da Cunha Lacerda*

---

Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto – Membro titular interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso – Membro suplente externo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida – Membro suplente interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Margarete e Wagner, por todo apoio de sempre, pela paciência e pelos ensinamentos compartilhados ao longo dos meus vinte e três anos.

Ao meu namorado, Pedro Henrique, por estar sempre disposto a me ouvir, por me incentivar a buscar o que anseio e por sempre me lembrar de que sou capaz.

À Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pela dedicação, pelo comprometimento e por todo conhecimento compartilhado, não só como orientadora nesta dissertação, mas também como professora e amiga.

À Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto, membro titular da banca de qualificação, pela disponibilidade de leitura deste trabalho, pelos conselhos, pelo apoio e pela amizade.

À Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida, por todas as suas excelentes e enriquecedoras aulas, seja na graduação ou na pós-graduação, e pela disponibilidade de leitura deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario e à Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso, por aceitarem compor a banca examinadora e por se disponibilizarem a ler este trabalho e oferecer suas valiosas contribuições.

À amiga, de quem o mestrado me aproximou, Leila da Silva Barbosa, pela companhia nessa jornada, pelas sugestões e pela amizade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por todos os ensinamentos durante as disciplinas ministradas.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e à CAPES, pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

Por fim, a todos que, de alguma forma, participaram desta dissertação: muito obrigada!

## RESUMO

Nesta dissertação, dedicamo-nos a investigar construções avaliativas com verbos formados a partir de nomes, os chamados “verbos denominais”, sob a luz da Linguística Funcional Centrada no Uso e da abordagem construcional da mudança. De modo mais específico, investigamos os dados sob a ótica da construcionalização lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e das noções de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) e de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004). No âmbito da intersubjetividade – e do ponto de vista analítico –, nos baseamos nos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967). Nesse sentido, nosso objetivo principal é compreender de que maneira as construções avaliativas com verbos denominais se organizam e se apresentam no *corpus* analisado. Como objetivos mais específicos, temos os seguintes: (a) identificar os níveis esquemáticos, a saber: esquema, subesquema e microconstrução (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (b) descrever, pontualmente, as microconstruções com verbos denominais, com base em aspectos da intersubjetividade e da prosódia semântica, e (c) propor uma rede construcional composta por esses verbos. A fim de cumprir os objetivos propostos, trabalhamos com um *corpus* sincrônico atual constituído por dados escritos coletados de dez perfis da rede social *Twitter*, cujas amostras representam os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Com base em uma análise pautada no método misto – qualitativa e quantitativa (CUNHA LACERDA, 2016) –, os dados obtidos apontam que as construções analisadas evidenciam, em um nível mais hierárquico, um posicionamento avaliativo do locutor, apresentando, entretanto, diferentes funções, em um nível menos hierárquico, a saber: (i) avaliação com foco em uma atividade ou um evento e (ii) avaliação com foco na perspectiva do locutor em relação a uma atividade ou a um evento, revelando seu ponto de vista. Nesse contexto, os dados sugerem que a primeira função estaria relacionada a um posicionamento menos intersubjetivo, enquanto a segunda estaria relacionada a um posicionamento mais intersubjetivo. Além disso, a análise evidenciou que, muitas vezes, a prosódia semântica do verbo denominal difere totalmente da prosódia semântica do nome

formador. Nesse sentido, com base nos resultados indicados pelos padrões microconstrucionais analisados, propusemos uma rede construcional com verbos denominais.

**Palavras-chave:** Abordagem construcional da mudança. Rede construcional. Construcionalização lexical. Construções avaliativas com verbos denominais. Intersubjetividade.

## ABSTRACT

This work aims to investigate evaluative constructions with verbs formed from nouns, the so-called “denominal verbs”, from the perspective of the Usage-based theory and the constructional approach to change. In a more specific way, we investigate the data based on the perspective of lexical constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) and based on the notion of semantic prosody (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) and intersubjectivity (TRAUGOTT; DASHER, 2004). In the context of intersubjectivity – and from the analytical point of view –, the concepts of evaluation (WHITE, 2003), contextualization cues (GUMPERZ, 1982) and saving vs. losing face (GOFFMAN, 1967) are paramount. Accordingly, our main objective is to understand how evaluative constructions with denominal verbs are established and organized within the analyzed *corpus*. The more specific objectives are the following: (a) to identify the schematic levels, namely: schema, subschema and microconstruction (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (b) to accurately describe the microconstructions with denominal verbs based on intersubjectivity and semantic prosody aspects and (c) to present a constructional network with these verbs. In order to accomplish the proposed objectives, we work with a current synchronic *corpus*, consisted of written data collected from ten profiles in the social platform *Twitter*, whose samples represent the years of 2017, 2018, 2019 and 2020. Based on a mixed method research – both qualitative and quantitative (CUNHA LACERDA, 2016) –, the obtained data suggest that the analyzed constructions highlight, in a more hierarchic level, the speaker’s intention, presenting, however, different functions in a less hierarchic level, namely: (i) evaluation with focus on an activity or an event and (ii) evaluation with focus on the perspective of the speaker towards an activity or an event, revealing the speaker’s point of view. In this context, data indicate that the first function would be related to a more personal and less intersubjective intention, while the second function would be related to a more interpersonal and more intersubjective intention. In addition, the analysis highlighted that the semantic prosody of the verb often times is totally different from that of the former noun. In this

regard, based on the findings indicated by the analyzed constructional patterns, we proposed a constructional network with denominal verbs.

**Keywords:** Constructional approach to change. Constructional network. Lexical constructionalization. Evaluative constructions with denominal verbs. Intersubjectivity.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	12
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	14
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	22
2.1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU) .....	23
2.1.1 <b>Linguística Funcional Centrada no Uso</b> .....	24
2.1.2 <b>Abordagens construcionais</b> .....	26
2.1.3 <b>A abordagem construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013)</b> .....	31
2.2 PROPRIEDADES DA MUDANÇA .....	34
2.3 MECANISMOS DA MUDANÇA E INTERSUBJETIVIDADE .....	35
2.4 DA LEXICALIZAÇÃO À ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DO LÉXICO....	42
2.5 A AVALIAÇÃO SOB O VIÉS DA PROSÓDIA SEMÂNTICA.....	44
2.6 CONCLUSÕES.....	47
<b>3 VERBOS DENOMINAIS: UMA BREVE REVISÃO</b> .....	50
3.1 VERBOS DENOMINAIS: PRESSUPOSTOS GERAIS E BREVE REVISÃO. .....	50
3.2 CONCLUSÕES.....	56
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	58
4.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	58
4.2 O MÉTODO MISTO.....	60
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	61
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	64
5.1 O ESQUEMA.....	65

5.2	OS SUBESQUEMAS.....	67
<b>5.2.1</b>	<b>Subesquema 1 .....</b>	<b>70</b>
5.2.1.1	<i>Microconstrução 1.1 .....</i>	74
5.2.1.2	<i>Microconstrução 1.2 .....</i>	80
5.2.1.3	<i>Microconstrução 1.3.....</i>	86
5.2.1.4	<i>Microconstrução 1.4.....</i>	99
5.2.1.5	<i>Microconstrução 1.5.....</i>	92
<b>5.2.2</b>	<b>Subesquema 2 .....</b>	<b>99</b>
5.2.2.1	<i>Microconstrução 2.1 .....</i>	111
5.2.2.2	<i>Microconstrução 2.2.....</i>	117
5.2.2.3	<i>Microconstrução 2.3.....</i>	126
5.2.2.4	<i>Microconstrução 2.4.....</i>	135
5.2.2.5	<i>Microconstrução 2.5.....</i>	131
5.3	CONCLUSÕES.....	135
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>144</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Exemplo de construção avaliativa com o verbo denominal <i>sextar</i> .....	18
Figura 2 -	Exemplo de construção avaliativa com o verbo denominal <i>divar</i> .....	19
Figura 3 -	Representação da construção reproduzida de Croft (2001, p. 18).....	25
Figura 4 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.1.....	76
Figura 5 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.1.....	77
Figura 6 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.1.....	79
Figura 7 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.2.....	82
Figura 8 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.2.....	83
Figura 9 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.2.....	85
Figura 10 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.3.....	88
Figura 11 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.3.....	90
Figura 12 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.3.....	91
Figura 13 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.4.....	95
Figura 14 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.4.....	96
Figura 15 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.4.....	98
Figura 16 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.5.....	91
Figura 17 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.5.....	103
Figura 18 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.5.....	105
Figura 19 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.1.....	112
Figura 20 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.1.....	114
Figura 21 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2.1.....	116

Figura 22 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.2.....	120
Figura 23 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.2.....	123
Figura 24 -	Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2.2.....	125
Figura 25 -	Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.3.....	128
Figura 26 -	Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.3.....	130
Figura 27 -	Exemplo de ocorrência da microconstrução 2.4.....	134
Figura 28 -	Exemplo de ocorrência da microconstrução 2.5.....	137
Figura 29 -	Proposta de rede construcional.....	142

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Linhagens paralelas de formação e desenvolvimento da Gramática de Construções (PINHEIRO; ALONSO, 2018).....	29
Quadro 2 -	Mercado teórico da GC atualmente (PINHEIRO; ALONSO, 2018)....	30
Quadro 3 -	Descrição do esquema da rede.....	66
Quadro 4 -	Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas da rede.....	68
Quadro 5 -	Representação do pareamento forma-função do subesquema 1.....	71
Quadro 6 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.1.....	74
Quadro 7 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.2.....	80
Quadro 8 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.3.....	87
Quadro 9 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.4.....	93
Quadro 10 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.5.....	99
Quadro 11 -	Representação do pareamento forma-função do subesquema 2. ....	105
Quadro 12 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.....	108
Quadro 13 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.2.....	111
Quadro 14 -	Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.3.....	118

Quadro 15 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.4.....	132
Quadro 16 - Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.5.....	136

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição de microconstruções por subesquema.....	67
Tabela 2 -	Frequência dos padrões microconstrucionais do subesquema 1.....	72
Tabela 3 -	Ocorrências de cada padrão microconstrucional do subesquema 1.....	73
Tabela 4 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.1.....	75
Tabela 5 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.2.....	81
Tabela 6 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.3.....	87
Tabela 7 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.4.....	94
Tabela 8 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.5.....	100
Tabela 9 -	Frequência dos padrões microconstrucionais do subesquema 2.....	109
Tabela 10 -	Ocorrências de cada padrão microconstrucional do subesquema 2.....	110
Tabela 11 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.1.....	112
Tabela 12 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.2.....	119

Tabela 13 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.3.....	127
Tabela 14 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.4.....	132
Tabela 15 -	Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.5.....	136

## 1 INTRODUÇÃO

As mudanças que ocorrem na língua são recorrentes objetos de estudo da Linguística. Nesse contexto, falamos em novas construções, as quais surgem com novas funções linguísticas, denominadas como “pareamento forma-sentido” (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Mais recentemente, Goldberg (2016) propõe que construções são pareamentos de forma e função e que novas construções surgem na língua a partir da urgência de uma nova função linguística.

Sendo assim, percebe-se que as novas construções são utilizadas e incorporadas à gramática e ao léxico, devido à necessidade comunicativa dos locutores, os quais tendem a ser cada vez mais expressivos. Logo, as inovações linguísticas dependem da interação e da comunicação, isto é, do uso, e não ocorrem de maneira aleatória.

Nesse sentido, nos pautamos, neste trabalho, na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), abordagem que concebe a língua a partir de seu uso real, em contextos reais de comunicação, assumindo, então, que a gramática e o léxico da língua são moldados pelo uso linguístico. As pesquisas da LFCU coadunam princípios formulados no âmbito do funcionalismo de vertente norte-americana e da Gramática de Construções (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016). Enquanto no funcionalismo clássico – estudos pioneiros da vertente norte-americana – assume-se a correlação *função > forma*, na LFCU, assume-se a bidirecionalidade *função < > forma*, isto é, ambas constituem igual estatuto e igual importância.

Além disso, como tratamos da mudança linguística relativa a construções avaliativas, tomamos como principal aporte teórico a abordagem construcional da mudança – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, a qual explica processos de mudança linguística partindo do uso real.

Posto isso, propomos, neste trabalho, a organização de uma rede construcional constituída por construções avaliativas com verbos denominais, isto é, verbos formados a partir de nomes<sup>1</sup>, como, por exemplo: *sexta-feira* – que origina

---

<sup>1</sup> Alguns autores classificam como verbos denominais aqueles formados tanto a partir de nomes quanto a partir de adjetivos. Contudo, neste trabalho, são objetos de estudo apenas verbos denominais formados a partir de nomes.

*sextar* –, *diva* – que origina *divar* –, *bug* – que origina *bugar* – etc.. Esses verbos vêm sendo amplamente utilizados no português brasileiro, principalmente em contextos informais, como em redes sociais e propagandas, quando o locutor avalia um evento ou uma atividade.

Apresentamos, abaixo, dois exemplos de ocorrências retiradas do *corpus* analisado, de forma a ilustrar o tipo de construções avaliativas investigadas no presente trabalho: aquelas constituídas por verbos denominais.

Figura 1 – Exemplo de construção avaliativa com o verbo denominial *sextar*



Fonte: *Twitter* (2019).

Figura 2 – Exemplo de construção avaliativa com o verbo denominal *divar*



Fonte: *Twitter* (2018).

Na ocorrência presente na Figura 1, a locutora utiliza uma construção avaliativa com o verbo denominal *sextar*, formado a partir do nome “sexta-feira”. Já na ocorrência presente na Figura 2, a locutora utiliza uma construção avaliativa com o verbo denominal *divar*, formado a partir do nome *diva*. Em ambos os casos, há uma avaliação (WHITE, 2003)<sup>2</sup> positiva, seja em relação ao evento “sextar” ou à atividade de *divar*. Além disso, no caso das duas ocorrências, a prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome que origina o verbo – tanto de *sexta-feira* quanto de *diva* – é mantida no verbo. De forma geral, trata-se de construções lexicais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) avaliativas com verbos denominais que se apresentam como altamente expressivas e intersubjetivas. Essas e outras ocorrências serão analisadas, detalhadamente, na seção 5 deste trabalho.

<sup>2</sup> Estes e outros conceitos serão discutidos, de forma detalhada, na seção 2.

Como assumimos nesta dissertação, esse tipo de construção surgiu na língua pela necessidade de maior expressividade e agilidade no posicionamento do locutor, uma vez que permite transmitir mais informação por meio de um conteúdo linguístico reduzido, resumindo em apenas uma palavra uma ideia ou um sentimento compartilhado por uma pessoa ou um grupo de pessoas. Logo, construções avaliativas com verbos denominais podem carregar significados complexos, evidenciando a intersubjetividade do locutor ao revelar seu posicionamento em relação a um evento ou uma atividade.

Ao propormos uma rede construcional, nos pautamos nos princípios da construcionalização lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que, em acordo com os pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), caracteriza-se pela instanciação de novos pares forma-sentido (ou, ainda, forma-função), isto é, de novas construções que passam a compor o léxico da língua. Além disso, para a análise das ocorrências, nos baseamos nos conceitos de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014). A noção de intersubjetividade, no que tange à análise realizada neste trabalho, está diretamente relacionada aos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), os quais são empregados como categorias analíticas.

Há muitos trabalhos que estudam a formação de verbos a partir de nomes, os quais têm sido chamados de verbos denominais (COSTA, 2008; WACHOWICZ, 2008; BASSANI, 2009). Entretanto, não encontramos estudos que se concentrem na análise desse objeto com base nos pressupostos da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) ou sob o ponto de vista da avaliação (WHITE, 2003) e da prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014).

Sendo assim, as construções que constituem a rede proposta aqui fazem parte do *corpus* analisado e são amplamente utilizadas. Nesse sentido, nossas hipóteses são: (i) o verbo denominal carrega consigo a carga semântica do nome a partir do qual foi formado e, (ii) com base em características em comum, é possível agrupar tais verbos em uma rede de construções hierarquicamente organizada, cujo

nível mais alto representa o mais abstrato, que é constituído pelos traços comuns identificados.

Considerando as hipóteses levantadas, nos propomos a cumprir os seguintes objetivos ao longo deste trabalho: (i) analisar e descrever os padrões microconstrucionais avaliativos com verbos denominais, conjugados no passado (terminações *-ei* e *-ou*), no gerúndio (terminação *-ando*) e no infinitivo (terminação *-ar*), e (ii) propor uma rede taxonômica de construções a partir dos padrões observados e analisados, organizada nos níveis esquemáticos estabelecidos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução.

A fim de cumprir os objetivos acima propostos, analisamos os dados retirados de um *corpus* escrito sincrônico atual – com um total de 1.677.627 palavras –, constituído por 10 perfis da rede social *Twitter* e representado por quatro amostras pertencentes aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Para a análise, foi utilizado o método misto, que correlaciona análise qualitativa e quantitativa, considerando que, conforme afirma Cunha Lacerda (2016), essa metodologia pode contribuir para a compreensão da regularidade de inovações que emergem na língua no âmbito da abordagem construcional.

Assim sendo, de modo a confirmar as hipóteses levantadas e a cumprir os objetivos propostos, organizamos este trabalho da seguinte maneira: na seção 1, introduzimos sobre o que se trata este trabalho; na seção 2, discutimos os fundamentos teóricos nos quais a análise dos dados se baseia; na seção 3, realizamos uma breve revisão bibliográfica de alguns trabalhos mais significativos no âmbito dos estudos sobre verbos denominais; na seção 4, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho; na seção 5, propomos uma análise das microconstruções e de suas respectivas ocorrências e a organização de uma rede construcional; e, por fim, na seção 6, encaminhamos algumas considerações finais.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta seção tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica em que se baseia esta pesquisa acerca do surgimento de novas construções avaliativas com verbos formados a partir de nomes. Portanto, discutiremos aspectos fundamentais relacionados à abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) – mais especificamente, à construcionalização lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) –, avaliando de que maneira ela se relaciona com a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016).

Além disso, tendo em vista que as construções avaliativas com verbos denominais analisadas neste trabalho acabam por revelar a expressividade e, conseqüentemente, a intersubjetividade do locutor, a noção de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) configura outro pressuposto teórico fundamental e, por isso, também será explicitada nesta seção.

Neste trabalho, atrelados à concepção de intersubjetividade estão os conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014), de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982). Logo, também serão brevemente apresentados nesta seção.

Assim sendo, na subseção 2.1, tratamos da abordagem construcional da mudança, inserindo-a no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso. Essa seção será dividida da seguinte maneira: na subseção 2.1.1, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU); na subseção 2.1.2, descrevemos brevemente algumas abordagens construcionais, a fim de delimitar o panorama histórico até o surgimento da abordagem construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a qual é apresentada na subseção 2.1.3 e serve como base para a análise realizada deste trabalho.

Na subseção 2.2, tratamos das propriedades da mudança linguística e, na subseção 2.3, explicitamos os mecanismos da mudança e o conceito de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004). Além disso, apresentamos brevemente as noções de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e de pistas

de contextualização (GUMPERZ, 1982), as quais servem como procedimentos de análise neste trabalho.

Em seguida, na subseção 2.4, revisamos brevemente os conceitos de lexicalização – a partir dos trabalhos de Bussmann (1996), Blank (2001) e Hilmelmann (2004) – e discutimos os pressupostos da abordagem construcional do léxico – nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Nesse contexto, veremos que este trabalho tem como base teórica a noção de construcionalização lexical, propondo-se à organização de uma rede hierárquica de microconstruções avaliativas com verbos denominais.

Na subseção 2.5, tratamos do conceito de prosódia semântica, especialmente no contexto da noção de avaliação. Nesse sentido, descrevemos como aplicamos esse conceito na seção de análise deste trabalho, levando em consideração as pistas de contextualização evidenciadas nas imagens e/ou no texto apresentados pelo locutor.

Por fim, na subseção 2.6, sintetizamos as conclusões desta seção.

## 2.1 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)

Nesta seção, discutimos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e os motivos pelos quais os estudos da mudança linguística devem levar em conta o uso real da língua. Nesse contexto, apresentamos, de forma sumária, as abordagens construcionais, incluindo aquela de Traugott e Trousdale (2013), perspectiva sob a qual o objeto deste trabalho é analisado.

Este trabalho situa-se sob a perspectiva do funcionalismo linguístico, o qual concebe a língua como um instrumento de interação social, como sendo moldada de acordo com funções e necessidades comunicativas; isto é, nenhuma mudança linguística ocorre de forma arbitrária. Desse modo, o estudo das construções avaliativas com verbos denominais contribui de forma relevante para os estudos

linguísticos de cunho funcionalista e construcional, visto que a instanciação de novas construções lexicais modifica o léxico da língua.

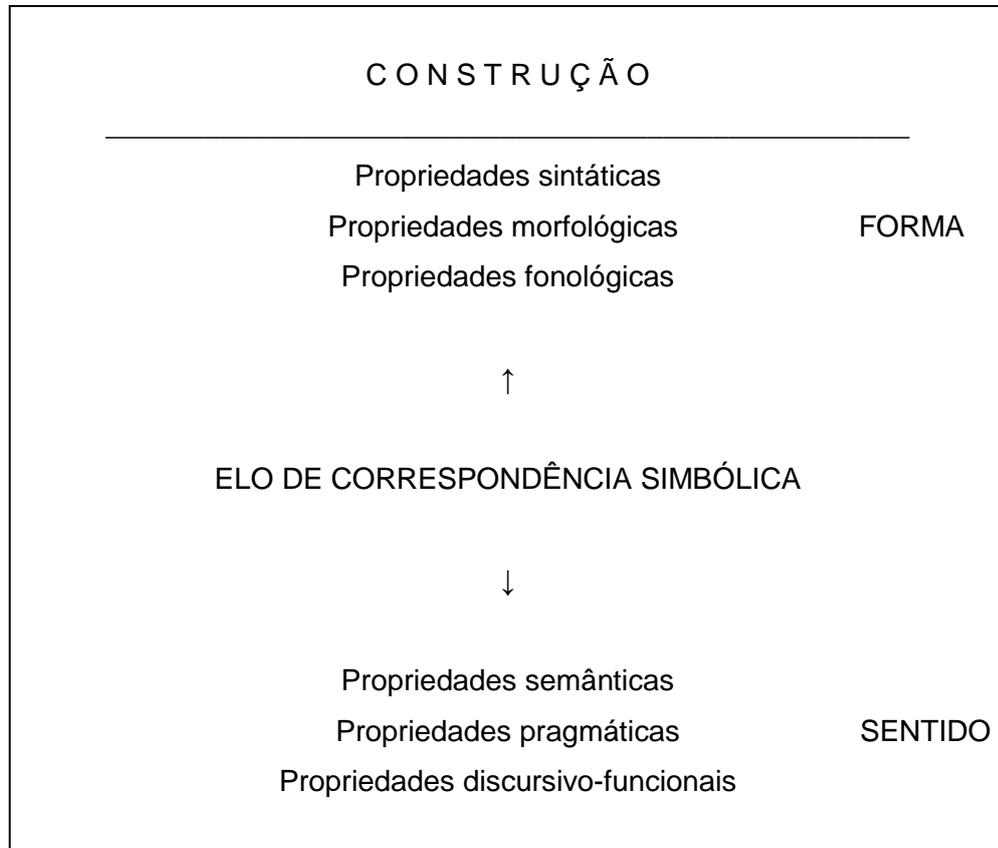
### 2.1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

A LFCU – versão contemporânea do funcionalismo – compreende uma abordagem teórica, cujo termo foi cunhado por Martelotta (2011) e endossado por Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016), Bispo e Silva (2016), entre outros, no âmbito dos estudos do grupo Discurso & Gramática. Constituindo uma versão contemporânea do funcionalismo, a LFCU tem como princípios básicos: (i) a (re)modelagem da gramática da língua pelo uso; (ii) a investigação da língua sob o ponto de vista da gramática e do discurso simultaneamente e (iii) a relação estreita entre estruturas linguísticas e suas funções no contexto comunicativo.

Somados a esses três princípios, alguns pressupostos da Gramática de Construções (GC) contribuem fundamentalmente para a LFCU. Da GC, a LFCU toma os conceitos de *construção* como unidade básica da língua, que se estabelece pela convencionalização do pareamento forma-função, e de *rede hierárquica* como um inventário de construções que se relacionam em termos de esquematicidade.

A construção é entendida como sendo uma unidade básica da língua. Para Goldberg (1995, 2006), ela constitui um pareamento de forma e sentido convencionalizado pelos locutores. Para Croft (2001), qualquer estrutura gramatical constitui uma construção na língua – desde morfemas a padrões completamente esquemáticos. Nesse contexto, Croft (2001) apresenta o seguinte modelo de constituição da construção:

Figura 3 – Representação da construção reproduzida de Croft (2001, p. 18)



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Fica evidente que, para a LFCU, há uma relação estrita e indissociável entre os aspectos formais e funcionais de uma construção, isto é, há uma interface entre gramática e discurso, os quais atuam ao mesmo tempo, sendo um (re)modelado pelo outro. Além disso, indo ao encontro do que assume a Linguística Cognitiva, a abordagem da LFCU baseia-se em um processo conceptual de categorização linguística, que se realiza com base na representação cognitiva da experiência do indivíduo no mundo físico e sociocultural. Assim, fatores cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos motivam as formas linguísticas.

Como já ressaltamos acima, as pesquisas da LFCU coadunam princípios formulados no âmbito do funcionalismo de vertente norte-americana e da Gramática de Construções (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016). Enquanto no funcionalismo clássico assume-se a correlação função > forma, na LFCU

assume-se a bidirecionalidade *função < > forma*. Logo, tanto a forma quanto a função de uma construção constituem igual estatuto e igual importância (OLIVEIRA; ARENA, 2016).

Desse modo, o surgimento de novos pareamentos forma-função na língua, como é o caso dos verbos analisados neste trabalho, configura novas construções, que se mostraram necessárias conforme o uso linguístico, ou seja, conforme o discurso. Isto é, a gramática constitui a própria organização cognitiva da experiência do indivíduo com a linguagem.

Nesse sentido, as novas construções são categorizadas na mente do locutor e organizadas em rede. Segundo Bybee (2010), a categorização é a capacidade cognitiva mais básica do ser humano, e seria por meio desse processo cognitivo que unidades linguísticas, com forma e função, surgiriam na língua. Desse modo, a categorização está relacionada às representações, ou esquemas simbólicos, existentes na língua – os usuários da língua categorizam novos dados com base em representações exemplares já existentes.

Na subseção a seguir, descrevemos brevemente algumas abordagens construcionais, a fim de delimitar o panorama histórico desde o advento das noções de “construção” e de “rede”, até o surgimento da abordagem construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

### **2.1.2 Abordagens construcionais**

Como vimos, o termo “construção” advém da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004; dentre outros), a qual se desenvolveu no âmbito da Linguística Cognitiva. A língua é entendida por este modelo como uma rede de nós interligados por elos que se estabelecem de maneira hierárquica. Nesse sentido, de acordo com Croft (2001), cada construção constitui um nó na rede taxonômica de construções.

O modelo construcional surgiu de forma tímida no contexto da Linguística Cognitiva, apesar de não haver nenhuma referência à palavra “construção”. Todavia, segundo Pinheiro e Alonso (2018), esse termo não precisa estar presente para considerarmos algo ou alguém como adepto às abordagens teóricas no âmbito da

Gramática de Construções (GC). Os autores afirmam que basta assumir que as unidades básicas da gramática são “unidades linguísticas convencionais” e que o conhecimento gramatical do locutor é uma coleção estruturada dessas unidades.

O olhar para a necessidade de uma abordagem construcional da língua deu seus primeiros passos em 1984, com a publicação de um artigo por Paul Kay, no âmbito da Sociedade de Linguística de Berkeley (BLS, na sigla em inglês). O autor constatou certo consenso e padrão em construções do inglês como “sort of” / “sorta” e “kind of” / “kinda” e intitulou a última seção de seu trabalho como “Grammatical constructions”. Kay deixou, então, sua constatação de que “o tratamento tradicional, que isola a sintaxe e a semântica do léxico e da pragmática, parecia incapaz de explicar o conhecimento gramatical que está por trás de sentenças com os *hedges* ‘sort of’ e ‘kind of’” (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 6).

Em seguida, Charles Fillmore publicou um trabalho, em 1985, ainda no âmbito da BLS, no qual analisava construções gramaticais e, no final, também citava a importância de uma análise que fosse baseada na abordagem construcional, indicando, de maneira evidente, uma influência da proposta de Kay. Três anos depois, em 1988, Fillmore, Kay e Catherine O’Connor, juntos, publicaram um trabalho seguindo o mesmo caminho. Todavia, apesar de esses autores falarem em construções gramaticais, não abordavam a Gramática de Construções, tampouco esboçavam modelos alternativos que levassem em conta a necessidade de uma abordagem construcional defendida pelos próprios autores.

Nesse contexto, o pioneirismo ao tratar de uma abordagem construcional de gramática pertence a Fillmore (1988), quando, no mesmo ano, publicou um texto no qual esboçava “as engrenagens de um novo modelo teórico” (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 9), intitulado pelo autor como “Construction Grammar”. Ainda, nesta mesma época, George Lakoff, colega de Fillmore e Kay, também desenvolvia um modelo de base construcionista. Em 1974, ele publicou um trabalho inovador, no qual sugeriu que a “regra de amalgamação” – agrupamento de construções de acordo com semelhanças sintáticas – poderia ser aplicada não só no caso de construções pouco convencionais, mas também em outros casos. Em outras palavras, Lakoff considerava “estender a ideia de amalgamação à totalidade da gramática” (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 11).

Apesar das semelhanças entre os trabalhos supracitados, é importante ressaltarmos que o projeto construcionista de Fillmore e Kay teve como base uma

pesquisa de caráter mais tradicional e descritivista, enquanto o de Lakoff uniu a Linguística a outras ciências cognitivas. Posto isso, pode-se afirmar que Fillmore, Kay e Lakoff foram grandes protagonistas na formação da Gramática de Construções.

Além desses autores, a partir da década de 1970, Ronald W. Langacker também deu início a seu próprio modelo de Gramática de Construções, o qual chamou de *Cognitive Grammar*. Sendo assim, o autor trabalha também no campo da Linguística Cognitiva e ressalta a necessidade de diferenciar estruturas conceptuais de estruturas semânticas ao estudar as diferenças semânticas entre sentenças aparentemente sinônimas e sondar o funcionamento do sistema conceptual não-linguístico. Além disso, Langacker assume que “a GRAMÁTICA de uma língua [...] é simplesmente um INVENTÁRIO ESTRUTURADO DE UNIDADES LINGUÍSTICAS CONVENCIONAIS” (LANGACKER, 1982, p. 25; grifos do autor; tradução nossa)<sup>3</sup>, deixando clara sua visão construcionista.

Em 1995, foi publicada a tese de Adele Goldberg, autora que também explora o campo da Gramática de Construções. Orientada por Lakoff, Goldberg desenvolveu uma GC que não leva em consideração o uso linguístico e exclui os efeitos da frequência. Para a autora, “apenas uma irregularidade sintática ou semântica é capaz de fazer com que um determinado enunciado se qualifique como uma construção” (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 18).

No que diz respeito ao caráter “usage-based”, ao contrário de Fillmore e Kay e das versões iniciais do modelo de Lakoff e Goldberg, Langacker já considerava o uso linguístico em sua *Cognitive Grammar*, ainda que de forma subfocalizada. Em 1988, em um capítulo de livro dedicado exclusivamente ao modelo “usage-based”, Langacker detalha como se daria esse caráter em seu modelo de GC.

Em resumo, os autores citados até aqui compartilham a ideia de que a língua é uma rede de unidades simbólicas, porém apenas Langacker considera um caráter redundante para essa rede. Além disso, os estudos de Lakoff e Goldberg se assemelham ao de Langacker ao buscarem explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais. O quadro abaixo, retirado do artigo “30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do

---

<sup>3</sup> Cf.: “The GRAMMAR of a language, in space grammar terms, is simply a STRUCTURED INVENTORY OF CONVENTIONAL LINGUISTIC UNITS” (LANGACKER, 1982, p. 25).

movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou)”, de Pinheiro e Alonso (2018), sintetiza essa comparação entre os modelos citados até o momento.

Quadro 1 – Linhagens paralelas de formação e desenvolvimento da Gramática de Construções (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 21)

	<b>Anomalia</b>	<b>Incorpora processos associados à cognição geral?</b>	<b>Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?</b>
<b>Fillmore / Kay</b>	Idiomatismos sintáticos	Não	Não
<b>Lakoff / Goldberg</b>	Idiomatismos sintáticos	Sim	Não
<b>Langacker</b>	Diferenças semânticas sutis associadas às “imagens mentais”	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21).

A partir do final da década de 1990, esse cenário sofre algumas mudanças. Primeiro, a GC lakoff-goldbergiana passa a considerar o uso linguístico e também os efeitos da frequência. Ademais, surgem novas variantes da GC – o livro *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013) contabiliza sete modelos. Abaixo, mais um quadro de Pinheiro e Alonso (2018) representa bem essas alterações.

Quadro 2 – Panorama teórico da GC atualmente (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p.21-22)

	<b>Incorpora processos associados à cognição geral?</b>	<b>Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?</b>
<b>Berkeley Construction Grammar</b> (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)	Não	Não
<b>Sign-Based Construction Grammar</b> (BOAS; SAG, 2012)	Não	Não
<b>Cognitive Construction Grammar</b> (GOLDBERG, 2006; a sair)	Sim	Sim
<b>Cognitive Grammar</b> (LANGACKER, 1987; 1991)	Sim	Sim
<b>Radical Construction Grammar</b> (CROFT, 2001)	Sim	Sim
<b>Fluid Construction Grammar</b> (STEELS, 2011)	Sim	Sim
<b>Embodied Construction Grammar</b> (BERGEN; CHANG, 2005)	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21-22).

Com base no quadro acima, podemos afirmar que a GC atual está dividida em duas grandes áreas: (i) a área cujos modelos se baseiam no uso (“usage-based”), pautando-se em uma abordagem funcional-cognitiva; e (ii) a área cujos modelos são baseados na competência (“competence-based”). Assim, tanto a Berkeley Construction Grammar quanto a Sign-Based Construction Grammar não consideram o uso/desempenho linguístico, mas apenas a competência, isto é, a gramática do locutor depende apenas do *input* a que ele é exposto. Em

contrapartida, todos os demais modelos da GC consideram que a gramática da língua é resultado do uso, ou ainda, da experiência linguística do locutor.

Desse modo, podemos concluir que o panorama atual da GC une cognição geral e uso linguístico e “é o resultado de um deslocamento do modelo lakoff-goldbergiano em direção à linguística baseada no uso” (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 23).

Na seção seguinte, discutiremos pontualmente os pressupostos do modelo de Gramática de Construções de Traugott e Trousdale (2013), abordagem na qual este trabalho se baseia.

### **2.1.3 A abordagem construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013)**

Como foi possível depreender na subseção anterior, as abordagens construcionais mais atuais – mais especificamente, a partir da Cognitive Construction Grammar (2006) – levam em consideração o uso e a cognição, os quais se tornam indissociáveis. Entretanto, tendo em vista que construções não são unidades estáticas (caso contrário, a gramática e o léxico seriam sempre os mesmos), a mudança linguística é uma importante questão, apesar de ainda não ser focalizada nesses modelos.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale publicaram, em 2013, a obra *Constructionalization and Constructional Changes*, no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso, servindo como grande contribuição para os estudos construcionais. Nesse trabalho, os autores adotam um enfoque construcional para a mudança linguística – tanto para a gramática quanto para o léxico – e assumem a língua como um conjunto de construções hierarquicamente organizadas em redes. Desse modo, fundamentando-se na perspectiva de Croft (2001), os autores acreditam que construções não são instanciadas de forma isolada e consideram que cada construção representa um nó na rede.

Com base na definição de Goldberg (1995, 2006, 2016), Traugott e Trousdale (2013) assumem o sentido de construção como sendo uma unidade simbólica e convencional que se estabelece na língua e que é formada por um pareamento forma-função, no qual os aspectos formais e funcionais são correlacionados e bidirecionais. Posto isso, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2018, p. 184)

identificam, nessa obra, três grandes contribuições da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013) para os estudos da GC, a saber:

- i) a proposição de um modelo voltado exclusivamente para o tratamento da mudança linguística a partir da compreensão de que as construções que emergem na língua são organizadas em redes taxonômicas hierarquicamente constituídas e organizadas; ii) a proposição de um modelo que compreende a mudança linguística a partir de duas diferentes dimensões, as quais os autores intitulam de mudança construcional e construcionalização; e iii) a proposição de um modelo que visa a dar conta, de maneira sistemática, da mudança que ocorre tanto na gramática quanto no léxico.

No que se refere à diferença entre mudança construcional e construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), temos que a primeira constitui mudanças que afetam características de uma construção já existente, sejam aspectos relacionados à forma (natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (natureza semântica, pragmática e discursiva), mas que não necessariamente levam ao surgimento de uma nova microconstrução. Já a construcionalização – que pode ser gramatical ou lexical – envolve a convencionalização de um novo pareamento forma-sentido na língua<sup>4</sup>. Sendo assim, as novas construções podem ser criadas tanto gradualmente (procedurais) quanto instantaneamente (de conteúdo). No caso do processo de construcionalização, a mudança construcional é sucedida pela criação de um novo par forma<sub>(nova)</sub> – sentido<sub>(novo)</sub>.

Partindo para a representação das construções, os autores adotam a notação  $[[F] \leftrightarrow [M]]$ , na qual F simboliza a forma e M representa o sentido. Além disso, a flecha apontada para os dois lados especifica a ligação entre forma e sentido, enquanto os colchetes externos determinam que o pareamento forma-sentido é uma unidade convencionalizada. Um importante aspecto para a convencionalização de uma construção na língua é o uso, mais especificamente, a frequência. Logo, quanto mais um uso ainda não convencionalizado – o chamado construto<sup>5</sup> – for utilizado,

<sup>4</sup> Como a análise realizada neste trabalho trata especificamente de construções com verbos formados a partir de nomes – os chamados verbos denominais –, na subseção 2.4., abordaremos, mais pontualmente, o conceito de construcionalização lexical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), ao cotejá-lo com a noção de lexicalização.

<sup>5</sup> Segundo Traugott e Trousdale (2013), os construtos são o *locus* da mudança, constituindo ocorrências empiricamente atestadas, ou seja, atuando como são instâncias do uso em

compartilhado e reproduzido pelos falantes de uma língua, mais chances esse construto tem de se tornar uma convenção e, por consequência, ser instanciado como nova microconstrução na rede.

Como já ressaltamos anteriormente, Traugott e Trousdale (2013) defendem a ideia de que as construções linguísticas estão organizadas, de forma hierárquica, em redes taxonômicas. Essa concepção da estrutura da língua tem relação com o trabalho desenvolvido pela psicologia cognitiva, que trata outros aspectos do conhecimento como estando organizados em rede. Uma linha recente de pensamento sobre redes enfoca a semântica e o léxico (por exemplo, LAKOFF, 1987; BRUGMANN; LAKOFF, 1988). Para esses autores, a questão mais importante é como explicar as numerosas relações em que os itens lexicais estão envolvidos. Assim, Brugmann e Lakoff (1988) propõem que a polissemia irradia de um protótipo ou “significado central” em forma de extensões.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) tratam da abordagem construcional da mudança no contexto dessas redes com base na distinção entre três níveis de esquematicidade. São eles: microconstrução, subesquema e esquema. As microconstruções podem ser entendidas como as construções individuais propriamente ditas, que ocorrem com a formação de um novo pareamento forma-função, sendo muito produtivas e já convencionalizadas na língua. Por sua vez, os subesquemas estão relacionados ao conjunto de semelhanças entre diferentes microconstruções. Por fim, os esquemas se referem à categoria mais abstrata e esquemática da rede, nos quais estão inseridas as construções mais genéricas, estruturas complexas com diferentes possibilidades de preenchimento (*slots*). Na subseção a seguir, trataremos das três propriedades da mudança linguística, conforme postulam Traugott e Trousdale (2013).

---

uma ocasião específica. Além disso, os construtos são imbuídos de significado pragmático, o qual não pode ser compreendido fora de um evento de fala particular.

## 2.2 PROPRIEDADES DA MUDANÇA

A fim de sistematizar seu modelo de GC com ênfase na mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) evidenciam três propriedades envolvidas no processo de mudança, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade consiste na propriedade de categorização relacionada à abstração. Segundo os autores, “um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, podendo ser linguísticas ou não” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13, tradução nossa)<sup>6</sup>. Assim, os usuários da língua percebem (inconscientemente) abstrações entre conjuntos de construções e relacionam umas as outras na rede construcional.

Por sua vez, a produtividade é uma propriedade que está altamente relacionada à frequência, que, nos termos de Bybee (2003, 2011), pode ser caracterizada como frequência *token* ou frequência *type*. Enquanto a frequência *token* está relacionada ao número de vezes que os construtos ocorrem na língua, isto é, as unidades empiricamente atestadas, a frequência *type* consiste no número de expressões diferentes que um padrão específico possui.

Por fim, “a propriedade de composicionalidade está relacionada ao nível de transparência da ligação entre forma e significado”<sup>7</sup> (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução nossa). Além disso, a composicionalidade é pensada em termos semânticos (o significado do todo é construído com base no significado das partes) e sintáticos (expressões mais complexas são formadas com base em expressões menores e mais básicas). Sendo assim, quanto mais difícil é perceber e separar as partes de uma construção, menos composicional ela é, ou ainda, mais entrincheirada.

Posto isso, podemos concluir que, a fim de explorar adequadamente tais propriedades – as quais servem como suporte para o estudo da rede de construções como um todo –, a abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), pode beneficiar-se de análises de caráter misto, conciliando o método qualitativo e o método quantitativo. Nesse contexto, segundo Cunha Lacerda (2016, p. 88-89),

<sup>6</sup> Cf.: “A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13).

<sup>7</sup> Cf.: “Compositionality is concerned with the extent to which the link between form and meaning is transparent” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.19).

[...] caberia, principalmente, a uma análise qualitativa de dados as seguintes funções: a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua. Já o levantamento da frequência de uso, que compreende uma análise de natureza quantitativa, se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo for: d) comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; e) compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e f) verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Como vimos nesta seção e na seção anterior, a abordagem construcional, proposta por Traugott e Trousdale (2013), é inovadora principalmente ao apresentar, no âmbito da Gramática de Construções, um modelo cujo principal enfoque é a mudança linguística. Assim, a proposta de uma diferenciação entre dimensões da mudança – mudança construcional e construcionalização – e de três propriedades – esquematicidade, composicionalidade e produtividade –, as quais influenciam na formação de novas construções, constitui uma grande contribuição da abordagem construcional da mudança.

Ainda nesse contexto, vimos que novas construções estão sempre surgindo e que, por esse motivo, a rede construcional é altamente maleável. Todavia, ficam ainda os questionamentos: como essas mudanças se dão na língua? Por que elas ocorrem? Na seção seguinte, abordamos os mecanismos da mudança linguística a fim de responder a essas perguntas.

### 2.3 MECANISMOS DA MUDANÇA E INTERSUBJETIVIDADE

A abordagem construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), trata das motivações e do processo da mudança. Nesse contexto, os autores falam em

“motivações baseadas na cognição, como o pensamento analógico e a aquisição”<sup>8</sup> (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35, tradução nossa), assim como falam em “motivações comunicativas, incluindo a de querer se apresentar de forma única e notável (ou como membro de um grupo)”<sup>9</sup> (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35, tradução nossa). Como vimos, a mudança é um processo criativo que ocorre a partir do uso da língua, em situações reais e por pessoas que buscam ser cada vez mais expressivas. Além disso, a gramática e o léxico são modificados diante do surgimento de novas construções. Desse modo, ao tratarem da mudança, os autores citam dois mecanismos que podem explicar como e por que ela ocorre. São eles: neoanálise e analogização<sup>10</sup>.

A neoanálise – como preferem chamar Traugott e Trousdale (2013)<sup>11</sup> – pode ser definida como “a modificação de um elemento de uma construção” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, tradução nossa)<sup>12</sup>. Ademais, a neoanálise só pode ser percebida quando observamos o uso linguístico e nos deparamos, por exemplo, com novas construções que servem a novos propósitos – diferentes daqueles já existentes –, isto é, construções que possuem novas funções. Sendo assim, uma construção que já existia na língua, devido a uma nova necessidade comunicativa, é recrutada cognitivamente e ganha uma nova função, formando um novo pareamento forma-função e, conseqüentemente, uma possível nova construção (caso se convencionalize). Assim, de forma inconsciente, os falantes da língua fazem uma “nova análise” (neoanálise) dessa nova construção, identificando sua nova função e utilizando-a conforme suas necessidades comunicativas.

---

<sup>8</sup> Cf.: “[...] cognitively-based motivations, such as analogical thinking and acquisition” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35).

<sup>9</sup> Cf.: “[...] as well as communicative ones, including wanting to present oneself as in some way unique or noticeable (or as a member of a group)” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35).

<sup>10</sup> Aqui, é importante definirmos as diferenças entre “analogização” e “pensamento analógico”, como fazem Traugott e Trousdale (2013). Segundo os autores, o pensamento analógico combina aspectos do significado e da forma. Ele torna a mudança possível, mas não é garantia de que ela ocorra. Por outro lado, afirmam que a analogização é um mecanismo/processo de mudança que gera novas combinações entre significados e formas.

<sup>11</sup> Os autores preferem o termo “neoanálise” ao termo “reanálise”, visto que, segundo eles, não é possível que o locutor reanalise e dê um novo significado ou uma nova função a uma construção que ainda não conhece. Assim, como essa construção ainda não foi internalizada, o que ocorre é uma nova análise (neoanálise), que dá à construção um novo sentido.

<sup>12</sup> Cf.: “[...] the modification of an element of a construction” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21).

Posto isso, apesar de Traugott e Trousdale (2013) afirmarem que a neoanálise compreende os micropassos que ocorrem em uma mudança construcional, no caso da construcionalização lexical – abordagem na qual este trabalho se baseia –, a mudança construcional que a antecede ocorre de forma instantânea. Isto é, o locutor produz um novo verbo a partir de um nome durante o uso da língua e, a partir daí, caso esse novo verbo venha a ser utilizado com frequência e também por outros locutores, pode ser convencionalizado e considerado, de fato, uma nova construção.

Apesar de a neoanálise estar geralmente associada a micropassos para uma mudança diacrônica, neste trabalho, a compreendemos como sendo um meio de ressignificação de construções já existentes para a formação de novas construções na língua. Haja vista que as construções analisadas nesta dissertação ocorrem via construcionalização lexical, isto é, de forma instantânea e sincrônica, não caberia falar em micropassos.

É válido lembrar que o modelo teórico de Traugott e Trousdale (2013), no qual este trabalho se fundamenta, foi, a princípio, desenvolvido para tratar dos fenômenos linguísticos diacrônicos. Contudo, como demonstram Rosário e Lopes (2017), e corroboram Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019), é possível, por meio desse mesmo modelo, justificar instanciações que estão ocorrendo na língua no tempo presente.

Nesse sentido, Rosário e Lopes (2017) propõem a denominação “construcionalização gramatical sincrônica” e, em 2019, cunham o termo “construcionalidade”, que os autores classificam como sendo “uma categoria analítica que busca descrever as relações horizontais e verticais entre construções no plano sincrônico” (ROSÁRIO; LOPES, 2019, p.83). Apesar de lançarem uma proposta baseada em construções procedurais da língua portuguesa, Rosário e Lopes (2019) defendem que também seja possível a elaboração de um modelo sincrônico voltado para construções de conteúdo, isto é, lexicais. Sendo assim, evidenciamos e analisamos, neste trabalho, a instanciação e a convencionalização de novas microconstruções com verbos denominais a partir de uma abordagem sincrônica.

Tomando como ponto de partida a proposta de Rosário e Lopes (2017), Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p.186) acrescentam que

[...] [é] possível atestar a dinamicidade da língua mesmo na sincronia, com ênfase na analogização – mecanismo que, juntamente com neoanálise e a frequência de uso (TRAUGOTT, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), promovem a construcionalização gramatical.

A analogização – destacada por Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019) como uma das justificativas para a construcionalização sincrônica – é outro mecanismo da mudança, além da neoanálise, e se baseia na combinação de padrões que dá origem a pareamentos forma-função antes não existentes. Logo, por meio do mecanismo de analogização, instanciamos novas construções na língua a partir de uma comparação cognitiva e involuntária que fazemos com outras construções já existentes, as quais servem de exemplo. Isso porque a língua é altamente recursiva, o que nos leva a crer que parecemos sempre buscar, inconscientemente, o menor esforço cognitivo possível para nos comunicarmos.

Nesse contexto, vale ressaltarmos a definição de protótipo no domínio da rede de construções. A noção de protótipo, baseada nos estudos de Rosch (1973, 1975), constitui uma importante categoria do funcionalismo clássico norte-americano, que se torna central quando se assume a concepção de rede construcional no âmbito da abordagem construcional da mudança. Uma construção é considerada um protótipo quando serve como “significado central” ou, ainda, quando serve de exemplo para que outras construções surjam na língua. Em outras palavras, o significado de novas construções irradia do significado de construções já existentes, como se fossem extensões destas. Assim, a cognição humana tomaria como base construções amplamente utilizadas<sup>13</sup> e já convencionalizadas no léxico e, por meio do caráter recursivo da língua, geraria novos pareamentos forma-função.

Desse modo, quando o interlocutor se depara com uma nova construção não prototípica e altamente expressiva – como “terçar”, por exemplo –, sua cognição busca, por meio dos mecanismos de analogização e de neoanálise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), compreender forma e função, comparando-as a outras semelhantes em construções já convencionalizadas e mais frequentes na língua. Em

---

<sup>13</sup> Microconstruções ampla e frequentemente utilizadas pelos falantes de determinada língua geralmente são entendidas, ainda que de forma inconsciente, como exemplos para a instanciação de novas construções. Logo, são padrões prototípicos a partir dos quais, por extensão e, ainda, por analogização, outras construções surgem na língua. Sendo assim, a noção de protótipo está relacionada à correspondência e à coerência semânticas (GOLDBERG, 1995) entre diferentes pareamentos forma-função.

outras palavras, para entender o sentido de construções inéditas, por vezes muito expressivas e intersubjetivas (TRAUGOTT; DASHER, 2004), o interlocutor, inconscientemente, toma como pista e ponto de partida aquelas cujo pareamento forma-função já é conhecido por ele.

Por “construções mais intersubjetivas” nos referimos àquelas utilizadas pelo locutor quando este deseja ser mais expressivo e chamar a atenção do interlocutor. De acordo com Traugott e Dasher (2004), a intersubjetividade é marcada pela díade falante-ouvinte (ou locutor-interlocutor, conforme assumimos neste trabalho), os quais se posicionam como sujeitos do discurso ao se identificarem como “eu” e identificarem o outro (ouvinte) como “você”. Sendo assim, a subjetividade impõe o locutor no discurso e exprime seu ponto de vista e suas crenças, marcando um posicionamento pessoal. Por outro lado, a intersubjetividade estabelece como os sentidos são codificados pelo locutor de acordo com a imagem (“*self*”) do interlocutor, marcando um posicionamento interpessoal (TRAUGOTT; DASHER, 2004).

Nesse sentido, os autores afirmam que “a ligação entre ‘gramática’ e ‘uso’ está na díade falante-ouvinte/locutor-interlocutor, os quais negociam o significado de maneira interativa, ambos respondendo ao contexto e criando novos contextos” (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 6, tradução nossa<sup>14</sup>). Dessa forma, novas construções cada vez mais expressivas surgem na língua e, a partir do uso, vão sendo convencionalizadas, passando a fazer parte do léxico ou da gramática.

Quando falarmos em intersubjetividade, estamos nos referindo à relação entre locutor e interlocutor no discurso e, de forma mais específica, ao caráter cada vez mais expressivo dos enunciados do locutor, que tenta chamar a atenção de seu interlocutor. Sendo assim, para melhor compreendermos a noção de intersubjetividade presente no uso de construções avaliativas com verbos denominais, é necessário explicitarmos os conceitos de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), tendo em vista que estão relacionados a essa interação e a esse caráter altamente expressivo e que, inclusive, serão aplicados na análise dos dados.

---

<sup>14</sup> Cf.: “[...] the link between “grammar” and “use” is the SP/W – AD/R dyad, who negotiate meaning in interactive ways, both responding to context and creating context” (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 6).

Goffman (1967) afirma que a interpretação que o interlocutor faz das ações do locutor, e vice-versa, depende da perspectiva. Nesse contexto, o autor assume a existência de dois pontos de vista para o locutor: um defensivo – por meio do qual tenta proteger sua face – e um protetivo – por meio do qual tenta proteger a face do outro (GOFFMAN, 1967, p.14). Logo, podemos concluir que nossas falas e ações não dependem somente de nós mesmos, mas da forma como o outro as enxerga, da sua perspectiva ou, ainda, da sua impressão.

Nesse sentido, de acordo com Goffman (1967, p.5, tradução nossa<sup>15</sup>),

[...] o termo “face” pode ser definido como um valor social positivo que uma pessoa efetivamente clama para si a partir de como os outros compreendem sua conduta durante um contato específico. A face é uma imagem do *eu* delineada conforme atributos sociais aprovados [...].

Além da proteção à face, também é possível ocorrer ameaça à face, mesmo que de forma não proposital ou inconsciente, porque, como vimos, nossa fala não depende somente de nós, mas também da intersubjetividade do outro e de sua interpretação. Goffman (1967) afirma que o locutor pode se encontrar em diversas situações de ameaça à face, uma vez que tanto ele quanto seu(s) interlocutor(es) podem ameaçar a própria face ou a do outro.

Desse modo, as interpretações decorrentes das interações estão diretamente relacionadas ao contexto em que os participantes estão inseridos ou, ainda, ao que Goffmann (1974) chama de enquadre. Logo, ao produzir um enunciado, o locutor está sempre levando em consideração, ainda que de forma inconsciente, algumas questões de enquadre como “onde?”, “com quem?”, “quando?”, “de que forma?” etc.. Todo enunciado possui um propósito comunicativo e, para que ele seja compreendido, é necessário estar atento às chamadas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982). Para Gumperz (1982), “qualquer signo verbal ou não verbal que auxilie o falante a fazer insinuações ou esclarecimentos e que auxilie o ouvinte a

---

<sup>15</sup> Cf.: “The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes [...]” (GOFFMAN, 1967, p.5).

fazer tais inferências” (GUMPERZ, 1982, p.229, tradução nossa<sup>16</sup>) pode ser considerado uma pista de contextualização.

Conforme já destacamos, neste trabalho, analisamos dados retirados do *Twitter*, rede social na internet. Sendo assim, as pistas de contextualização presentes no *corpus* analisado são bastante diversificadas, podendo aparecer por meio da escrita – como o alongamento de vogais ou o uso de caixa alta –, por meio de imagens, por meio de *emojis/emoticons* etc.. Além disso, muitas vezes, essas pistas causam uma quebra de expectativa no interlocutor, como quando alguém diz “segundou” e, logo em seguida, afirma com palavras ou sugere, por meio de fotos, estar festejando, o que não se espera em uma segunda-feira. Isso torna a construção ainda mais expressiva e intersubjetiva, chamando a atenção do interlocutor, que precisa prestar muita atenção às pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) fornecidas pelo locutor para acessar seu significado.

Nesta seção, vimos que as mudanças linguísticas surgem por necessidades comunicativas que os locutores têm, buscando ser cada vez mais expressivos e intersubjetivos. Além disso, esses processos ocorrem por meio de dois mecanismos – neanálise e analogização –, um relacionado ao processo de resignificação de construções já existentes até o surgimento de uma nova construção, e o outro relacionado à comparação mental e inconsciente entre padrões que o locutor faz durante esse processo de formação de um novo pareamento forma-função. Vimos também que, para compreender a intersubjetividade do enunciado de um locutor, é preciso estar atento às pistas de contextualização e a possíveis ameaças ou proteções à face.

Conforme observamos, este trabalho pauta-se na noção de construcionalização lexical, propondo-se à organização de uma rede hierárquica de microconstruções avaliativas com verbos denominais. Nesse sentido, na subseção a seguir, revisaremos brevemente os conceitos de lexicalização – a partir dos trabalhos de Bussmann (1996), Blank (2001) e Hilmmelmann (2004) – até o advento da construcionalização lexical – nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

---

<sup>16</sup> Cf.: “[...] any verbal or nonverbal sign that helps speakers hint at, or clarify, and listeners to make such inferences.” (GUMPERZ, 1982, p.229).

## 2.4 DA LEXICALIZAÇÃO À ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DO LÉXICO

Nesta subseção, discutiremos o conceito de lexicalização e traçaremos o caminho teórico, passando pela dissociação entre os estudos do léxico e da gramática, por uma visão mais geral e esquemática das microconstruções, até o advento da abordagem construcional da mudança e, mais especificamente, da abordagem construcional do léxico, na qual este trabalho se ancora.

Durante muito tempo, o termo “lexicalização” foi utilizado como referência, a partir de contraexemplos, à gramaticalização (*degrammaticalization*), tal como o caso de “*if*”, “*and*” e “*but*” quando utilizados como substantivos (“*ifs*”, “*ands*” e “*buts*”). Isto é, a lexicalização ainda era contemplada em um plano oposto ao da gramaticalização, ou seja, léxico e gramática eram estudados separadamente. Aliás, era maior o foco nos estudos da gramática ou, ainda, da gramaticalização, se comparados aos estudos do léxico.

Nesse contexto, a lexicalização é entendida como “a incorporação de uma palavra ao léxico de uma língua como uma forma usual que é armazenada no léxico e que pode ser recrutada para o uso”<sup>17</sup> (BUSSMANN, 1996, n. p., tradução nossa). Pode também ser entendida como “um processo por meio do qual novas entidades linguísticas tornam-se convencionalizadas a nível lexical, sejam elas simples ou complexas, palavras ou apenas novos sentidos”<sup>18</sup> (BLANK, 2001, p. 1603, tradução nossa).

Além disso, a lexicalização também é, muitas vezes, descrita como um processo de redução, a partir do qual um padrão construcional passa de um polo mais gramatical para um polo menos gramatical. Assim, trata-se de “um processo por meio do qual palavras complexas tornam-se simples”<sup>19</sup> (BLANK, 2001, p. 1603, tradução nossa).

---

<sup>17</sup> Cf.: “[...] the adoption of a word into the lexicon of a language as a usual formation that is stored in the lexicon and can be recalled from there for use” (BUSSMANN, 1996, n.p.).

<sup>18</sup> Cf.: “[...] a process by which new linguistic entities, be it simple or complex words or just new senses, become conventionalized on the level of the lexicon” (BLANK, 2001, p. 1603).

<sup>19</sup> Cf.: “Lexicalization is a process by which complex words become simple words” (BLANK, 2001, p. 1603).

Como já salientado, por muitos anos, o foco dos estudos linguísticos foi o desenvolvimento de construções gramaticais e suas potenciais implicações para a gramaticalização, não havendo muito espaço para a investigação do processo de lexicalização. Ainda hoje, a maioria dos trabalhos está mais pautada nos estudos construcionais da gramática do que do léxico, apesar do crescente interesse pelo segundo campo.

Ademais, a tradição dos estudos da lexicalização centra-se, quase sempre, em itens específicos, e não em classes de itens. Isso significa que a aplicabilidade de padrões é considerada uma característica da gramaticalização, mas não da lexicalização (HIMMELMANN, 2004). Isto é, no âmbito da lexicalização, não se assumem as noções de (sub)esquema e rede construcional, já que as construções não são classificadas e analisadas de acordo com características em comum, mas estudadas de maneira isolada.

A partir de um crescente interesse por uma abordagem construcional tanto da gramática quanto do léxico, proposta por Traugott e Trousdale (2013), os mesmos autores (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2014) reafirmam que, se encaramos o desenvolvimento de novas construções de conteúdo (*lexicais*) de forma paralela ao desenvolvimento de novas construções procedurais (*gramaticais*), é possível notar que os padrões que podem surgir ao longo do tempo resultam em ambos os tipos de construções.

Logo, léxico e gramática, originalmente estudados de maneira separada, passam a ser analisados em conjunto segundo a abordagem construcional, explicitada na primeira seção desta seção. Isto é, essa abordagem, proposta por Traugott e Trousdale (2013), visa a uma integração léxico-gramática, propondo propriedades que são comuns nesses dois âmbitos de mudança – esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Sendo assim, o que se defende atualmente – inclusive neste trabalho – é a ocorrência de construcionalização lexical, e não mais de lexicalização, uma vez que a lexicalização não dá conta de explicar o caráter hierárquico do inventário linguístico, desconsiderando que tanto a gramática como o léxico se estabelecem a partir de redes construcionais hierarquicamente organizadas.

Conforme já ressaltamos, as construções com verbos denominais analisadas neste trabalho, sob a ótica da construcionalização lexical, ocorrem em contextos de avaliação. Posto isso, na subseção seguinte, trataremos do conceito de avaliação sob o viés da prosódia semântica e descreveremos como esses conceitos serão aplicados na seção de análise deste trabalho, levando em consideração as pistas de contextualização evidenciadas nas imagens e/ou no texto apresentados pelo locutor.

## 2.5 A AVALIAÇÃO SOB O VIÉS DA PROSÓDIA SEMÂNTICA

Nesta subseção, trataremos do conceito de prosódia semântica, assumida, neste trabalho, como categoria analítica no âmbito da avaliação, especialmente no contexto da abordagem construcional da mudança. Nesse sentido, descrevemos como compreendemos a avaliação produzida pelo locutor e a prosódia semântica presente no discurso. Explicitamos, ainda, de que forma aplicamos esses conceitos na seção de análise deste trabalho, levando em consideração as pistas de contextualização evidenciadas nas imagens e/ou nos textos apresentados pelo locutor.

Antes de tudo, é preciso deixar claro o fato de que palavras – ou construções – não ocorrem na língua de forma isolada, mas aparecem contextualizadas, com ligações essenciais a outros elementos de uma sentença (CASASANTO; LUPYAN, 2015; ELMAN, 2011 *apud* HAUSER; SCHWARZ, 2016, tradução nossa)<sup>20</sup>. Além disso, o locutor não escolhe utilizar determinado verbo por acaso. Apesar de ser uma ação cognitiva inconsciente, a escolha por determinada construção lexical – neste caso, por determinado verbo denominal – depende da subjetividade tanto do locutor quanto do seu interlocutor e também do próprio contexto linguístico.

Segundo Sardinha (2004), a prosódia semântica pode ser entendida como a “associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” (SARDINHA, 2004, p. 40). Ainda nesse contexto, Sardinha (2004), Lopes (2011) e Guilherme (2014) concordam que a prosódia semântica está

<sup>20</sup> Cf.: “Words do not occur in isolation but appear in context with critical links to other elements of a sentence” (CASASANTO; LUPYAN, 2015, ELMAN, 2011 *apud* HAUSER; SCHWARZ, 2016, p.882).

relacionada ao fato de certas palavras criarem uma expectativa no interlocutor sobre o conteúdo semântico a ser produzido pelo locutor.

Essas escolhas partem do interesse que o locutor possui de se posicionar no discurso, o que ocorre, também de forma inconsciente, por meio da avaliação. De acordo com White (2003), a avaliação configura uma função social, uma vez que

[...] não se trata apenas de um meio pelo qual falantes/autores expressam, individualmente, seus sentimentos e posicionam-se, mas também de um meio a partir do qual interagem com posicionamentos socialmente determinados e, assim, alinham-se ou desalinham-se com os sujeitos sociais que defendem tais posicionamentos (WHITE, 2003, p. 15, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Nesse sentido, White (2003) propõe que os locutores, em suas relações interpessoais, se expressam e se posicionam por meio de emoções, atitudes e julgamentos de valor. Para o autor, a avaliação pode ser percebida a partir dos significados que revelam o comprometimento do locutor com as proposições.

Ainda no que tange à avaliação, observamos que construções avaliativas com verbos denominais podem estar associadas a uma prosódia semântica positiva ou negativa, a depender do contexto em que são utilizadas. Nesse sentido, para o tipo de análise desenvolvida neste trabalho, identificamos os significados associados às construções de forma pontual, e não gradual, como positivos ou negativos, assim como defendem Smith e Nordquist (2012). Outrossim, a fim de tornar a análise mais objetiva, não entramos na discussão a respeito de uma possível gradação de prosódia semântica, como sugerem alguns autores.

Logo, é possível afirmar que o uso da língua faz com que, inconscientemente, construções avaliativas com verbos denominais sejam armazenadas na cognição do locutor em contextos de prosódias semânticas específicas. É o caso da construção com “sextar”, por exemplo, utilizada, na maioria das vezes, em contextos de prosódia semântica positiva, referindo-se à felicidade e expectativa relacionadas à chegada do fim de semana. Assim como nesse caso, observamos que geralmente a

---

<sup>21</sup> Cf.: “[...] not simply as the means by which individual speakers/writers express their feelings and take stands, but as the means by which they engage with socially-determined value positions and thereby align and dis-align themselves with the social subjects who hold to these positions” (WHITE, 2003, p. 15).

prosódia semântica do nome é mantida no verbo formado a partir dele. Essa frequente relação entre o significado (ou a função) do verbo denominal e do nome a partir do qual foi formado ocorre porque, ainda que inconscientemente, acessamos a prosódia semântica prototípica do nome.

Cabe ressaltar aqui que o surgimento de novas construções avaliativas com verbos denominais na língua não ocorre por meio de *bleaching* semântico<sup>22</sup> – isto é, um desbotamento de conteúdo semântico –, mas a partir do processo de expansão pragmática. Assim, verifica-se um fortalecimento ou ganho pragmático-discursivo, visto que ocorre uma expansão funcional de determinado uso para novos contextos, a partir de novas associações pragmáticas.

É nesse sentido que Ellis e Frey (2009) afirmam que, de forma inconsciente, a prosódia semântica de um verbo é acessada e sua difusão afeta o processamento de todo material subsequente. Isso significa que a interpretação da função de um verbo denominal em determinado contexto linguístico não depende apenas do significado do verbo (ou da construção) em si, mas também de todo o contexto em que ele ocorre.

Sendo assim, construções avaliativas com verbos denominais selecionam elementos que podem coocorrer para gerar a função pretendida. Logo, o verbo *sextar* geralmente seleciona elementos de prosódia semântica positiva (como fotos de momentos felizes, emojis/emoticons com sorrisos, vários pontos de exclamação seguidos etc.) quando é desejo do locutor que esse verbo desempenhe sua função de prosódia semântica positiva prototípica, a fim de marcar uma avaliação positiva. Essa combinação semântica entre construções avaliativas com verbos denominais de avaliação positiva/negativa e elementos de prosódia semântica positiva/negativa revela uma relação de valência lexical (LANGACKER, 1988). De acordo com Langacker (1988), essa relação é estabelecida quando as propriedades de um item – neste caso, um verbo denominal – se combinam/se associam às propriedades do item (ou dos itens) com o(s) qual(is) ele coocorre.

Logo, no caso do exemplo supracitado, o caráter avaliativo positivo do verbo denominal “sextar” se associaria ao caráter também avaliativo positivo de elementos

---

<sup>22</sup> Entende-se por *bleaching* semântico (TRAUGOTT, 1982, 2008a, 2008b, 2010) a perda ou o enfraquecimento da força semântica dos itens pela habituação (BYBEE, 2003).

de prosódia semântica positiva (como fotos de momentos felizes, emojis/emoticons com sorrisos, vários pontos de exclamação seguidos etc). Essa coocorrência e combinação de elementos avaliativos positivos contribuiriam para causar a função pretendida pelo locutor no discurso.

Por outro lado, quando há intenção de causar uma quebra de expectativa no leitor e produzir uma avaliação negativa, o verbo “sextar” geralmente seleciona elementos de prosódia semântica negativa, isto é, não prototípicos, destacando a função linguística não prototípica.

Posto isso, podemos concluir que a prosódia semântica de uma construção com verbo denominal surge a partir de sua frequente coocorrência com determinados elementos – verbais ou não verbais – em contextos de valor negativo ou positivo. Essa combinação semântica entre construções avaliativas com verbos denominais e outros elementos linguísticos – que revela a ocorrência de valência lexical (LANGACKER, 1988) – é codificada como parte da representação desse verbo (HOEY, 2005; PARTINGTON, 2004; STUBBS, 1995) e é projetada no uso da língua, sobretudo no estabelecimento de novos pareamentos forma-função. Ademais, como vimos, a prosódia semântica pode ser compreendida como uma categoria analítica no âmbito dos estudos de construções avaliativas, como propõe este trabalho.

## 2.6 CONCLUSÕES

Conforme elucidamos nesta seção, este trabalho assume como base teórica os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, segundo a qual tanto a gramática quanto o léxico da língua são moldados pelo uso linguístico. Além disso, ao propormos uma rede construcional com verbos denominais avaliativos, nos pautamos nos princípios da construcionalização lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Desse modo, na subseção 2.1, apresentamos brevemente as abordagens construcionais até o surgimento da abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), sobre a qual discutimos, inserindo-a no

contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso. Vimos que tal abordagem é inovadora ao apresentar, no âmbito da GC, um modelo cujo principal enfoque é a mudança linguística.

Na subseção 2.2, tratamos das três propriedades da mudança linguística – esquematicidade, composicionalidade e produtividade –, as quais influenciam a formação de novas construções. Como discutimos, essas três propriedades constituem grandes contribuições do modelo construcional da mudança, segundo Traugott e Trousdale (2013).

Em seguida, na subseção 2.3, vimos que o processo da mudança ocorre por meio de dois mecanismos, sobre os quais discorreremos ainda na mesma seção; são eles a neoanálise e a analogização. O primeiro está relacionado ao processo de ressignificação de construções já existentes até o surgimento de uma nova construção, enquanto o segundo está relacionado à comparação mental e inconsciente de padrões que o locutor faz durante esse processo de formação de um novo pareamento forma-função. Como vimos, esses mecanismos são utilizados quando o locutor necessita compreender o sentido – ou, ainda, a função – de uma nova construção, que pode variar, dentro de um *continuum*, de menos a mais intersubjetiva, a depender do nível de expressividade imposto por seu enunciador. Além disso, vimos que a noção de intersubjetividade adotada neste trabalho está amalgamada aos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967).

Na subseção 2.4, discutimos o conceito de lexicalização e descrevemos brevemente o caminho teórico, passando pela dissociação entre os estudos do léxico e da gramática, por uma visão mais geral e esquemática das microconstruções, até o advento da abordagem construcional da mudança e, mais especificamente, da abordagem construcional do léxico.

Por fim, na subseção 2.5, discorreremos a respeito do conceito de prosódia semântica como categoria analítica no âmbito da avaliação, em especial no contexto da abordagem construcional da mudança. Além disso, explicitamos brevemente de que forma a avaliação produzida pelo locutor e a prosódia semântica presente no discurso foram aplicadas na seção de análise deste trabalho, levando em consideração as pistas de contextualização evidenciadas nas imagens e/ou nos textos apresentados pelos locutores.

Na seção a seguir, realizaremos uma breve revisão bibliográfica de alguns trabalhos mais significativos no âmbito dos estudos sobre verbos denominais, a fim de justificar a escolha por este objeto de pesquisa e destacar sua importância, sobretudo no que diz respeito às suas contribuições a futuros trabalhos nesse âmbito.

### 3 VERBOS DENOMINAIS: UMA BREVE REVISÃO

Nesta seção, temos por objetivo referenciar os principais trabalhos que se dedicam ao estudo dos verbos denominais, apontando suas contribuições e lacunas e ressaltando a relevância da presente pesquisa ao propor uma análise dessa categoria verbal com base em uma abordagem construcional da mudança.

Na subseção 3.1, realizamos uma breve revisão bibliográfica de trabalhos já realizados no âmbito dos estudos de verbos denominais, tais como os de Costa (2008), Wachowicz (2008) e Bassani (2009).

Em seguida, na subseção 3.2, sistematizamos nossas considerações acerca dos conceitos discutidos nesta seção e da revisão bibliográfica realizada.

#### 3.1 VERBOS DENOMINAIS: PRESSUPOSTOS GERAIS E BREVE REVISÃO

Na presente subseção, revisitamos brevemente alguns estudos a respeito de verbos denominais – Costa (2008), Wachowicz (2008) e Bassani (2009) – e apontamos suas contribuições, destacando paridades e possíveis lacunas em relação ao presente estudo no que diz respeito à instanciação e convencionalização de construções com verbos denominais na língua portuguesa.

Nossa revisão bibliográfica inicia-se a partir do trabalho de Costa (2008), que tem como objeto de análise a formação de verbos denominais *X-ar* e suas implicações morfológicas. Nesse contexto, a autora discute questões relacionadas aos processos de conversão, de sufixação e de direcionalidade, bem como questões relacionadas às implicações semânticas inerentes às bases nominais da formação de verbos denominais *X-ar*. Nesse contexto, a autora afirma que a base da derivação denominal “denota um objeto ou propriedade desse objeto” (COSTA, 2008, p.42), como no caso do verbo “xerocar”, citado por Costa (2008), que deriva da base denominal “xerox”. Desse modo, ao falar de verbos denominais, a autora trata também de nomes deverbais e de formas nominalizadas de verbos,

estabelecendo bases morfológicas de direcionalidade do processo de formação de verbos denominais e de formas deverbiais.

O trabalho de Costa (2008) traz importantes contribuições para a presente dissertação; dentre elas destacamos as seguintes proposições: (i) “[...] o falante é possuidor do conhecimento de padrões lexicais que lhe possibilitam criar novos itens lexicais de acordo com a gramática interna da língua, da qual é detentor” (COSTA, 2008, p. 64); (ii) “o item lexical formado deve atender às necessidades de referenciação e de expressão do falante, que deve ser entendido por sua comunidade de fala” (COSTA, 2008, p. 64); (iii) a base nominal do verbo pode ter gradação de mais concreta a abstrata<sup>23</sup> e (iv) “os verbos denominais têm [...] um padrão metonímico de referenciação, como por exemplo, de recipiente, de agente, de substância e de instrumento aplicadas ao contexto” (COSTA, 2008, p. 64).

Além disso, ao tratar do processo de derivação na formação de verbos denominais, Costa (2008) nos chama a atenção para um olhar voltado não apenas para a natureza lexical da derivação, mas também para as naturezas sintática e semântica desse processo (BASÍLIO, 1987), já ressaltando a importância do contexto quando afirma que a natureza sintática está intrinsecamente relacionada a ele, apesar de sua análise não estar ancorada em contextos de fala reais. Desse modo, ainda que desenvolva um trabalho com foco em uma análise morfológica, a autora vai de encontro a pressupostos de gramáticos tradicionais, como Cunha e Cintra (2007), quando inclui a semântica nos estudos do processo de formação de verbos denominais.

Costa (2008) também nos traz importantes contribuições quando conclui, com base em suas análises, que “formam-se verbos denominais a partir de nomes mais concretos do que de abstratos” (COSTA, 2008, p. 43) e quando afirma que “derivar um nome é derivar um sentido” (COSTA, 2008, p. 66). Conforme observamos neste trabalho, na maioria das vezes, o sentido do nome é recuperado no verbo, ainda que, nos casos de verbos denominais com prosódia semântica diferente daquela do nome, essa retomada seja somente para a construção do sentido do verbo. Isso ocorre, por exemplo, no caso de “segundar”, verbo prototipicamente negativo, mas

---

<sup>23</sup> No presente trabalho, consideramos também a gradação de intersubjetividade na base nominal do verbo e no próprio verbo, conforme será demonstrado na seção 5, dedicada à análise dos dados.

que pode ser utilizado em contextos de prosódia semântica positiva, gerando quebra de expectativa. Ainda que, nesse caso, o verbo não possua a mesma prosódia semântica do nome, o sentido negativo é recuperado para que o sentido positivo seja compreendido pelo interlocutor.

A lacuna observada na pesquisa da autora insere-se na limitação de sua análise apenas aos verbos denominais com sufixo *-ar* e a pressupostos teóricos de autores cujas abordagens são normativistas, históricas, estruturalistas e gerativistas (BASILIO, 1980, 1987, 1993, 1999, 2004, 2007; BASILIO; MARTINS, 1997; CLARK; CLARK, 1979), focalizando o estudo da forma e deixando de lado o estudo da função. Ademais, a autora não considera os verbos denominais como construções – dotadas de pareamento forma-função – nem considera todo o contexto de comunicação real em que os verbos ocorrem, apenas pautando-se em dados escritos reais para extrair os verbos denominais. Por esses motivos, Costa (2008) não aborda a questão da avaliação – assim como fazemos neste trabalho. Além disso, a autora entende o surgimento de novos verbos denominais apenas como combinações de bases e afixos a partir de regras internas da língua, sem levar em conta processos da cognição como a analogização ou a extensão, como propõem Traugott e Trousdale (2013), e sem considerar contextos inesperados em que o locutor pode ser muito expressivo, utilizar-se de ironia ou, até mesmo, ser muito intersubjetivo.

Além de Costa (2008), Wachowicz (2008) também se dedicou ao estudo dos verbos denominais. A partir de perspectivas sintática e semântica e com base em uma análise do aspecto verbal, a autora propõe uma organização sistemática de verbos denominais de movimento do PB, sugerindo relações entre questões aspectuais e morfológicas. Desse modo, Wachowicz (2008) apresenta a análise lexical de Talmy (1985) no que diz respeito aos verbos denominais de trajetória como “engavetar” ou “empacotar”, aborda a questão do aspecto na estrutura argumental segundo Grimshaw (2005 [1990]) e, por fim, explora a teoria de tratamento morfológico de Hale e Keiser (2002).

Uma importante contribuição de Wachowicz (2008) para a nossa pesquisa é o emprego da noção de aspecto aliada a uma análise semântica de verbos denominais. Nesse sentido, corroborando Grimshaw (2005 [1990]), a autora afirma

que “o aspecto, paralelamente ao papel temático, tem informações projetadas pelo léxico” (WACHOWICZ, 2008, p. 2). Vale ressaltar que, apesar de citar questões relacionadas ao papel temático e suas contribuições, Wachowicz (2008) enfatiza que seu maior interesse, no trabalho, é o estudo do aspecto verbal. Apesar disso, a autora muito contribui para nossa pesquisa quando nos chama a atenção para as informações semânticas que o verbo carrega, as quais também estão presentes no nome a partir do qual o verbo foi formado.

Contudo, Wachowicz (2008) restringe sua análise apenas a verbos denominais de movimento, analisando os seus significados e a questão do aspecto na estrutura argumental com base em uma perspectiva semântica e cognitivista aliada à morfologia derivacional. Logo, Wachowicz (2008) limita-se, assim como Costa (2008), a analisar alguns verbos denominais sob uma ótica mais formalista, focalizando a estrutura verbal e deixando de lado sua função no discurso, isto é, deixando de lado o contexto de uso desses verbos e sua possível função avaliativa.

Outra autora que também se dedicou ao estudo dos verbos denominais e traz importantes contribuições é Bassani (2009). Seu trabalho tem como objetivo analisar a formação desses verbos sob a luz da sintaxe lexical (HALE; KEYSER, 2002) e da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) a fim de demonstrar que verbos denominais diacrônicos podem ou não se manter como denominais em uma análise sincrônica. Dessa forma, a autora diferencia duas grandes classes no que se refere à formação de verbos denominais: os sincronicamente denominais (*martelar, engarrafar, selar*, entre outros) – nos quais ainda é possível perceber uma relação semântica com o nome formador – e os que perderam a relação com o nome derivado da mesma raiz (*desfrutar < fruto, brincar < brinco*).

Bassani (2009) afirma que as regras de formação de palavras apresentadas em Basílio (1993, 1996, 1999) não dão conta das diferentes propriedades morfossintáticas dos verbos denominais, uma vez que lidam com o léxico e a sintaxe (ou gramática) de maneira separada, corroborando a proposta da visão lexicalista fraca. Desse modo, o trabalho de Bassani (2009), ao contrário dos trabalhos de Costa (2008) e Wachowicz (2008) – que ainda se baseiam nas regras de formação de palavras e em análises diacrônicas –, caminha para uma pesquisa mais próxima da concepção de construcionalização lexical defendida neste trabalho, apesar de a

autora não tratar de construções nem estudar os verbos denominais com base em uma visão funcionalista.

Nesse contexto, uma importante contribuição de Bassani (2009) é o fato de a autora discutir a relação entre o significado do verbo denominal e do nome a partir do qual o verbo foi formado, com base em uma análise sincrônica. Nesse sentido, ela propõe uma diferenciação de verbos denominais nos quais faz parte da interpretação a presença do nome formador e nos quais essa presença não é mais necessária (o verbo “apontar”, por exemplo, pode ser interpretado a partir do nome “ponta” quando está relacionado à ação de fazer “ponta” em determinado objeto, ou pode ser interpretado sem a necessidade desse nome quando é sinônimo de “indicar”). Aliás, tal diferenciação nos confirma que não é necessária uma análise diacrônica para investigarmos não só o significado do verbo, mas também o significado do nome formador.

Apesar de muito contribuir para o presente trabalho, a pesquisa desenvolvida por Bassani (2009) pauta-se nos estudos da Gramática Gerativa, limitando-se a uma investigação da estrutura e das operações dos verbos denominais. Logo, a pesquisa da autora é de cunho formalista e, apesar de considerar a possibilidade do uso dos verbos denominais em diferentes contextos, não utiliza dados reais e não se aprofunda em uma análise de cunho funcional, assim como é o caso dos trabalhos já mencionados até aqui.

Nesta dissertação, discordamos de Costa (2008) quando afirma que a capacidade do locutor de criar e entender palavras nunca antes escutadas deve-se ao nome-base do verbo, “que o falante não só conhece como também reconhece os seus muitos significados, a aplicação desses significados [...]” (COSTA, 2008, p. 68), pois muitos dos verbos denominais são apreendidos pelo locutor sem, muitas vezes, ele saber nem mesmo sua origem ou o significado do nome-base – como é o caso do verbo *kibar*, por exemplo, que tem origem a partir de “Kibe Loco”, nome de um *blog* de humor; embora muita gente não saiba dessa origem, isso não impede que se compreenda o sentido do verbo (“copiar”).

Em relação ao trabalho de Wachovicz (2008), discordamos da autora quando ela propõe que o processo de formação de um novo verbo denominal de movimento se dá por meio de amalgamação de um complemento a um nome. A fim de

exemplificar, quando a autora utiliza o exemplo “engavetar”, discordamos que o nome “gaveta” introduz lexicalmente a telicidade, isto é, o ponto final do movimento verbal se for o caso de “engavetar” não possuir o sentido de “colocar em gaveta”, mas de “colidir um no outro” no caso de um acidente de carro, por exemplo (“mais de 20 carros engavetaram-se na estrada, durante o temporal”).

Por fim, discordamos de Bassani (2009) no que diz respeito à utilização de testes estruturais e de exemplos inventados para uma investigação semântica comparativa entre nomes formadores e verbos denominais. Acreditamos que, na verdade, para estudar o significado de nomes e de verbos denominais e a relação entre eles, seria necessária uma análise de um *corpus* sincrônico constituído por dados de situações reais de interação, pois podem dar conta de situações inesperadas e altamente expressivas decorrentes de uma comunicação natural, isto é, da língua em uso. Nesse sentido, muitos dos exemplos sugeridos pela autora e considerados como agramaticais ou como passíveis de uma única interpretação poderiam, em contextos específicos, ser utilizados por determinado locutor que desejasse ser mais expressivo e, nesse contexto, serem considerados, na verdade, como gramaticais.

Pautar-se apenas em dados inventados para estudar um fenômeno que ocorre durante o uso da língua nos leva a desconsiderar aspectos muito importantes para uma análise linguística dos verbos denominais, como, por exemplo, a expressividade e a criatividade do locutor, o contexto, a produtividade, a intersubjetividade, a ironia etc..

É nesse contexto que propomos, neste trabalho, uma análise de cunho funcionalista, pautada na Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), uma vez que essa abordagem possibilita uma investigação da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com verbos denominais para além de parâmetros formais, conferindo ao componente estrutural a mesma relevância conferida ao componente funcional.

### 3.2 CONCLUSÕES

Os trabalhos revisitados nesta seção muito contribuem para o estudo por nós realizado nesta dissertação, assim como apresentam limitações quando se pretende desenvolver uma pesquisa com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. São justamente tais contribuições e lacunas que impulsionam, ainda mais, nossa proposta de investigar a instanciação e a convencionalização de construções com verbos denominais.

Dos trabalhos de Costa (2008) e Wachovicz (2008) – os quais se dedicam a um estudo de verbos denominais do ponto de vista, principalmente, morfológico –, destacamos suas contribuições para uma caracterização formal do verbo denominal, uma vez que nos fornecem pistas para a descrição da estrutura (ou do polo formal) do padrão construcional de ocorrências com verbos denominais.

Além disso, de modo mais específico, Costa (2008) muito contribui com nosso trabalho quando chama a atenção para uma frequência maior na formação de verbos a partir de nomes concretos do que de abstratos – resultado também obtido com base na análise realizada nesta dissertação. Do mesmo modo, Wachovicz (2008) contribui com nossa pesquisa, de forma mais específica, ao tratar da noção de aspecto paralelamente a uma análise semântica de verbos denominais, chamando a nossa atenção para a relação entre informações presentes tanto no verbo denominal quanto no nome formador.

No que diz respeito aos estudos de Bassani (2009), sua principal contribuição está relacionada ao fato de concluir que nem sempre o verbo denominal carregará o mesmo sentido do nome a partir do qual foi formado. Essa conclusão da autora é corroborada em nosso trabalho quando notamos que, muitas vezes, a prosódia semântica do nome nem sempre acompanha o verbo formado com base nesse nome, conforme demonstraremos na seção 5.

Com relação à principal limitação dos estudos de Costa (2008), Wachovicz (2008) e Bassani (2009), apontamos a descrição dos verbos denominais sob um viés essencialmente formalista. Mesmo o trabalho de Bassani (2009), que avança em relação aos demais, visto que defende o estudo do léxico e da sintaxe de forma

conjunta, não aborda o espectro da semântica, da pragmática e do discurso de modo efetivo, desvinculando o uso da língua de contextos reais de produção.

Posto isso, entendemos que a presente dissertação avança em relação aos trabalhos referenciados nesta seção nos seguintes aspectos: (i) o recorte diferente e inovador dos objetos de investigação – construções avaliativas com verbos denominais terminados em *-ar*, *-ou*, *-ando* e *-ei* que atuam na expressão do posicionamento do locutor por meio da prosódia semântica e da avaliação; (ii) a descrição dos padrões construcionais analisados e a identificação de seus níveis esquemáticos – esquema, subesquema e microconstruções – e, por fim, (iii) a proposta de uma rede construcional composta por construções avaliativas com verbos denominais, constituídas por diferentes pareamentos forma-função identificados a partir de uma abstração em comum, representada pelo esquema.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente seção, discutimos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Desse modo, na subseção 4.1, descrevemos o *corpus* sincrônico escrito constituído para a análise de construções avaliativas com verbos denominais. Em seguida, na subseção 4.2, discorremos a respeito do método de pesquisa utilizado na análise dos dados, o qual alia o cálculo da frequência de uso à análise qualitativa das ocorrências. Por fim, na subseção 4.3, apontamos os procedimentos adotados na seção 5 deste trabalho.

### 4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

A seção de análise desta dissertação foi desenvolvida sob uma perspectiva sincrônica, com base na constituição de um *corpus* composto por dados escritos retirados de dez perfis da rede social *Twitter*, os quais representam quatro amostras pertencentes aos seguintes anos: 2017, 2018, 2019 e 2020. Dessa forma, o *corpus* possui um total de 1.677.627 palavras e foi elaborado para a análise de construções com verbos denominais, sob a luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e, mais especificamente, com base na noção de construcionalização lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), no conceito de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e na noção de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014). No âmbito da intersubjetividade – e do ponto de vista analítico –, nos baseamos nos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967).

Tendo em vista que investigamos a forma e a função de padrões construcionais com recente surgimento na língua, pautamo-nos no tratamento da mudança do ponto de vista da sincronia atual. Sendo assim, não descrevemos a trajetória da mudança linguística de verbos denominais ao longo do tempo – sob

uma perspectiva diacrônica –, mas os padrões de uso desses verbos em contextos específicos, relacionando inovações a padrões construcionais já existentes, o que se torna possível sob uma perspectiva sincrônica (NEVES, 1997).

Nesse sentido, não nos detemos na trajetória individual de verbos denominais, mas em suas correspondências na sincronia atual no que diz respeito ao posicionamento do locutor. Isso porque este trabalho tem como objetivos mais específicos a identificação e a descrição dos níveis esquemáticos – esquema, subesquema e microconstrução (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) –, os quais agrupam ocorrências a partir de características em comum.

Além disso, vale ressaltar que o *corpus* constituído para esta pesquisa, por dispor de dados retirados de uma rede social, possui caráter altamente informal (DIOGUARDI, 2014). O *Twitter* consiste em uma espécie de *microblog*, em que seus usuários compartilham o que estão pensando, suas ideias e opiniões e obtêm respostas de outros internautas. Entretanto, um *tweet* – como são chamadas as mensagens publicadas no site – limita o usuário a apenas 140 caracteres, fazendo com que ele necessite ser mais conciso e expressivo ao transmitir informações. Tudo isso – o alto grau de informalidade e a limitação no tamanho do texto –, como acreditamos, eleva a possibilidade da ocorrência de construções inovadoras e em processo de mudança no léxico e na gramática da língua. Em suma, apesar de buscarmos maior representatividade linguística ao constituirmos um *corpus* de análise que abrangesse quatro amostras de dados escritos atuais – 2017, 2018, 2019 e 2020 –, estamos cientes de que os fragmentos selecionados configuram apenas um recorte parcial do uso da língua, e não sua totalidade.

Na seção a seguir, tratamos dos métodos quantitativo e qualitativo e discutimos as contribuições que a combinação desses métodos – o chamado método misto – pode oferecer no âmbito da abordagem construcional.

## 4.2 O MÉTODO MISTO

Partindo do princípio de que os objetivos do presente trabalho são (i) identificar e descrever as construções avaliativas com verbos denominais e seus pareamentos forma-função, com base em aspectos da intersubjetividade e da prosódia semântica e (ii) propor uma rede construcional composta por esses verbos, associamos a análise qualitativa dos dados ao levantamento da frequência de uso. Trata-se do método misto, que, como afirma Cunha Lacerda (2016), configura uma metodologia capaz de contribuir para a compreensão da regularidade de inovações que emergem na língua no âmbito da abordagem construcional.

Nesse sentido, o método qualitativo empregado na análise de dados se estabelece, de acordo com Bryman (1998), a partir da perspectiva do pesquisador sobre o objeto. Desse modo, a análise qualitativa possibilita uma descrição detalhada do objeto investigado com base no contexto em que este é instanciado. Portanto, segundo o autor, o pesquisador deve se preocupar em: a) descrever detalhadamente o objeto de análise; b) compreender o contexto em que esse objeto ocorre; e c) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não *a priori*.

Por outro lado, o método quantitativo pauta-se, como destaca Diehl (2004), na quantificação dos dados analisados, buscando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação. Assim, a fim de levantar os dados e analisá-los, o método quantitativo pode ser caracterizado pelo emprego de cálculos estatísticos, desde os mais simples até os mais complexos (RICHARDSON, 1989).

Sendo assim, o método misto de análise consiste na associação entre os métodos qualitativo e quantitativo e, nos termos de Johnson *et al.* (2007), tem o propósito de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto de análise. Além desses autores, Schiffrin (1987) também defende a associação entre essas metodologias no contexto da análise linguística. A autora afirma que esse método permite que o pesquisador, a partir de um número elevado de ocorrências, possa realizar uma análise mais apurada tanto do objeto investigado quanto do próprio contexto em que ele se manifesta.

No que se refere aos estudos da mudança linguística, a análise quantitativa vem sendo utilizada como recurso explicativo para a própria ocorrência da mudança, uma vez que o cálculo da frequência de uso das construções permite identificar padrões de uso e determinar a extensão de cada um dos níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – microconstrução, subesquema e esquema –, como assume Cunha Lacerda (2016).

Bybee (2003) também advoga a favor da frequência de uso quando afirma que a repetição, que é derivada da produção do locutor, seria um dos elementos propulsores para a implementação da mudança. Nesse mesmo sentido, Traugott (2011) defende a frequência como um mecanismo de mudança linguística, assim como o são a neoanálise e analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Posto isso, nesta dissertação, partimos do princípio de que a associação da análise qualitativa à análise quantitativa pode, de fato, contribuir para que obtenhamos mais evidências empíricas a respeito da ocorrência de construcionalização não só lexical – como no presente trabalho –, mas também gramatical. Logo, entendemos que a proposta do método misto está em consonância com as proposições teóricas adotadas neste trabalho.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta seção, visamos a descrever os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa. Para tanto, discutimos desde a escolha do objeto de estudo até a metodologia utilizada na análise de construções com verbos denominais.

A escolha do objeto de análise para esta pesquisa deve-se à emergência, cada vez mais frequente – principalmente na escrita e em contextos informais –, de construções avaliativas com verbos denominais, isto é, verbos advindos de nomes. Tais construções surgem com novas formas e novas funções devido à necessidade que tem o locutor de ser cada vez mais expressivo, buscando sempre inovar para chamar a atenção de seu interlocutor.

Apesar de haver alguns trabalhos no âmbito dos estudos linguísticos que tratam dos verbos denominais (COSTA, 2008; WACHOVICZ, 2008; BASSANI, 2009) – conforme discutido na seção 3 –, existe uma grande lacuna nos estudos desses verbos sob um viés funcionalista e construcional, principalmente no que diz respeito à mudança linguística sob um ponto de vista sincrônico.

Assim, como vimos, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender de que maneira as construções avaliativas com verbos denominais se organizam e se desenvolvem no *corpus* analisado, a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016) e da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Desse modo, buscamos identificar e descrever os diferentes padrões construcionais, propondo sua organização em rede com base em características que compartilham entre si, tanto em relação à forma quanto em relação à função.

A fim de cumprir esse objetivo, a análise proposta nesta dissertação teve como ponto de partida a constituição de um *corpus* com mais de 1 milhão e 600 mil palavras, composto por dados escritos retirados de dez perfis na rede social *Twitter* de subcelebridades brasileiras com faixa etária variando entre 15 e 60 anos, os quais são representados por quatro amostras pertencentes aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Em seguida, partimos para o levantamento de ocorrências constituídas por construções avaliativas com verbos denominais que seguem o padrão de terminações em *-ar*, *-ou*, *-ei* e *-ando*<sup>24</sup>.

Com os padrões construcionais pesquisados já identificados no *corpus*, passamos, então, à organização dos níveis esquemáticos e à análise, de fato. Para tal, classificamos as ocorrências conforme suas características em comum. Dessa forma, obtivemos um nível mais hierárquico e mais abstrato – o esquema –, caracterizado pelo posicionamento avaliativo do locutor, aspecto comum a todas as ocorrências com verbos denominais encontradas no *corpus*. Logo após, obtivemos duas subdivisões no nível do subesquema, ambas pautadas em uma perspectiva avaliativa, a saber: o subesquema 1, cuja função é a avaliação com foco em uma

---

<sup>24</sup> Vale salientar que a escolha por essas terminações pautou-se em uma observação mais geral do uso. Sendo assim, anotamos aqueles verbos mais recorrentes e verificamos suas conjugações mais utilizadas.

atividade ou um evento; e o subesquema 2, cuja função é avaliação com foco na perspectiva do locutor em relação a uma atividade ou a um evento, revelando seu ponto de vista. Por fim, determinamos o nível microconstrucional de cada subesquema.

Definidos os pareamentos forma-função desde o nível mais hierárquico – esquema – até o menos hierárquico – microconstrução – da rede, realizamos uma descrição detalhada de três ocorrências – quando possível – representativas de cada padrão microconstrucional, com base no conceito de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e na noção de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014). De modo particular, no âmbito da intersubjetividade, aplicamos ainda, do ponto de vista analítico, os conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967).

Além disso, juntamente à descrição dessas ocorrências, apresentamos um *printscreen* da mensagem publicada pelo usuário da rede social *Twitter*. Vale ressaltar que, nessas figuras, ocultamos os rostos e os nomes dos usuários, a fim de manter o anonimato, sublinhamos em amarelo as ocorrências analisadas e ocultamos, também em amarelo, possíveis palavras de baixo calão.

Por fim, apresentamos uma proposta de rede construcional com as construções com verbos denominais, com base no recorte feito a partir do *corpus* analisado.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados realizada para esta pesquisa referente às construções avaliativas com verbos denominais, isto é, verbos formados a partir de nomes, como, por exemplo, *maratonar*, *sextar* e *segundar*. Conforme discutido na seção 2, a análise será realizada, de modo geral, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), na noção de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) e no conceito de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004). E, de modo mais específico, a análise se fundamenta nos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967).

Ao partimos do pressuposto de que as construções instanciadas na língua estão organizadas em níveis hierárquicos – esquema, subesquema e microconstrução –, esta seção tem como objetivos: (i) estabelecer uma ordenação das construções avaliativas com verbos denominais identificadas no *corpus* constituído, agrupando-as de acordo com características em comum (nós); e (ii) propor uma rede construcional desses verbos denominais que abranja os padrões de todas as construções e que apresente os níveis esquema, subesquema e microconstrução.

Nesse sentido, a descrição da rede construcional será organizada da seguinte maneira: (a) descreveremos o nível mais esquemático da rede proposta para nosso objeto de estudo – o esquema –, evidenciando a presença de um posicionamento avaliativo por parte do locutor ao utilizar os verbos denominais analisados neste trabalho; (b) descreveremos o subesquema 1, caracterizado por uma avaliação com foco em um evento ou uma atividade; (c) descreveremos as 5 microconstruções subjacentes ao subesquema 1, destacando seus pareamentos forma-função; (d) descreveremos o subesquema 2, caracterizado por uma avaliação com foco na perspectiva do locutor em relação a um evento ou uma atividade; (e) descreveremos as 5 microconstruções subjacentes ao subesquema 2, destacando seus pareamentos forma-função; e f) apresentaremos, por fim, a proposta de rede construcional para construções avaliativas com verbos denominais, tecendo as conclusões a que chegamos a partir da análise realizada neste trabalho.

## 5.1 O ESQUEMA

Como discutido na seção 2, de acordo com a abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), baseando-se nos pressupostos da LFCU, novos pareamentos forma-função estão sempre surgindo na língua, seja no âmbito da gramática ou do léxico. Nesse contexto, nos concentramos, neste trabalho, em uma análise a nível lexical – mais especificamente, tratamos de novas construções avaliativas com verbos denominais que passam a compor o léxico da língua. Sendo assim, abordamos a construcionalização lexical, a qual é caracterizada pela emergência de novas construções – com novas formas e novas funções lexicais –, as quais podem ser agrupadas em uma rede construcional hierarquicamente organizada.

Nesse sentido, como também vimos na seção 2, Traugott e Trousdale (2013) propõem três níveis de esquematicidade: esquema, subesquema e microconstrução. Nesta seção, trataremos do primeiro, o esquema, o qual constitui a representação virtual mais alta da rede construcional, abrangendo o que há em comum entre todos os subesquemas – e, conseqüentemente, em comum entre todas as microconstruções que subjazem a eles. Trata-se da construção mais geral e mais abstrata, no que diz respeito à forma e à função, podendo, portanto, ser preenchida de diversas formas.

Com base nesses pressupostos, o nível mais genérico das construções avaliativas com verbos denominais pode ser representado a partir do padrão descrito no quadro abaixo.

Quadro 3 – Descrição do esquema da rede

Esquema	
<b>Forma</b>	[V <sup>N</sup> ]
<b>Função</b>	Posicionamento avaliativo do locutor com maior ou menor grau de intersubjetividade

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme ilustrado no quadro acima, o esquema mais abstrato da rede de construções avaliativas com verbos denominais apresenta como forma comum a seguinte representação simbólica: [V<sup>N</sup>], em que V precisa ser um verbo denominal (N). Nesse caso, a presença dos colchetes indica que se trata de uma unidade convencionalizada. Conforme as terminações pesquisadas, o verbo pode ser encontrado no infinitivo, no gerúndio e no pretérito. Além disso, quanto mais variadas são as conjugações de tempo e pessoa para o verbo, mais produtivo é seu uso.

Em relação à função – outro componente do pareamento –, fica evidente um posicionamento avaliativo do locutor, que pode variar, de menos intersubjetivo – subesquema 1 – a mais intersubjetivo – subesquema 2. Ademais, o locutor, quando utiliza tais verbos denominais, parece ser capaz de emitir uma informação de forma mais rápida, concisa e expressiva, tendo em vista que o verbo passa a carregar todo um significado que, muitas vezes, só seria transmitido por meio de uma oração (como é o caso, por exemplo, de “dar um gole”, que se torna “golar”).

Logo, o esquema sob análise subdivide-se em dois subesquemas, os quais abrangem as microconstruções avaliativas com verbos denominais, a saber: a) subesquema 1 – avaliação com foco em um evento ou em uma atividade; e b) subesquema 2 – avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade. Na tabela abaixo, apresentamos a distribuição do esquema no que se refere à quantidade de padrões microconstrucionais pertencentes a cada um de seus subesquemas.

Tabela 1 – Distribuição de microconstruções por subesquema

<b>Microconstruções por subesquema</b>	
Subesquema 1	5
Subesquema 2	5
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, o esquema da rede de construções avaliativas com verbos denominais apresenta, no total, 10 padrões microconstrucionais diferentes, sendo 5 pertencentes ao subesquema 1 e 5 pertencentes ao subesquema 2.

Nas seções seguintes, trataremos, de forma mais detalhada, das particularidades de cada subesquema, delineando quais são os padrões microconstrucionais subjacentes e exemplificando com ocorrências retiradas do *corpus*.

## 5.2 OS SUBESQUEMAS

De modo mais genérico, o esquema apresenta como função um posicionamento avaliativo do locutor, e sua forma é codificada por um verbo denominal. Em um nível menor de abstração, a rede proposta, neste trabalho, possui dois subesquemas, que agrupam microconstruções de acordo com características em comum. No quadro a seguir, apresentamos a descrição dos pareamentos forma-função de cada subesquema:

Quadro 4 – Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas da rede

Subesquemas		
<b>Subesquema 1</b>	<b>Forma</b>	[V <sup>N*</sup> ] *Precisa ser um verbo denominal [-intersubjetivo] do que os verbos que constituem o subesquema 2
	<b>Função</b>	Avaliação com foco em um evento ou uma atividade
<b>Subesquema 2</b>	<b>Forma</b>	[V <sup>N*</sup> ] *Precisa ser um verbo denominal [+intersubjetivo] do que os verbos que constituem o subesquema 1
	<b>Função</b>	Avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade

Fonte: elaboração da autora (2021).

Como vimos, o posicionamento avaliativo do locutor ao utilizar um verbo denominal configura um traço comum aos dois subesquemas da rede. Já em relação à forma, em ambos os subesquemas, os verbos precisam ser denominais (N), isto é, precisam ser verbos provenientes de um nome. Entretanto, no subesquema 1, os verbos são menos intersubjetivos, se comparados aos verbos do subesquema 2, porque possuem um menor grau de expressividade e comprometem menos o locutor. Por outro lado, os verbos pertencentes ao subesquema 2 estão, dentro de um *continuum*, localizados no polo de maior intersubjetividade, justamente porque são utilizados quando o locutor deseja ser mais expressivo, ou seja, quando deseja deixar mais evidentes suas crenças e atitudes acerca do que diz (TRAUGOTT; DASHER, 2004).

Cabe destacar que, assim como há um aumento progressivo de intersubjetividade no nível dos subesquemas, há também no nível das microconstruções. Logo, organizamos os padrões microconstrucionais da rede

desde o nível mais hierárquico e menos intersubjetivo até o nível menos hierárquico e mais intersubjetivo. Mais adiante, como demonstraremos na análise de ocorrências representativas dos padrões microconstrucionais, quanto maior a ameaça à face do locutor/interlocutor (GOFFMAN, 1967), maior é o grau de intersubjetividade e de expressividade da microconstrução. Logo, construções com prosódia semântica negativa geralmente causam maior ameaça à face e, por isso, são mais intersubjetivas e mais expressivas do que aquelas com prosódia semântica positiva. Conforme mostraremos a partir dos dados analisados, quando o locutor utiliza um verbo denominativo ameaçando a face do interlocutor, ele chama mais a atenção do outro, que, com sua face ameaçada, se sente incentivado a tentar protegê-la.

Desse modo, além dos parâmetros supracitados, a ameaça à face (GOFFMAN, 1967) também se faz importante no que diz respeito à ordenação das microconstruções pertencentes a cada subesquema. Nesse sentido, consideramos que verbos denominativos aplicados em contextos de avaliação negativa são mais expressivos – portanto, mais intersubjetivos – e causam maior ameaça à face do que verbos denominativos aplicados em contextos de avaliação positiva.

Além disso, a quebra de expectativa<sup>25</sup> causada no interlocutor, quando há uma mudança de prosódia semântica de um nome formador para um verbo denominativo, também configura um parâmetro para a ordenação das microconstruções. Portanto, quando, por exemplo, um nome positivo origina um verbo denominativo negativo, há uma quebra de expectativa que torna a construção mais expressiva e intersubjetiva, porque é preciso um esforço cognitivo maior e mais atenção às pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) para a compreensão do sentido naquele contexto.

Em conclusão, como vimos na introdução desta seção, segundo Traugott e Trousdale (2013), o subesquema é um nível menos hierárquico do que o esquema,

---

<sup>25</sup> Destacamos que a noção de quebra de expectativa, assumida neste trabalho, está em consonância com o que postulam Heine *et al.* (1991) acerca da noção de contraexpectativa. De acordo com os autores, a contraexpectativa consiste no rompimento/na quebra das expectativas do locutor, uma vez que se referem à expressão do “contraste entre aquilo que corresponde e aquilo que desvia das normas e padrões característicos do mundo com o qual o falante está familiarizado, tem em mente ou acredita que o interlocutor tem em mente, em contexto específico” (HEINE *et al.*, 1991, p. 192).

configurando uma forma genérica e abstrata de agrupar microconstruções a partir de suas semelhanças. Nesse sentido, nas subseções a seguir, descreveremos, em maior detalhe, as características específicas dos dois subesquemas, exemplificando os padrões microconstrucionais a eles vinculados por meio de ocorrências retiradas do *corpus* analisado.

### 5.2.1 Subesquema 1

Como já ressaltado, a proposta de rede construcional com verbos denominais apresenta dois subesquemas: o primeiro é caracterizado por uma avaliação com foco em um evento ou uma atividade, de caráter menos intersubjetivo; e o segundo é caracterizado por uma avaliação com foco na perspectiva do locutor em relação a um evento ou uma atividade, de caráter mais intersubjetivo. Nesta subseção, descrevemos o subesquema 1 que constitui a rede construcional com verbos denominais e propomos um pareamento forma-função para cada uma das microconstruções vinculadas a esse subesquema.

Posto isso, destacamos que o primeiro subesquema caracteriza-se pelo enfoque em um evento ou uma atividade. Isto é, há um posicionamento avaliativo do locutor a partir do foco em um evento ou uma atividade, podendo ocorrer em contextos de prosódia semântica positiva (como é o caso de *hitar*, *bombar*, *chamegar* etc.) ou de prosódia semântica negativa (como é o caso de *flopar*, *tretar*, *mendigar* etc.). No quadro abaixo, reiteramos a forma e a função características desse subesquema.

Quadro 5 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 1

<b>Subesquema 1</b>	
<b>Forma</b>	[V <sup>N*</sup> ] *Precisa ser um verbo denominal [- intersubjetivo] do que os verbos que constituem o subesquema 2
<b>Função</b>	Avaliação com foco em um evento ou em uma atividade

Fonte: elaboração da autora (2021).

No subesquema 1, como já mencionado na seção anterior, agrupamos as microconstruções que apresentam como traços em comum (i) o foco em um evento ou em uma atividade e (ii) o caráter menos intersubjetivo dos verbos, se comparados àqueles pertencentes ao subesquema 2. Assim, a principal função das construções pertencentes a esse subesquema é focalizar ou, ainda, deixar em relevo (TRAVAGLIA, 2006), um evento ou uma atividade em detrimento da perspectiva do locutor, se compararmos o subesquema 1 ao subesquema 2.

Além disso, como já mencionado na seção anterior, as microconstruções deste subesquema estão, dentro de um *continuum*, localizadas mais próximas ao polo menos intersubjetivo – se comparadas às microconstruções pertencentes ao subesquema 2 –, porque são menos expressivas. Em outras palavras, ao utilizar os verbos denominais pertencentes ao subesquema 1, o locutor se alinha de maneira menos intersubjetiva em relação à sua fala, comprometendo-se menos com o que diz (TRAUGOTT; DASHER, 2004).

Nos dados analisados, verificamos que o subesquema 1 apresenta 5 diferentes padrões microconstrucionais. A tabela abaixo identifica a frequência das ocorrências das microconstruções presentes neste subesquema.

Tabela 2 – Frequência dos padrões microconstrucionais do subesquema 1

Padrões microconstrucionais do subesquema 1	Número de ocorrências no <i>corpus</i>	
	nº.	% <sup>26</sup>
Microconstrução 1.1	15	13%
Microconstrução 1.2	16	15%
Microconstrução 1.3	27	24%
Microconstrução 1.4	46	41%
Microconstrução 1.5	8	7%
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Como é possível constatar a partir da Tabela 2, o subesquema 1 possui, no total, 112 ocorrências distribuídas em 5 diferentes padrões microconstrucionais. Vale lembrar que, como vimos na seção anterior, as microconstruções foram organizadas seguindo um *continuum* de intersubjetividade. Dessa forma, a microconstrução 1.1 representa a menos intersubjetiva do subesquema 1; esse grau de intersubjetividade – bem como o grau de expressividade e de ameaça à face (GOFFMAN, 1967) – aumenta cada vez mais até a microconstrução 1.5, que configura a mais intersubjetiva do subesquema 1.

Na tabela abaixo, apresentamos quais são as ocorrências pertencentes a cada um dos padrões microconstrucionais do subesquema 1 e suas respectivas frequências no *corpus* analisado.

<sup>26</sup> Valor percentual sempre aproximado.

Tabela 3 – Ocorrências de cada padrão microconstrucional do subesquema 1

<b>Subesquema 1</b>			
<b>Ocorrências de cada padrão microconstrucional</b>		<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
		<b>nº.</b>	<b>%</b>
<b>Microconstrução 1.1</b>	<i>hitar</i>	14	12%
	<i>chamegar</i>	1	1%
	<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>13%</b>
<b>Microconstrução 1.2</b>	<i>shippar</i>	12	11%
	<i>turistar</i>	3	3%
	<i>brisar</i>	1	1%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>15%</b>	
<b>Microconstrução 1.3</b>	<i>bombar</i>	21	19%
	<i>maratonar</i>	5	4%
	<i>stalkear</i>	1	1%
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>24%</b>	
<b>Microconstrução 1.4</b>	<i>flopar</i>	13	12%
	<i>bugar</i>	6	6%
	<i>tretar</i>	5	4%
	<i>trollar</i>	4	3%
	<i>flodar</i>	4	3%
	<i>stalkear</i>	4	3%
	<i>ansiar</i>	1	1%
	<i>bostejar</i>	1	1%
	<i>blogueirar</i>	1	1%
	<i>chacotar</i>	1	1%
	<i>coronaviruzar</i>	1	1%
	<i>corongar</i>	1	1%
	<i>hackear</i>	1	1%
	<i>insoniar</i>	1	1%
<i>perrengar</i>	1	1%	
<i>talaricar</i>	1	1%	
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>41%</b>	
<b>Microconstrução 1.5</b>	<i>kibar</i>	5	4%
	<i>biscoitar</i>	1	1%
	<i>brisar</i>	1	1%
	<i>gatilhar</i>	1	1%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>7%</b>	
<b>Total geral</b>		<b>112</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Com base na tabela acima, podemos concluir que, dentre todos os cinco padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 1, a microconstrução 1.5 – a mais intersubjetiva, mais expressiva e com maior grau de ameaça à face – configura a mais frequente, com um total de 8 ocorrências, representando 7% das ocorrências deste subesquema.

A seguir, analisamos, de forma detalhada e exemplificada, cada um dos padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 1.

### 5.2.1.1 Microconstrução 1.1

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 1.1, temos o seguinte:

Quadro 6 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.1

<b>Microconstrução 1.1</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{POSITIVO})}]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva com foco em um evento ou uma atividade, constituindo a microconstrução [-intersubjetiva] do subesquema 1

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco no ato em si, em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, representa o padrão microconstrucional de caráter menos intersubjetivo do subesquema 1, porque é constituído por ocorrências menos expressivas e que comprometem menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências das outras microconstruções pertencentes ao mesmo subesquema. Sendo assim, a microconstrução 1.1 apresenta como forma  $[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{POSITIVO})}]$ <sup>27</sup>, em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica positiva, V simboliza um

<sup>27</sup> É importante destacar que, daqui em diante, a seta presente na representação da forma de cada microconstrução não implica uma noção de unidirecionalidade – nos termos de Hooper e Traugott (1993) –, mas demarca a constituição de um verbo denominal. Nesse sentido, indicamos, na forma, o nome que dá origem ao verbo, sua prosódia semântica e, em seguida, a seta a fim de evidenciar a diferença entre as formas dos verbos denominais que, muitas vezes, possuem a mesma prosódia semântica, mas decorrem de nomes com prosódias semânticas distintas, não podendo, portanto, ser classificados da mesma maneira.

verbo que precisa ser denominal (N) e também possuir prosódia semântica positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1 pertencente ao subesquema 1, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Para manter um padrão, representamos todos os verbos no infinitivo. Vejamos:

Tabela 4 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.1

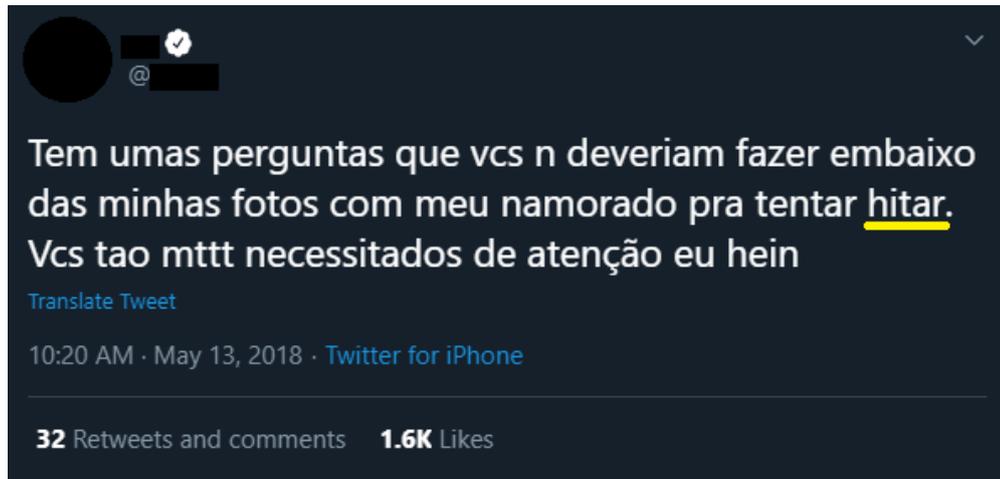
<b>Microconstrução 1.1</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>hitar</i>	14	93%
<i>chamegar</i>	1	7%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *hitar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 1.1, correspondendo a 93% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.1.

Figura 4 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.1



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 4 apresenta uma ocorrência com o verbo *hitar*, que tem origem no nome inglês *hit*, já amplamente utilizado na língua portuguesa, sobretudo em contextos mais informais, muitas vezes no domínio da música. De acordo com o Collins Dictionary<sup>28</sup>, podemos dizer que algo é um *hit* quando é “popular” ou “um sucesso”. Dessa forma, o verbo *hitar* significa “fazer sucesso” ou “tornar-se um *hit*”, atuando com sentido semelhante ao do verbo *bombar*. Sendo assim, o nome *hit* possui prosódia semântica positiva, que é mantida no verbo proveniente desse nome.

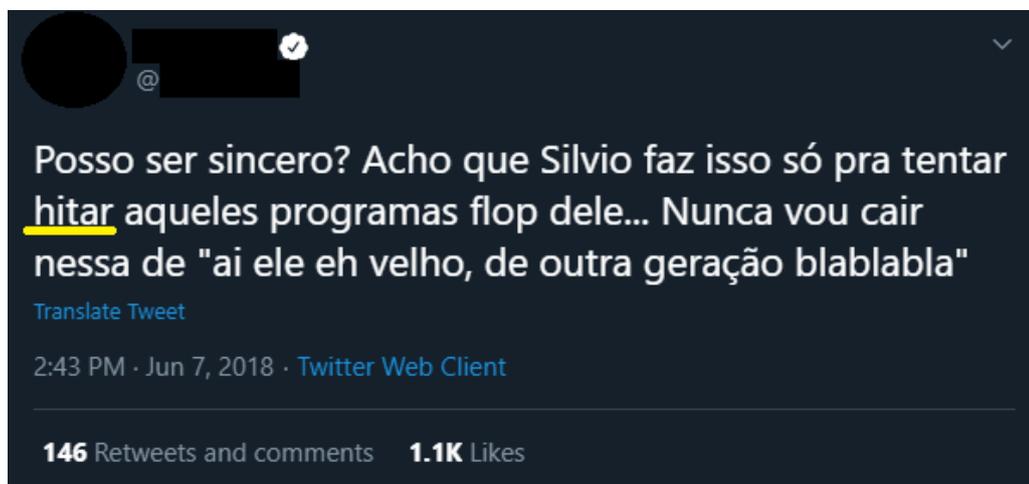
No exemplo da figura acima, a locutora se mostra incomodada com as perguntas feitas por seus seguidores ao tentarem “fazer sucesso” e chamar a atenção dela. Apesar disso, o verbo *hitar*, neste caso, é utilizado com avaliação positiva, uma vez que o ato de fazer sucesso ainda é visto como algo bom, ainda que seja um desejo somente dos interlocutores. Em outras palavras, o significado de *hitar* ainda é o mesmo: tornar-se um *hit*, por isso permanece com prosódia semântica positiva. Sendo assim, fica claro que, neste contexto, a atividade de *hitar* possui sentido positivo, sendo o que os seguidores da locutora em questão desejam que lhes aconteça, embora, do ponto de vista da locutora, essas pessoas estejam buscando atenção de uma forma que ela não aprova: invadindo sua privacidade.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/hit>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *hitar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de “fazer sucesso” ou “tornar-se um *hit*”, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *hit* e focalizando o próprio ato de *hitar*.

Esta ocorrência com o verbo *hitar*, pertencente à microconstrução 1.1, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Isso ocorre porque se trata de uma ocorrência menos expressiva, sem quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, carrega consigo uma prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer sucesso”/ “tornar-se um *hit*”, e não a perspectiva do locutor acerca dessa atividade.

Figura 5 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.1



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 5 apresenta mais uma ocorrência com o verbo *hitar*, que tem origem no nome inglês *hit*. Conforme vimos no exemplo anterior, segundo o Collins Dictionary<sup>29</sup>, podemos dizer que algo é um *hit* quando é “popular” ou “um sucesso”.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/hit>. Acesso em: 14 ago. 2020.

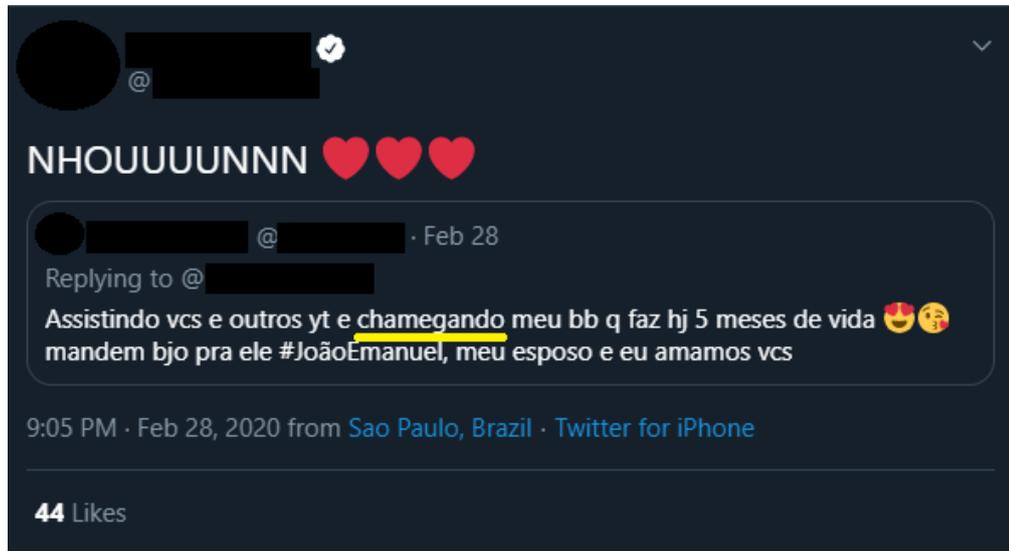
Sendo assim, o nome *hit* possui prosódia semântica positiva, que é mantida no verbo denominal *hitar*.

No exemplo da figura acima, o locutor se mostra incomodado com a forma como o apresentador Silvio Santos tenta fazer seu programa de TV ser um *hit* ou um sucesso. Apesar disso, o verbo *hitar*, neste caso, é utilizado com avaliação positiva, uma vez que o ato de fazer sucesso ainda é visto como algo bom, ainda que seja um desejo somente do apresentador. Em outras palavras, o significado de *hitar* ainda é o mesmo: tornar-se um *hit*, por isso permanece com prosódia semântica positiva. Sendo assim, fica claro que, neste contexto, a atividade de *hitar* possui sentido positivo, sendo o que Silvio Santos deseja para seu programa. Entretanto, do ponto de vista do locutor, o apresentador estaria buscando o sucesso de uma forma que ele não aprova. Algumas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) evidenciam esse fato, como, por exemplo, o uso do adjetivo *flop* (sinônimo de “fracasso”) ao descrever o programa de Silvio Santos e o uso irônico de “blablabla” ao referir-se a outras possíveis justificativas para as atitudes do apresentador.

Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *hitar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de “fazer sucesso” ou “tornar-se um *hit*”, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *hit* e focalizando o próprio ato de *hitar*.

Esta ocorrência com o verbo *hitar*, pertencente à microconstrução 1.1, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Isso ocorre porque se trata de uma ocorrência menos expressiva, sem quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, carrega consigo uma prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer sucesso”/ “tornar-se um *hit*”, e não a perspectiva do locutor acerca dessa atividade.

Figura 6 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.1



Fonte: *Twitter* (2020).

A Figura 6 apresenta uma ocorrência com o verbo *chamegar*, que tem origem no nome *chamego*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>30</sup>, *chamego* significa “afeição” ou “apego”. Sendo assim, o nome *chamego* possui prosódia semântica positiva, que é mantida no verbo denominal *chamegar*.

No exemplo da figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) positivamente o ato de dar carinho ou “dar chamego” ao seu bebê. Sendo assim, fica claro que, neste contexto, a atividade de *chamegar* possui sentido positivo, o que pode ser evidenciado pelo uso de um *emoji* apaixonado, uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *chamegar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de “fazer chamego” ou “dar carinho”, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *chamego* e focalizando o próprio ato de *chamegar*.

Esta ocorrência com o verbo *chamegar*, pertencente à microconstrução 1.1, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada

<sup>30</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

às outras do mesmo subesquema e àquelas vinculadas ao subesquema 2. Isso ocorre porque se trata de uma ocorrência menos expressiva, sem quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, carrega consigo uma prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “dar carinho”/ “dar *chamego*”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

### 5.2.1.2 Microconstrução 1.2

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 1.2, temos o seguinte:

Quadro 7 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.2

<b>Microconstrução 1.2</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (POSITIVO)]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva com foco em um evento ou uma atividade, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que a anterior.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que o anterior, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas à microconstrução 1.1. Sendo assim, a microconstrução 1.2 apresenta como forma  $[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (POSITIVO)]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica neutra, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e

possuir prosódia semântica positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 2 pertencente ao subesquema 1, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 5 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.2

<b>Microconstrução 1.2</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>shippar</i>	12	75%
<i>turistar</i>	3	19%
<i>brisar</i>	1	6%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *shippar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 1.2, correspondendo a 75% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descrevemos três ocorrências, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.2.

Figura 7 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.2



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 7 apresenta uma ocorrência com o verbo *shippar*, que tem origem no nome inglês *relationship*<sup>31</sup>. Segundo o Collins Dictionary<sup>32</sup>, “*relationship*” significa “a maneira como pessoas se sentem e se comportam umas com as outras” (tradução nossa)<sup>33</sup>. Traduzindo, literalmente, *relationship* é o mesmo que “relacionamento”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica neutra, que não é mantida no verbo denominal *shippar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) positivamente a atividade de torcer para que o casal Lara e Peter, do filme “Para todos os garotos que já amei”, fique junto, focalizando o próprio ato de *shippar* e empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome neutro.

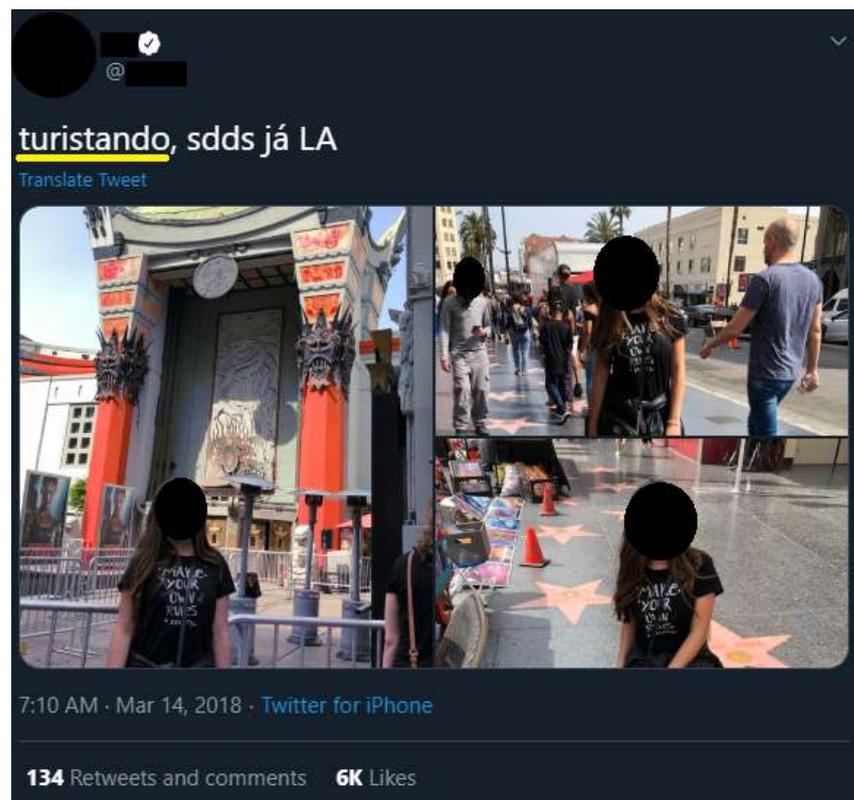
<sup>31</sup> Vale ressaltar que o nome “*shipp*” também é amplamente usado pelos falantes brasileiros como referência ao casal para o qual alguém torce (o “*shipp*” de um casal é entendido como um novo nome formado a partir da junção do nome de cada uma das duas pessoas que formam o casal; por exemplo, o *shipp* de “Maria” e “João”, seria “Majão”). Portanto, saber se “*shippar*” surgiu a partir de “*shipp*” ou “*relationship*” torna-se uma tarefa praticamente impossível. Todavia, é evidente que se trata de um verbo denominal, tendo em vista que tanto “*shipp*” quanto “*relationship*” são nomes.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/relationship>. Acesso em: 14, ago. de 2020.

<sup>33</sup> Cf.: “[...] the way in which they feel and behave towards each other”.

Esta ocorrência com o verbo *shippar*, pertencente à microconstrução 1.2, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstrução 1.1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa, uma vez que a prosódia semântica do nome (neutra) não é mantida no verbo (positiva), tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes ao padrão microconstrucional anterior. Apesar disso, ainda não compromete muito a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “torcer por um casal”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

Figura 8 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.2



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 8 apresenta uma ocorrência com o verbo *turistar*, que tem origem no nome *turista*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>34</sup>, significa “indivíduo que faz turismo”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica neutra, que não é mantida no verbo denominal *turistar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

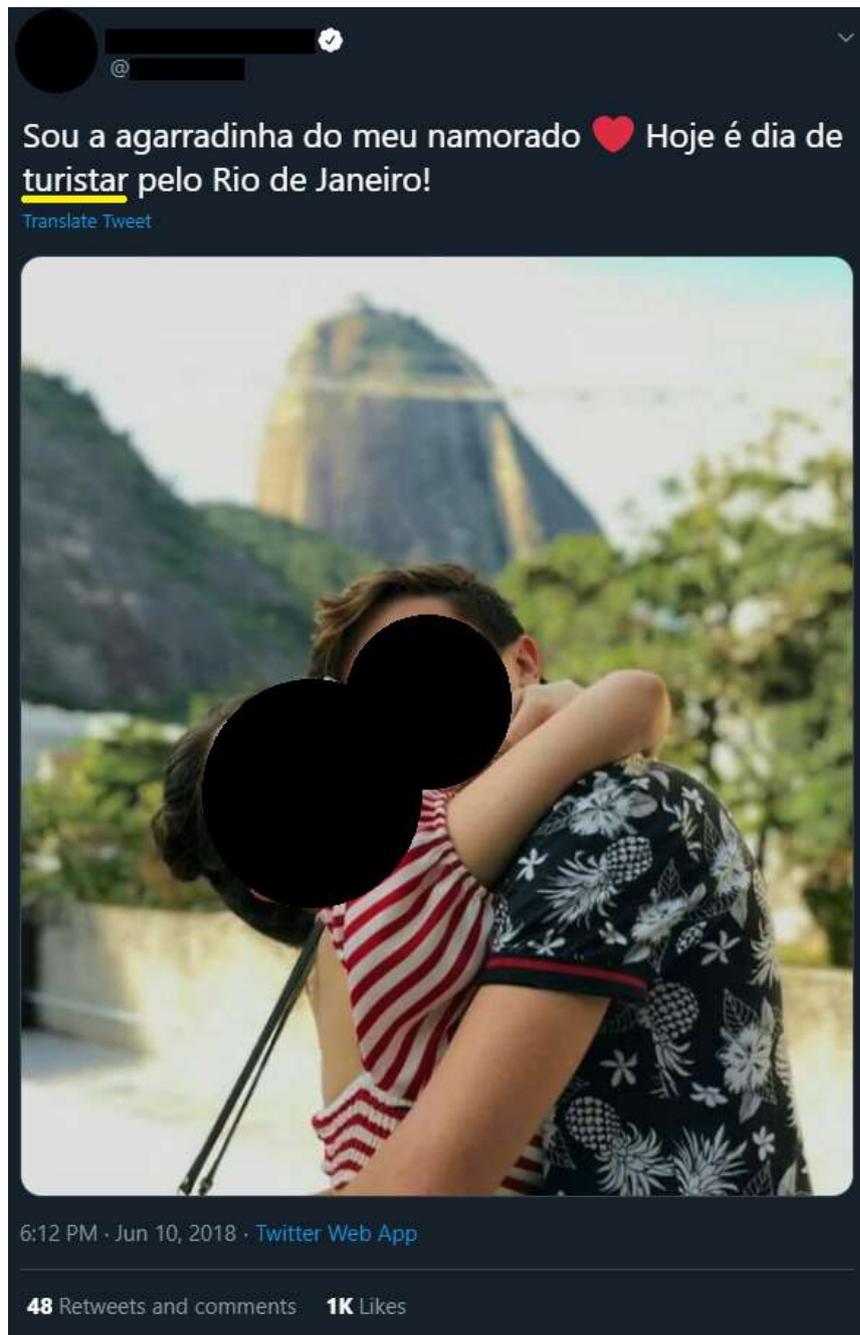
No exemplo da figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) positivamente a atividade de fazer turismo ou de agir como turista, ao publicar algumas fotos suas em pontos turísticos de Los Angeles, nos Estados Unidos. Logo, a locutora focaliza o próprio ato de *turistar* e emprega uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome neutro, evidenciada por algumas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), como, por exemplo, as fotos em que ela aparece feliz passeando por pontos turísticos de Los Angeles e sua demonstração de que sente saudades da cidade (“sdds já LA”).

Esta ocorrência com o verbo *turistar*, pertencente à microconstrução 1.2, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstrução 1.1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa, uma vez que a prosódia semântica do nome (neutra) não é mantida no verbo (positiva), tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes ao padrão microconstrucional anterior. Apesar disso, ainda não compromete muito a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer turismo”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

---

<sup>34</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

Figura 9 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.2



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 9 apresenta mais uma ocorrência com o verbo *turistar*, que tem origem no nome *turista*. Conforme vimos no exemplo anterior, segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>35</sup>, significa “indivíduo que faz turismo”.

<sup>35</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

Sendo assim, o nome possui prosódia semântica neutra, que não é mantida no verbo denominal *turistar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) positivamente a atividade de fazer turismo ou de agir como turista, ao publicar uma foto sua com seu namorado em um ponto turístico no Rio de Janeiro. Logo, a locutora focaliza o próprio ato de *turistar* e emprega uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome neutro, evidenciada pela foto em que ela aparece feliz passeando por esse ponto turístico, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Esta ocorrência com o verbo *turistar*, pertencente à microconstrução 1.2, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstrução 1.1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa, uma vez que a prosódia semântica do nome (neutra) não é mantida no verbo (positiva), tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes ao padrão microconstrucional anterior. Apesar disso, ainda não compromete muito a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer turismo”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

### 5.2.1.3 Microconstrução 1.3

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 1.3, temos o seguinte:

Quadro 8 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.3

Microconstrução 1.3	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{POSITIVO})]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva com foco em um evento ou uma atividade, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que as anteriores.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão construcional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que os anteriores, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às microconstruções 1.1 e 1.2. Sendo assim, a microconstrução 1.3 apresenta como forma  $[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{POSITIVO})]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica negativa, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 3 pertencente ao subesquema 1, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 6 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.3

Microconstrução 1.3		
Ocorrências	Frequência no <i>corpus</i>	
	nº.	%
<i>bombar</i>	21	78%
<i>maratonar</i>	5	18%
<i>stalkear</i>	1	4%
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *bombar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 1.3, correspondendo a 78% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descrevemos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.3.

Figura 10 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.3



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 10 apresenta uma ocorrência com o verbo *bombar*, que tem origem no nome *bomba*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>36</sup>, *bomba* significa “artefato de destruição ativado por carga explosiva”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que não é mantida no verbo denominal *bombar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

É válido lembrar que existem construções com o verbo *bombar* que apresentam prosódia semântica negativa. É o caso, por exemplo, de quando alguém se refere, no contexto escolar, ao ato de não obter sucesso para passar de ano, isto é, de repetir o ano escolar (“fulano ‘bombou’ o segundo ano mais de uma vez”). Entretanto, esse tipo de ocorrência não foi encontrado no *corpus* analisado.

<sup>36</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

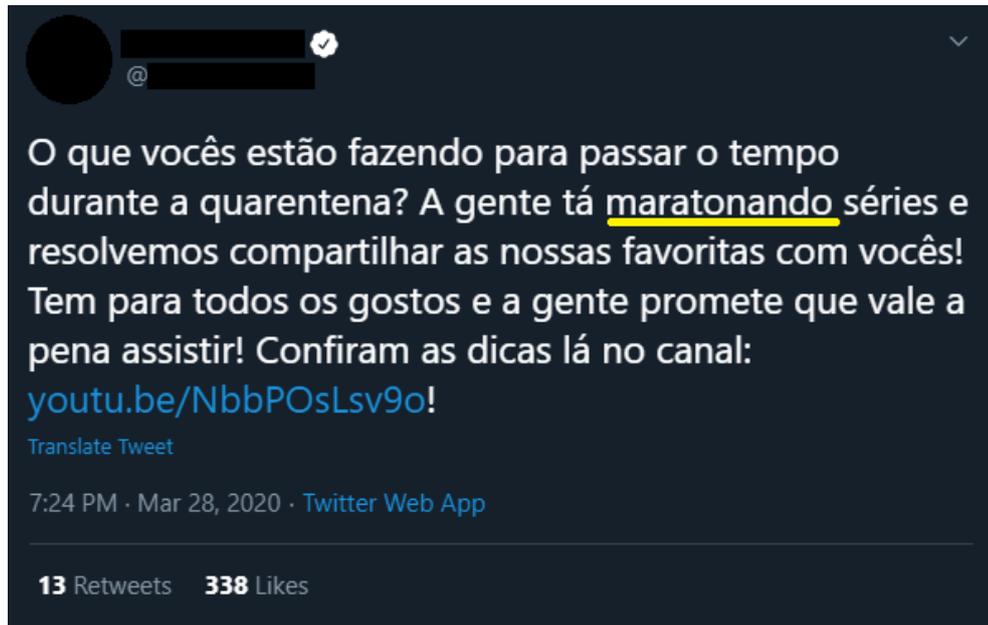
Na ocorrência representada na figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) positivamente o evento “fazer sucesso” ao fazer referência a tudo que está em alta na internet. Logo, o locutor focaliza o próprio evento de *bombar* e emprega uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome prototipicamente negativo.

Esta ocorrência com o verbo *bombar*, pertencente à microconstrução 1.3, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstrução 1.1 e 1.2, pode ser considerada mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa ainda maior<sup>37</sup>, uma vez que a prosódia semântica do nome – negativa – não é mantida no verbo – positiva –, tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes aos padrões microconstrucionais anteriores. Apesar disso, ainda não compromete muito a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer sucesso”, e não a perspectiva do locutor acerca desse evento.

---

<sup>37</sup> Consideramos que a quebra de expectativa por parte do interlocutor é ainda maior nos casos em que um nome com determinada prosódia semântica origina um verbo com prosódia semântica contrária, do que nos casos em que um nome neutro origina um verbo com prosódia semântica positiva ou negativa. Quando o nome é neutro, não é esperado um valor de prosódia semântica previamente definido, mas parece haver um “espaço em branco” a ser preenchido com a prosódia semântica do verbo.

Figura 11 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.3



Fonte: *Twitter* (2020).

A Figura 11 apresenta uma ocorrência com o verbo *maratonar*, que tem origem no nome *maratona*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>38</sup>, possui sentido figurado e significa “evento ou atividade de longa duração, com efeito desgastante para os participantes”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que não é mantida no verbo denominal *maratonar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, os locutores avaliam (WHITE, 2003) positivamente a atividade de fazer maratona de séries televisivas, isto é, de assistir a vários episódios em sequência, sem intervalo, como uma maratona. Logo, os locutores focalizam o próprio ato de *maratonar* e empregam uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome prototipicamente negativo.

Esta ocorrência com o verbo *maratonar*, pertencente à microconstrução 1.3, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da

<sup>38</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

microconstrução 1.1 e 1.2, pode ser considerada mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa ainda maior, uma vez que a prosódia semântica do nome – negativa – não é mantida no verbo – positiva –, tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes aos padrões microconstrucionais anteriores. Apesar disso, ainda não compromete muito as faces dos locutores (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “fazer maratona”, e não a perspectiva dos locutores acerca dessa atividade.

Figura 12 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.3



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 12 apresenta uma ocorrência com o verbo *stalkear*, que tem origem no nome *stalker*, já amplamente usado na língua portuguesa. Segundo o Collins Dictionary<sup>39</sup>, o “*stalker*” é alguém que insiste em perseguir e/ou contatar outra pessoa de maneira incômoda, insistente e, até mesmo, assustadora. Geralmente o *stalker* age de forma despercebida, ou seja, observa a vida do outro sem que o outro saiba. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que não é mantida no verbo denominal *stalkear*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/stalker>. Acesso em: 14 ago. 2020.

No exemplo da figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) positivamente a atividade de agir como um *stalker* (mas com sentido positivo), isto é, de observar o perfil de seus seguidores. Como se trata de uma atriz famosa e de um ato – não mais secreto – de espiar o perfil de seus seguidores/interlocutores, isso é visto por todos como algo positivo, principalmente para aqueles que são seus fãs. Logo, a locutora focaliza o próprio ato de *stalkear* e emprega uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um verbo formado a partir de um nome prototipicamente negativo.

Esta ocorrência com o verbo *stalkear*, pertencente à microconstrução 1.3, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada às aquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstrução 1.1 e 1.2, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, há uma quebra de expectativa ainda maior, uma vez que a prosódia semântica do nome – negativa – não é mantida no verbo – positiva –, tornando-a uma ocorrência mais expressiva do que aquelas pertencentes aos padrões microconstrucionais anteriores. Apesar disso, ainda não compromete muito a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a atividade de “observar alguém como se fosse um *stalker*”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

#### 5.2.1.4 Microconstrução 1.4

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 1.4, temos o seguinte:

Quadro 9 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.4

<b>Microconstrução 1.4</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{NEGATIVO})}]$
<b>Função</b>	Avaliação negativa com foco na execução de um evento ou uma atividade, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que as anteriores.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando negativamente um evento ou uma atividade em um contexto de prosódia semântica negativa. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que os anteriores, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às microconstruções 1.1, 1.2 e 1.3. Sendo assim, a microconstrução 1.4 apresenta como forma  $[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{NEGATIVO})}]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica negativa, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e também possuir prosódia semântica negativa, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 4 pertencente ao subesquema 1, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 7 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.4

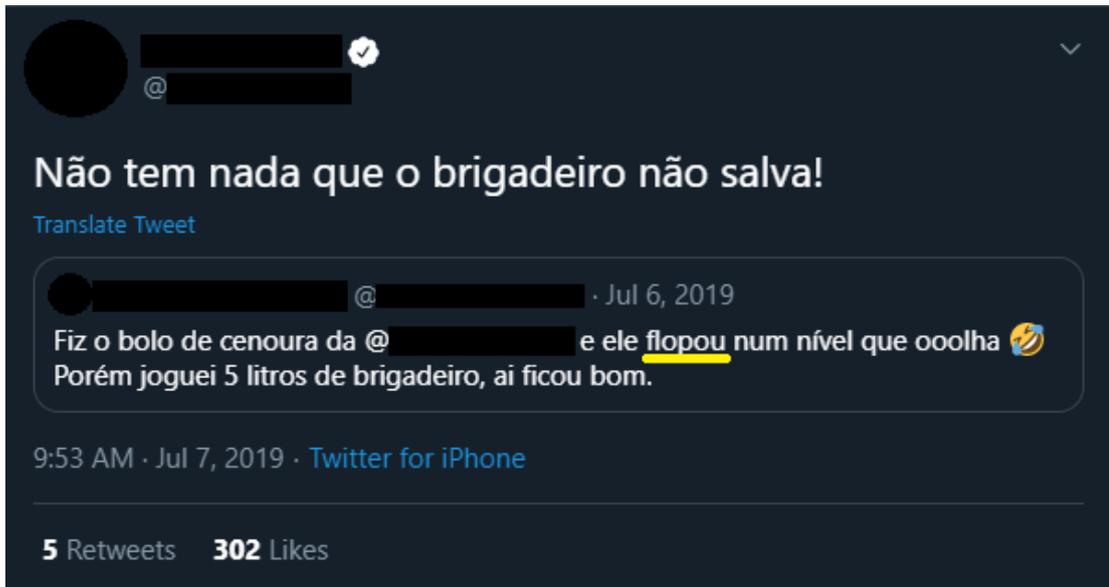
Microconstrução 1.4		
Ocorrências	Frequência no <i>corpus</i>	
	nº.	%
<i>flopar</i>	13	29%
<i>bugar</i>	6	13%
<i>tretar</i>	5	11%
<i>flodar</i>	4	9%
<i>stalkear</i>	4	9%
<i>trollar</i>	4	9%
<i>ansiar</i>	1	2%
<i>bostejar</i>	1	2%
<i>blogueirar</i>	1	2%
<i>chacotar</i>	1	2%
<i>coronaviruzar</i>	1	2%
<i>corongar</i>	1	2%
<i>hackear</i>	1	2%
<i>insoniar</i>	1	2%
<i>perrengar</i>	1	2%
<i>talaricar</i>	1	2%
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *flopar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 1.4, correspondendo a 29% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descrevemos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.4.

Figura 13 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.4



Fonte: *Twitter* (2019).

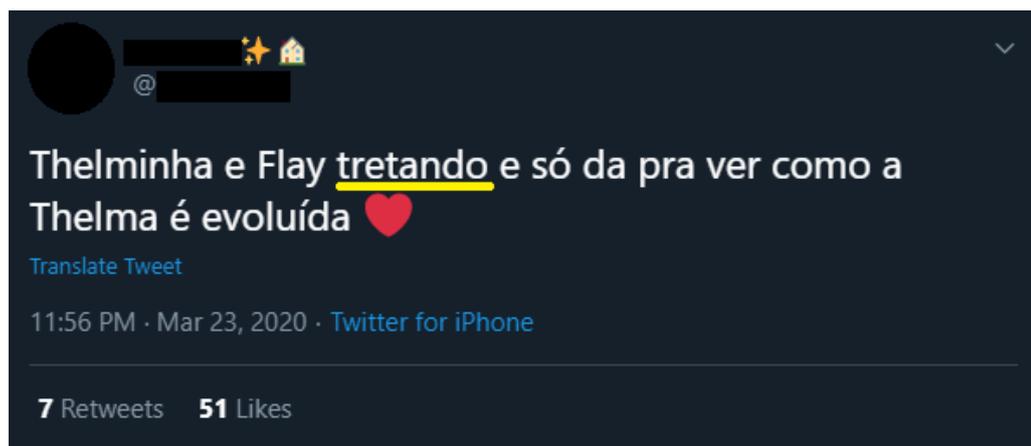
A Figura 13 apresenta uma ocorrência com o verbo *flopar*, com origem no nome inglês *flop*, já amplamente utilizado na língua portuguesa. Segundo o Collins Dictionary<sup>40</sup>, o nome *flop* significa “desastre”, “falha” ou “algo que deu errado”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que é mantida no verbo denominal *flopar*.

No exemplo representado na figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) negativamente o evento de falhar ao fazer referência à sua tentativa de reproduzir a receita do bolo de cenoura de uma dupla de influenciadores digitais famosos. Algumas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) tornam evidente esse sentido negativo do verbo *flopar*, como, por exemplo, o uso da conjunção adversativa “porém”, quando diz que jogou “5 litros de brigadeiro”, e ao afirmar “aí ficou bom”, dando a entender que antes estava ruim. Dessa forma, o locutor focaliza o próprio ato de *flopar* e emprega uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome negativo.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/flop>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Esta ocorrência com o verbo *flop*, pertencente à microconstrução 1.4, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstruções anteriores, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, apesar de não haver quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – negativa – é mantida no verbo – negativa –, há uma ameaça ainda maior à face (GOFFMAN, 1967) do locutor, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência a sua tentativa de seguir a receita de dois influenciadores digitais famosos – inclusive marcando diretamente o nome de usuário deles, para que eles vejam –, podendo se indispor com esses famosos e seus seguidores. Para que isso não aconteça, o locutor finaliza em tom de humor, ao utilizar um *emoji* de risos e tenta proteger a própria face, novamente de forma cômica, ao utilizar uma hipérbole dizendo que jogou “5 litros de brigadeiro” e “ai ficou bom”. Nesse sentido, conforme vimos, o verbo denominal *flop* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal o evento de falhar ao tentar reproduzir uma receita, e não a perspectiva do locutor acerca desse evento.

Figura 14 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.4



Fonte: *Twitter* (2020).

A Figura 14 apresenta uma ocorrência com o verbo *tretar*, com origem no nome *treta*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>41</sup>, o nome *treta* significa “iludir” ou “enganar”. Entretanto, esse nome tem sido usado, ainda com sentido negativo, como uma gíria, que, de acordo com o *Dicio*, Dicionário Online de Português<sup>42</sup>, quer dizer “briga” ou “discussão agressiva”. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que é mantida no verbo denominal *tretar*.

No exemplo da figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) negativamente o evento de causar *treta*/confusão ao fazer referência à briga entre duas participantes de um reality show. Dessa forma, o locutor focaliza o próprio ato de *tretar* e emprega uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome negativo.

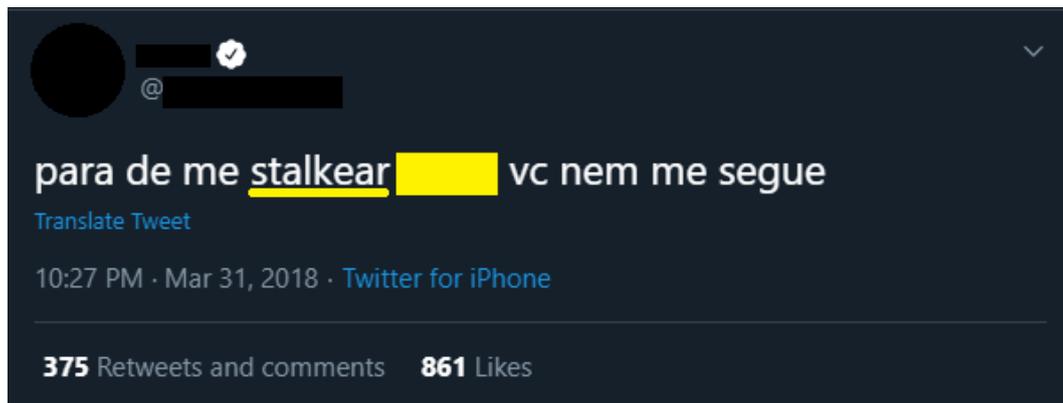
Esta ocorrência com o verbo *tretar*, pertencente à microconstrução 1.4, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstruções anteriores, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, apesar de não haver quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – negativa – é mantida no verbo – negativa –, há uma ameaça ainda maior à face (GOFFMAN, 1967) do locutor, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência à briga entre duas participantes de um reality show. Nesse sentido, o locutor expõe, de forma clara, que está do lado da participante Thelma, e não da participante Flay, o que deixa sua face exposta e pode causar conflito com interlocutores que torcem por Flay. Nesse sentido, conforme vimos, o verbo denominal *tretar* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal o evento da briga que ocorre entre as duas participantes do reality show, e não a perspectiva do locutor acerca desse evento.

---

<sup>41</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/treta/>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Figura 15 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.4



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 15 apresenta uma ocorrência com o verbo *stalkear*, que tem origem no nome *stalker*, já amplamente usado na língua portuguesa. Segundo o Collins Dictionary<sup>43</sup>, o “*stalker*” é alguém que insiste em perseguir e/ou contatar outra pessoa de maneira incômoda, insistente e, até mesmo, assustadora. Geralmente o *stalker* age de forma despercebida, ou seja, observa a vida do outro sem que o outro saiba. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica negativa, que é mantida no verbo denominal *stalkear*.

Na ocorrência representada na figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) negativamente a atividade do outro de observá-lo sem que ele saiba, o que fica explícito quando pede que seu interlocutor pare com o que está fazendo (“para de me stalkear”). Dessa forma, o locutor focaliza o próprio ato de *stalkear* e emprega uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome negativo.

Esta ocorrência com o verbo *stalkear*, pertencente à microconstrução 1.4, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências da microconstruções anteriores, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, apesar de não haver quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – negativa – é mantida no verbo – negativa –, há uma

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/stalker>. Acesso em: 14 ago. 2020.

ameaça ainda maior à face (GOFFMAN, 1967) do locutor, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência ao ato do interlocutor de observá-lo em segredo. Nesse sentido, o locutor ordena, de forma clara, que o outro pare com essa atitude, ameaçando a própria face e a face do outro e podendo causar um conflito. Nesse sentido, conforme vimos, o verbo denominal *stalkear* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal a atividade praticada pelo interlocutor de observar a vida do outro em segredo, sem ser um de seus seguidores, e não a perspectiva do locutor acerca dessa atividade.

#### 5.2.1.5 Microconstrução 1.5

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 1.5, temos o seguinte:

Quadro 10 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 1.5

<b>Microconstrução 1.5</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (NEGATIVO)]$
<b>Função</b>	Avaliação negativa com foco em um evento ou uma atividade, constituindo a microconstrução [+intersubjetiva] do subesquema 1.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade em um contexto de prosódia semântica negativa. Além disso, constitui o padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do subesquema 1, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às demais microconstruções do subesquema 1. Sendo assim, a microconstrução 1.5 apresenta como forma  $[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (NEGATIVO)]$ , em que N simboliza um nome que precisa

possuir prosódia semântica neutra, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica negativa, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 5 pertencente ao subesquema 1, contendo todas as ocorrências identificadas e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 8 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 1.5

<b>Microconstrução 1.5</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>kibar</i>	5	64%
<i>biscoitar</i>	1	12%
<i>brisar</i>	1	12%
<i>gatilhar</i>	1	12%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *kibar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 1.5, correspondendo a 64% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos três amostras, retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.5.

Figura 16 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 1.5



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 16 apresenta uma ocorrência com o verbo *kibar*, que tem origem o nome de um antigo *blog* de humor, chamado *Kibe Loco*, que ficou conhecido por copiar as publicações de outros *blogs*. Logo, *kibar* tem como sentido “(i) agir como o *blog Kibe Loco*, (ii) copiar publicações de outras pessoas”, sendo o primeiro sentido implícito para a maioria das pessoas, pois são poucos os que conhecem esse *blog* e sua fama negativa relacionada ao plágio. Para a maior parte dos interlocutores, *kibar* significa simplesmente “copiar”, e isso basta para a compreensão do verbo. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica neutra, que não é mantida no verbo denominal *kibar*, uma vez que este possui prosódia semântica negativa.

Na ocorrência representada na figura acima, a locutora avalia (WHITE, 2003) negativamente a atividade de copiar o que outra pessoa publicou em seu perfil no *Twitter*. Esse sentido negativo fica evidente quando ela pede desculpas por seu ato (“dscp”), quando afirma que seu ato não foi proposital (“te kibeï sem querer”) e quando diz que irá “retweetar” a publicação da outra pessoa, com a justificativa de ser uma pessoa íntegra (“pois sou integra”), o que faz com que o nome de quem originalmente escreveu o texto apareça, dando os devidos créditos. Todas essas afirmações servem como pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) para que o sentido de *kibar*, neste contexto, seja compreendido por parte dos interlocutores. Dessa forma, a locutora focaliza o próprio ato de *kibar* e emprega uma prosódia

semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome neutro.

Esta ocorrência com o verbo *kibar*, pertencente à microconstrução 1.5, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstrução do subesquema 1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, além de haver uma ameaça à face (GOFFMAN, 1967) da locutora, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência a um ato praticado por ela mesma, há também quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – neutra – não é mantida no verbo – negativa. Dessa forma, a locutora passa, então, a tentar proteger a própria face por meio de um pedido de desculpas e de justificativas. Nesse sentido, conforme vimos, o verbo denominal *kibar* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal a atividade de “copiar”, e não a perspectiva da locutora acerca dessa atividade.

Figura 17 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 1.5



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 15 apresenta uma ocorrência com o verbo *biscoitar*, com origem no nome *biscoito*, alimento que metaforicamente, neste caso, significa “atenção”. Trata-se de uma metáfora ao contexto em que cães fazem truques para, literalmente, ganhar petiscos/biscoitos e atenção. Sendo assim, o nome possui prosódia semântica neutra, que não é mantida no verbo denominal *biscoitar*, uma vez que este possui prosódia semântica negativa.

No exemplo da figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) negativamente a atividade de tentar chamar atenção para ganhar biscoito/elogios. Esse sentido negativo fica evidente quando o locutor fala em tirar a camisa, fazendo referência a pessoas que fazem de tudo – até mesmo, se despir – para chamar atenção na internet e ganhar biscoito. Em seguida, utiliza a palavra “risos” em tom irônico. Tudo isso serve como pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) para que o sentido de *biscoitar*, neste contexto, seja compreendido por parte dos interlocutores. Dessa forma, o locutor focaliza o próprio ato de *biscoitar* e emprega uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome neutro.

Esta ocorrência com o verbo *biscoitar*, pertencente à microconstrução 1.5, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstrução do subesquema 1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, além de haver uma ameaça à face (GOFFMAN, 1967) do locutor, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência a um ato praticado por outras pessoas, podendo se indispor com elas, há também uma quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – neutra – não é mantida no verbo – negativa. A fim de proteger a sua face, o locutor finaliza em tom de humor, ainda que irônico. Nesse sentido, conforme vimos, o verbo denominal *biscoitar* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal a atividade de “chamar atenção em troca de elogios/biscoito”, e não a perspectiva do locutor acerca dessa atividade.

Figura 18 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 1.5



Fonte: *Twitter* (2020).

A Figura 18 apresenta uma ocorrência com o verbo *gatilhar*, que tem origem no nome *gatilho*, que, segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>44</sup>, significa “qualquer coisa que, à maneira de um gatilho, faz disparar um processo ou uma reação”. A palavra *gatilho* é utilizada para alertar os usuários de redes sociais quando um conteúdo é sensível e pode vir a despertar algum tipo de desconforto ou, até mesmo, dar início a uma crise. Entretanto, recentemente, o termo tem sido utilizado como referência a um *meme* que circula na internet, em que uma usuária da rede social *Instagram* publicou uma brincadeira com seu pai e foi repreendida por uma seguidora, que pediu para apagar a publicação, alegando ser gatilho. Logo, a frase “para, está me dando gatilho” se transformou em uma grande piada e tornou difícil distinguir quando se trata de algo sério ou não. Como o nome

<sup>44</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

*gatilho* faz referência a algo que faz disparar um processo ou uma reação, determinamos que se trata de um nome com prosódia semântica neutra, que, neste caso, não é mantida no verbo denominal *gatilhar*, uma vez que este possui prosódia semântica negativa.

Na ocorrência presente na figura acima, o locutor avalia (WHITE, 2003) negativamente o evento de “dar *gatilho*”. Nesta ocorrência, a locutora faz uso do verbo *gatilhar* em resposta a uma tirinha em que uma borboleta pousa no ombro de uma garota – feliz até então – e pergunta a ela por que nada nunca está bom o bastante e, em seguida, vai embora, deixando-a visivelmente triste, pensativa sobre a pergunta. Essa tirinha serve como pista de contextualização (GUMPERZ, 1982) para que o sentido de *gatilhar*, neste contexto, seja compreendido por parte dos interlocutores. Dessa forma, o locutor focaliza o próprio evento de *gatilhar* e emprega uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um verbo formado a partir de um nome neutro.

Esta ocorrência com o verbo *gatilhar*, pertencente à microconstrução 1.5, possui caráter menos intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 2. Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstrução do subesquema 1, pode ser considerada como mais intersubjetiva. Isso ocorre porque, neste caso, além de haver uma ameaça à face (GOFFMAN, 1967) do próprio locutor, que usa um verbo de prosódia semântica negativa para fazer referência a algo que lhe afeta, deixando sua face exposta aos interlocutores quando se identifica com o problema da personagem da tirinha, há também quebra de expectativa – já que a prosódia semântica do nome – neutra – não é mantida no verbo – negativa. Logo, conforme vimos, o verbo denominal *gatilhar* possui, neste contexto, prosódia semântica negativa e tem como foco principal o evento de “dar *gatilho*”, e não a perspectiva do locutor acerca desse evento.

### 5.2.2 Subesquema 2

Como já discutimos no início desta seção, a proposta de rede construcional com verbos denominais, assumida neste trabalho, apresenta dois subesquemas: o primeiro é caracterizado pela avaliação com foco em um evento ou uma atividade, apresentando um caráter menos intersubjetivo; e o segundo é caracterizado pela avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade, apresentando um caráter mais intersubjetivo. Nesta subseção, descrevemos o subesquema 2 da proposta de rede construcional com verbos denominais e propomos um pareamento forma-função para cada uma das microconstruções vinculadas a esse subesquema.

O subesquema 2 marca o posicionamento do locutor por meio de uma avaliação de um evento ou uma atividade, agregando valores negativos ou positivos ao discurso com base em seu engajamento (MARTIN, 2003). Nesse mesmo viés, Martin (2003) afirma que a intersubjetividade é o fator chave para a atuação do engajamento no discurso, porque está relacionada a *quando*, *como* e *se* o locutor está aberto para reconhecer posições alternativas para si mesmo; isto é, marca as relações entre locutor-interlocutor.

Nesse contexto, Hunston e Thompson (2003) ressaltam como a organização do discurso e a construção e a manutenção dessas relações entre locutor-interlocutor se estabelecem a partir do posicionamento do locutor, que, no caso do presente trabalho, ocorre quando ele utiliza construções avaliativas com verbos denominais. Desse modo, de acordo com Dias (2013), a avaliação expressa a subjetividade/perspectiva do locutor, ou seja, “as suas reações (subjetividade) em relação a um enunciado, evento, ou as suas reações em relação a um interlocutor (intersubjetividade)” (DIAS, 2013, p.132).

Desse modo, no subesquema 2, os valores avaliativos são também mensurados conforme a prosódia semântica, que pode variar, a depender do contexto, entre positiva (como em *sextar*, *divar* etc.) ou negativa (como em *segundar* etc.). No quadro abaixo, ilustramos a forma e a função características deste subesquema.

Quadro 11 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 2

<b>Subesquema 2</b>	
<b>Forma</b>	[V <sup>N*</sup> ] *Precisa ser um verbo denominal [+intersubjetivo] do que os verbos que constituem o subesquema 1
<b>Função</b>	Avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade

Fonte: elaboração da autora (2021).

No subesquema 2, agrupamos as microconstruções que apresentam como traços em comum (i) avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade e (ii) o caráter mais intersubjetivo desses verbos, se comparados aos verbos pertencentes ao subesquema 1. Assim, a principal função dos verbos vinculados ao subesquema 2 é avaliação – positiva ou negativa – com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade.

Quanto à intersubjetividade, esses verbos estão, dentro de um *continuum*, localizados mais próximos ao polo [+intersubjetivo], já que, ao utilizá-los, o locutor busca posicionar-se de forma mais expressiva, indicando suas crenças e atitudes (TRAUGOTT; DASHER, 2004). Nesse contexto, Traugott (2010) explica que, em razão da necessidade do locutor de sinalizar a relevância de seu posicionamento, decorrem (i) a subjetivização, que constitui a inserção do locutor no discurso ao expressar sua perspectiva ou sua opinião e (ii) a intersubjetivização, que está relacionada à atenção do locutor em relação ao interlocutor, uma vez que o segundo é considerado sujeito ativo na interação; ambas linguisticamente sinalizadas.

A partir dos dados analisados, verificamos que o subesquema 2 é constituído por 5 diferentes padrões microconstrucionais, cujas frequências estão indicadas na tabela abaixo.

Tabela 9 – Frequência dos padrões microconstrucionais do subesquema 2

Padrões microconstrucionais do subesquema 2	Número de ocorrências no <i>corpus</i>	
	nº.	%
Microconstrução 2.1	95	86%
Microconstrução 2.2	11	10%
Microconstrução 2.3	2	2%
Microconstrução 2.4	1	1%
Microconstrução 2.5	1	1%
<b>Total</b>	<b>110</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Como é possível constatar a partir da Tabela 9, o subesquema 2 possui, no total, 110 ocorrências a nível microconstrucional, distribuídas em 5 diferentes padrões microconstrucionais. Vale lembrar que, assim como no subesquema 1, as microconstruções do subesquema 2 foram organizadas seguindo um *continuum* de intersubjetividade. Dessa forma, a microconstrução 2.1 – cuja função é avaliar positivamente um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor – representa o padrão construcional [- intersubjetivo] do subesquema 2. Esse grau de intersubjetividade, bem como o grau de expressividade e de ameaça à face (GOFFMAN, 1967), aumenta cada vez mais até a microconstrução 2.5, que configura a mais intersubjetiva do subesquema 2 e cuja função é avaliar negativamente um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor.

Na tabela abaixo, apresentamos quais são as ocorrências pertencentes a cada um dos padrões microconstrucionais do subesquema 2 e suas respectivas frequências no *corpus* analisado.

Tabela 10 – Ocorrências de cada padrão microconstrucional do subesquema 2

<b>Subesquema 2</b>			
<b>Ocorrências de cada padrão microconstrucional</b>		<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
		<b>nº.</b>	<b>%</b>
<b>Microconstrução 2.1</b>	<i>sextar</i>	69	64%
	<i>sabadar</i>	10	9%
	<i>domingar</i>	8	7%
	<i>divar</i>	4	3%
	<i>mitar</i>	3	2%
	<i>festar</i>	1	1%
<b>Total</b>		<b>95</b>	<b>86%</b>
<b>Microconstrução 2.2</b>	<i>terçar</i>	3	3%
	<i>bandersnatchar</i>	1	1%
	<i>egitar</i>	1	1%
	<i>pagodar</i>	1	1%
	<i>prefeitar</i>	1	1%
	<i>quartar</i>	1	1%
	<i>quintar</i>	1	1%
	<i>trintar</i>	1	1%
<b>Total</b>		<b>10</b>	<b>10%</b>
<b>Microconstrução 2.3</b>	<i>segundar</i>	2	2%
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>2%</b>
<b>Microconstrução 2.4</b>	<i>segundar</i>	1	1%
<b>Total</b>		<b>1</b>	<b>1%</b>
<b>Microconstrução 2.5</b>	<i>feriadar</i>	1	1%
<b>Total</b>		<b>1</b>	<b>1%</b>
<b>Total geral</b>		<b>108</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Com base na tabela acima, podemos concluir que, dentre todos os cinco padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 2, a microconstrução 2.1 (a menos intersubjetiva, menos expressiva e com menor grau de ameaça à face) configura a mais frequente, com um total de 95 ocorrências, representando 86% das ocorrências desse subesquema.

A seguir, analisaremos, de forma detalhada e exemplificada, cada um dos padrões microconstrucionais vinculados ao subesquema 2.

### 5.2.2.1 Microconstrução 2.1

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 2.1, temos o seguinte:

Quadro 12 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.1

<b>Microconstrução 2.1</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{POSITIVO})}]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva acerca de um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor, constituindo a microconstrução [-intersubjetiva] do subesquema 2.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco em sua perspectiva, em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, representa o padrão microconstrucional de caráter menos intersubjetivo do subesquema 2, porque é constituído por ocorrências menos expressivas e que comprometem menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências das outras microconstruções pertencentes ao mesmo subesquema. Sendo assim, a microconstrução 2.1 apresenta como forma  $[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N) (\text{POSITIVO})}]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica positiva, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica também positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 1 pertencente ao subesquema 2, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 11 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.1

Microconstrução 2.1		
Ocorrências	Frequência no <i>corpus</i>	
	nº.	%
<i>sextar</i>	69	73%
<i>sabadar</i>	10	10%
<i>domingar</i>	8	9%
<i>divar</i>	4	4%
<i>mitar</i>	3	3%
<i>festar</i>	1	1%
<b>Total</b>	<b>95</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *sextar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 2.1, correspondendo a 73% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos três amostras retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.1.

Figura 19 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.1



Fonte: *Twitter* (2019).

A Figura 19 apresenta uma ocorrência com o verbo *sextar*, que tem origem no nome *sexta-feira*, o qual nomeia o dia que precede o fim de semana. Dessa forma, neste caso, o verbo *sextar* significa não apenas “viver a *sexta-feira*”, mas também vivenciar todos os sentimentos positivos relacionados a esse dia e à iminência da chegada do final de semana, momento de descanso do trabalho, de diversão e, no caso desta ocorrência, momento de pedir comida fora. Sendo assim, o nome *sexta-feira* possui prosódia semântica positiva, que é mantida ao verbo proveniente desse nome.

No exemplo da figura acima, a locutora revela seu estado de espírito, suas crenças e suas atitudes acerca da chegada da sexta-feira e, conseqüentemente, do fim de semana. Logo, o verbo *sextar*, neste caso, é utilizado com avaliação positiva, uma vez que os sentimentos envolvidos na atividade de viver a sexta-feira e pedir comida fora com entrega grátis são positivos e compartilhados entre a locutora e os interlocutores. Esse sentido positivo do verbo fica evidente ao notarmos algumas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), como, por exemplo, o uso de caixa alta e a prolongação da vogal “o” em “SEXTOOU” e o uso de exclamações, o que mostra a empolgação da locutora com a chegada da sexta-feira.

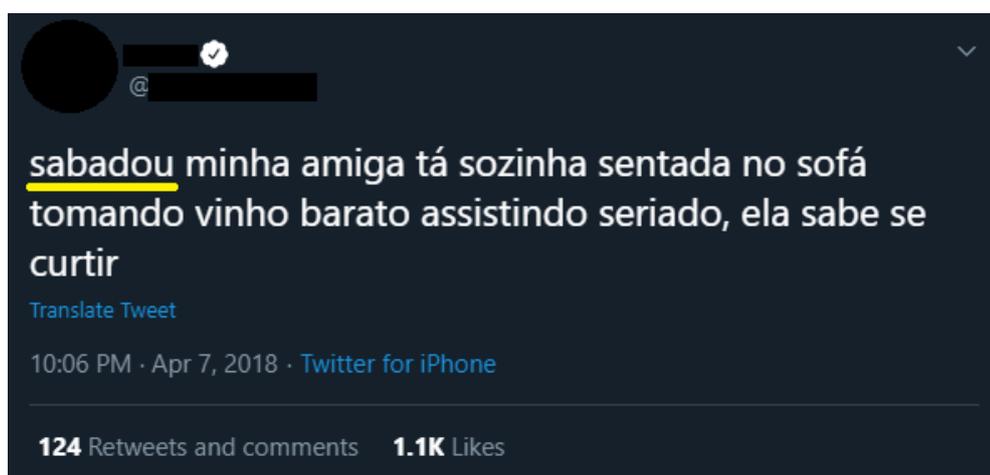
Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *sextar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de “viver a sexta-feira e vivenciar todos os sentimentos relacionados à chegada desse dia”, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *sexta-feira* e focalizando a perspectiva do locutor – positiva – acerca da atividade de *sextar*.

É importante ressaltar que o verbo *sextar* já está tão frequente na língua portuguesa, principalmente em contextos informais, que pode ser encontrado em diversas conjugações, como é possível notar na ocorrência da Figura 17, em que *sextar* aparece no pretérito, no gerúndio e no infinitivo. Além disso, o uso desse verbo denominal está se expandindo cada vez mais. Já é possível encontrá-lo em contextos não convencionais, de ironia e quebra de expectativa – em que *sextar* é usado em contextos de prosódia semântica negativa –, em outros dias da semana – como forma de conceber outro dia com a mesma prosódia semântica positiva referente à sexta-feira – e, até mesmo, em forma de nome (“o sextou”).

Desse modo, podemos afirmar que esse verbo é altamente produtivo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e atua como exemplar na rede construcional, uma vez que parece gerar, por extensão e por meio do mecanismo de analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), verbos formados a partir de outros dias da semana (*segundar, terçar, quartar, quintar, sabadar e domingar*). Isso porque, entre essas ocorrências, *sextar* é a mais produtiva, a mais frequente e também a mais antiga, podendo ser encontrada pela primeira vez no *corpus* em 2017, amostra mais antiga analisada neste trabalho.

Esta ocorrência com o verbo *sextar*, pertencente à microconstrução 2.1, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva da locutora acerca da atividade, e não na atividade em si. Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstruções do subesquema 2, pode ser considerada como menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque não há quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *sextar*.

Figura 20 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.1



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 20 apresenta uma ocorrência com o verbo *sabadar*, que tem origem no nome *sábado*, o qual nomeia um dos dias que constituem o fim de semana. Dessa forma, assim como no exemplo anterior, neste caso, o verbo *sabadar* significa não apenas “viver o *sábado*”, mas também vivenciar todos os sentimentos positivos relacionados a esse dia e à chegada do final de semana, momento de descanso do trabalho, de diversão e, no caso desta ocorrência, momento de curtir ficando em casa bebendo e assistindo a um seriado. Sendo assim, o nome *sábado* possui prosódia semântica positiva, que é mantida no verbo proveniente desse nome.

No exemplo da figura acima, a locutora revela seu estado de espírito e de sua amiga acerca da chegada do sábado ou, de forma geral, do fim de semana. Logo, o verbo *sabadar*, neste caso, é utilizado com avaliação positiva, uma vez que os sentimentos envolvidos na atividade de viver o dia de sábado e curtir em casa bebendo e assistindo a um seriado são positivos e compartilhados pela locutora. Esse sentido positivo do verbo fica evidente quando ela diz que a amiga “sabe se curtir”, informação que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982). Além disso, fica evidente que, do ponto de vista da locutora, não é preciso muito para aproveitar um dia de sábado.

Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *sabadar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de curtir o dia de sábado em casa bebendo e assistindo a um seriado, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *sábado* e focalizando a perspectiva da locutora (positiva) acerca da atividade de *sabadar*.

Esta ocorrência com o verbo *sabadar*, pertencente à microconstrução 2.1, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva da locutora acerca da atividade, e não na atividade em si. Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstruções do subesquema 2, pode ser considerada como menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque não há quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *sabadar*.

Figura 21 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2.1



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 21 apresenta uma ocorrência com o verbo *divar*, que tem origem no nome *diva*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>45</sup>, o nome *diva* significa “divindade feminina; deusa” ou, ainda, “mulher de grande beleza”. Sendo assim, o nome *diva* possui prosódia semântica positiva, que é mantida ao verbo proveniente desse nome.

No exemplo da figura acima, a locutora revela sua perspectiva acerca da atividade de “agir como uma *diva*” exercida por suas amigas ao posarem para uma foto juntas. Logo, o verbo *divar*, neste caso, é utilizado para avaliar positivamente essa atividade desempenhada pelas amigas. Esse sentido positivo do verbo fica

<sup>45</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

evidente pela foto, em que as amigas aparecem juntas posando de forma elegante, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, neste caso, *divar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de agir como uma diva, mantendo a prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) do nome *diva* e focalizando a perspectiva da locutora – positiva – acerca da atividade de *divar*.

Esta ocorrência com o verbo *divar*, pertencente à microconstrução 2.1, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva da locutora acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Entretanto, se comparada às ocorrências das demais microconstruções do subesquema 2, pode ser considerada como menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque não há quebra de expectativa, já que a prosódia semântica do nome é mantida no verbo. Além disso, compromete menos a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *divar*.

#### 5.2.2.2 Microconstrução 2.2.

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 2.2, temos o seguinte:

Quadro 13 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.2

<b>Microconstrução 2.2</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (POSITIVO)]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva acerca de um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que a anterior.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco em sua perspectiva, em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que o anterior, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas à microconstrução 2.1. Sendo assim, a microconstrução 2.2 apresenta como forma  $[N^{(NEUTRO)}] \rightarrow [V^{(N)} (POSITIVO)]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica neutra, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 2 pertencente ao subesquema 2, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 12 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.2

<b>Microconstrução 2.2</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>terçar</i>	3	28%
<i>bandersnatchar</i>	1	9%
<i>egitar</i>	1	9%
<i>nirvanar</i>	1	9%
<i>pagodar</i>	1	9%
<i>prefeitar</i>	1	9%
<i>quartar</i>	1	9%
<i>quintar</i>	1	9%
<i>trintar</i>	1	9%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *terçar* é a ocorrência mais frequente da microconstrução 2.2, correspondendo a 28% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos três amostras retiradas do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.2.

Figura 22 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.2



Fonte: *Twitter* (2017).

A Figura 22 apresenta uma ocorrência com o verbo *terçar*, que tem origem no nome *terça-feira*, dia nem muito no início nem muito no fim da semana. Sendo assim, tendo em vista que é um dia que não causa muitas emoções nas pessoas, como a segunda-feira ou a sexta-feira, o nome *terça-feira* possui prosódia semântica prototipicamente neutra, que não é mantida no verbo denominal *terçar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

Na ocorrência representada na figura acima, a locutora revela sua perspectiva acerca de seu estado de espírito ao “viver a *terça-feira*” no trabalho, em um momento de pausa para tomar um chá. Logo, o verbo *terçar*, neste caso, é utilizado para avaliar positivamente a atividade de viver a *terça-feira* nesse contexto. Esse sentido positivo do verbo fica evidente pela foto, em que a locutora aparece segurando uma caneca estampada com a *hashtag* “#Chá”, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Vale ressaltar que, apesar de ser utilizada no pretérito perfeito, a ocorrência com *terçar* representada na Figura 20 – assim como geralmente ocorre em outras ocorrências pertencentes ao subesquema 2 – não indica necessariamente um evento que já ocorreu, mas um evento que a locutora ainda vivencia, isto é, que ainda está em desenvolvimento (TRAVAGLIA, 2006). Isso porque a locutora utiliza o verbo *terçou* ainda antes de a *terça-feira* acabar, podendo, inclusive ser utilizado durante toda a *terça-feira*. Portanto, neste caso, não se pode associar o tempo verbal – pretérito perfeito – a um espaço temporal específico, ou a uma noção aspectual<sup>46</sup> específica (TRAVAGLIA, 2006), porque não é possível definir o começo e o término do evento, ou seja, não é possível determinar sua duração. Nesse contexto, Travaglia (2006) defende que a duratividade é uma noção semântica aspectual que se opõe à pontualidade, uma vez que essa última está relacionada a um evento com início e término simultâneos ou separados por um curto intervalo de tempo, podendo ser concebido como um evento pontual – o que não configura o caso do verbo *terçar*.

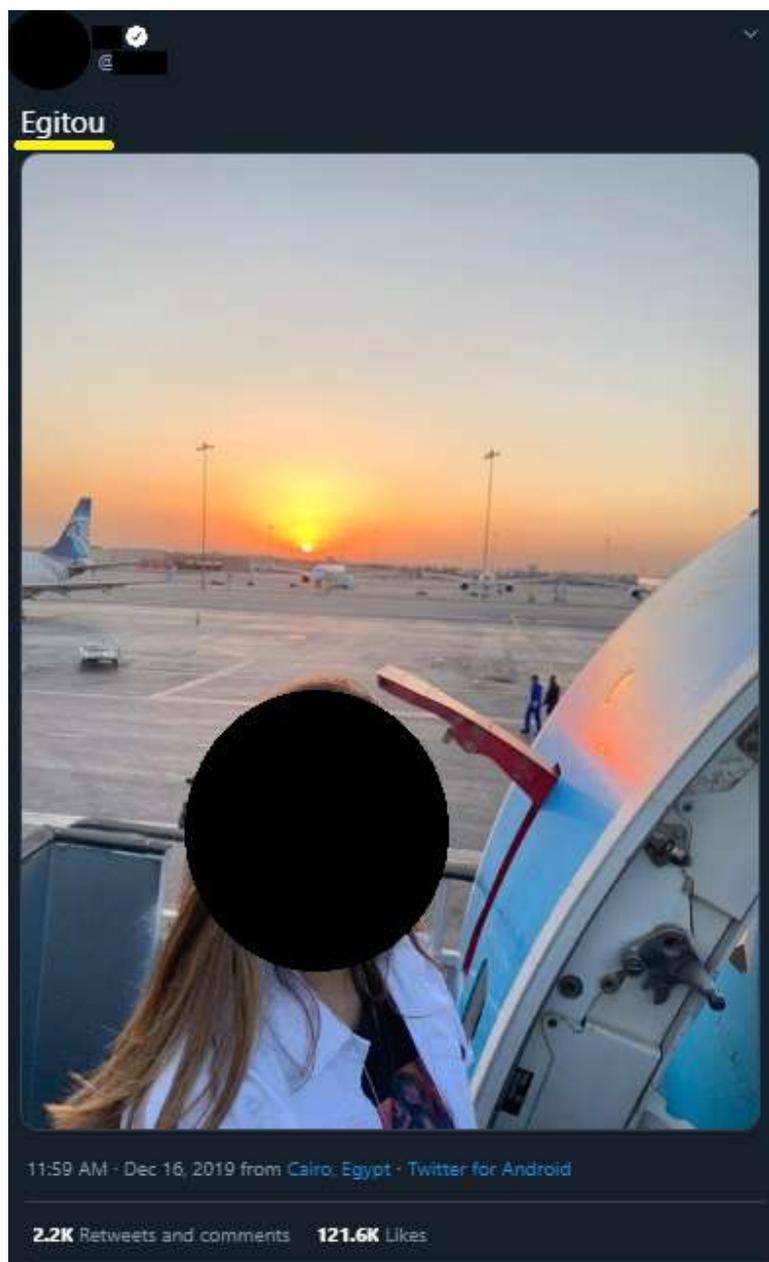
Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 22, *terçar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de viver a *terça-feira* em um momento de pausa no trabalho para tomar um chá, empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um nome neutro e focalizando a perspectiva da locutora – positiva – acerca da atividade de *terçar*.

---

<sup>46</sup> De acordo com Travaglia (1981), o aspecto é “uma categoria verbal ligada ao ‘TEMPO’, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização” (TRAVAGLIA, 1981, p.42). Para o presente trabalho, podemos interpretar o termo “situação” como “evento” ou “atividade”.

Esta ocorrência com o verbo *terçar*, pertencente à microconstrução 2.2, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva da locutora acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes à microconstrução 2.1, esta ocorrência com o verbo *terçar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque ocorre certa quebra de expectativa no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome –neutra – não é mantida no verbo denominal –positiva. Por outro lado, se comparada às ocorrências vinculadas às microconstruções 2.3, 2.4 e 2.5, pode ser considerada como menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque, ainda que haja quebra de expectativa, não se trata de uma mudança muito drástica de prosódia semântica, uma vez que o nome que origina o verbo positivo é tido como neutro, e não como negativo. Além disso, o verbo *terçar*, neste caso, compromete menos a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *terçar*.

Figura 23 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.3



Fonte: *Twitter* (2019).

A Figura 23 apresenta uma ocorrência com o verbo *egitar*, que tem origem em *Egito*, nome do país africano. Sendo assim, tendo em vista que configura apenas o nome de um país, *Egito* possui prosódia semântica prototipicamente neutra, que, neste caso, não é mantida no verbo denominal *egitar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, a locutora revela sua perspectiva acerca de seu estado de espírito ao vivenciar a experiência de estar no *Egito*. Logo, ela utiliza o verbo *egitar* para avaliar positivamente a atividade de viajar ao Egito nesse contexto. Esse sentido positivo do verbo fica evidente pela foto, em que a locutora aparece sorrindo, saindo do avião e chegando ao país, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 21, *egitar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de viver a experiência de viajar ao *Egito*, empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) a um nome neutro e focalizando a perspectiva da locutora – positiva – acerca da atividade de *egitar*.

Esta ocorrência com o verbo *egitar*, pertencente à microconstrução 2.2, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é a perspectiva da locutora acerca da atividade, e não a atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes à microconstrução 2.1, esta ocorrência com o verbo *egitar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque ocorre certa quebra de expectativa no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome – neutra – não é mantida no verbo denominal – positiva. Por outro lado, se comparada às ocorrências vinculadas às microconstruções 2.3, 2.4 e 2.5, pode ser considerada menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque, ainda que haja quebra de expectativa, não se trata de uma mudança muito drástica de prosódia semântica, uma vez que o nome que origina o verbo positivo é tido como neutro, não como negativo. Além disso, o verbo *egitar*, neste caso, compromete menos a face da locutora (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *egitar*.

Figura 24 – Exemplo 3 de ocorrência da microconstrução 2.2



Fonte: *Twitter* (2017).

A Figura 24 apresenta uma ocorrência com o verbo *quartar*, que tem origem em *quarta-feira*, nome de um dia no meio da semana. Sendo assim, tendo em vista que configura um dia que não causa muitas emoções nas pessoas, como a segunda-feira ou a sexta-feira, o nome *quarta-feira* possui prosódia semântica prototipicamente neutra, que, neste caso, não é mantida no verbo denominal *quartar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, o locutor revela sua perspectiva acerca de seu estado de espírito ao vivenciar a o dia de *quarta-feira* de forma bem humorada, publicando uma foto de um político em tom de brincadeira. Logo, ele utiliza o verbo *quartar* para avaliar positivamente a atividade de vivenciar a *quarta-feira* nesse contexto de bom humor. Esse sentido positivo do verbo fica evidente por meio da foto publicada pelo locutor, em que um político aparece em uma situação inusitada e cômica, porque o ângulo de posicionamento dos microfones à sua frente faz parecer que eles são, na verdade, seus olhos, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 24, *quartar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de viver o dia de *quarta-feira* com bom humor, empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) e focalizando a perspectiva do locutor – positiva – acerca da atividade de *quartar*.

Esta ocorrência com o verbo *quartar*, pertencente à microconstrução 2.2, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva do locutor acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes à microconstrução 2.1, esta ocorrência com o verbo *quartar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque ocorre certa quebra de expectativa no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome – neutra – não é mantida no verbo denominal – positiva. Por outro lado, se comparada às ocorrências vinculadas às microconstruções 2.3, 2.4 e 2.5, pode ser considerada como menos intersubjetiva e menos expressiva. Isso ocorre porque, ainda que haja quebra de expectativa, não se trata de uma mudança muito drástica de prosódia semântica, uma vez que o nome que origina o verbo positivo é tido como neutro, não como negativo. Além disso, o verbo *quartar*, neste caso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva do locutor acerca da atividade de *quartar*.

### 5.2.2.3 Microconstrução 2.3

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 2.3, temos o seguinte:

Quadro 14 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.3

<b>Microconstrução 2.3</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{POSITIVO})]$
<b>Função</b>	Avaliação positiva acerca de um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que as anteriores.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco em sua perspectiva, em um contexto de prosódia semântica positiva. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que os anteriores, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às microconstruções 2.1 e 2.2. Sendo assim, a microconstrução 2.3 apresenta a forma  $[N^{(\text{NEGATIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{POSITIVO})]$ , na qual N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica negativa, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica positiva, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 3 pertencente ao subsquema 2, contendo todas as suas ocorrências e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 13 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.3

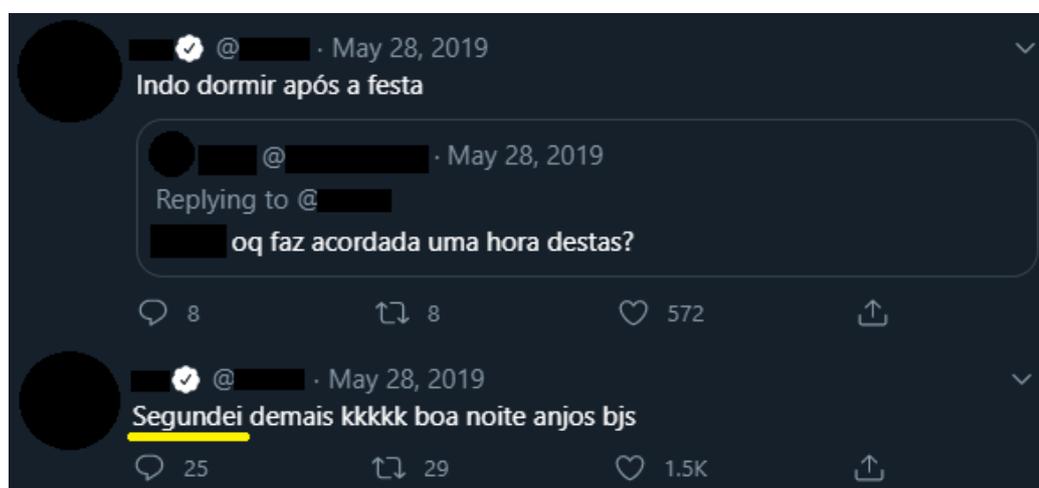
<b>Microconstrução 2.3</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>secundar</i>	2	100%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *segundar* é a única ocorrência da microconstrução 2.3, correspondendo, então, a 100% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos as duas únicas amostras encontradas no *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.3.

Figura 25 – Exemplo 1 de ocorrência da microconstrução 2.3



Fonte: *Twitter* (2019).

A Figura 25 apresenta uma ocorrência com o verbo *segundar*, que tem origem em *segunda-feira*, nome de um dia no início da semana. Sendo assim, tendo em vista que configura um dia logo após o término do fim de semana, representando o retorno ao trabalho/estudo e o fim do descanso, o nome *segunda-feira* possui prosódia semântica prototipicamente negativa, que, neste caso, não é mantida no verbo denominal *segundar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, a locutora revela sua perspectiva e seu estado de espírito acerca da atividade de ir a uma festa durante a noite de *segunda-feira*, dizendo que “segundou demais” em tom de brincadeira e ironia. Logo, ela utiliza o verbo *segundar* para avaliar positivamente a atividade vivenciar a *segunda-feira* nesse contexto de festa e comemoração. Esse sentido positivo do verbo fica evidente por meio de algumas pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), como,

por exemplo: seu tom irônico quando diz que “segundou demais”, as longas risadas (“kkkkk”) em seguida e, novamente, o tom irônico e bem humorado ao desejar uma boa noite a seus seguidores, os quais a locutora chama de “anjos”.

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 25, *segundar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de viver o dia de *segunda-feira* em um contexto de festa e comemoração, empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um nome prototipicamente negativo e focalizando a perspectiva da locutora – positiva – acerca da atividade de *segundar*.

Esta ocorrência com o verbo *segundar*, pertencente à microconstrução 2.3, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva do locutor acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes às microconstruções 2.1 e 2.2, esta ocorrência com o verbo *segundar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque ocorre uma quebra de expectativa ainda maior no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome – negativa – não é mantida no verbo denominal – positiva. Essa quebra de expectativa no interlocutor fica evidente quando um seguidor pergunta à locutora “oq faz acordada uma hora destas?”, revelando sua expectativa de que, naquele momento, muito tarde da noite de uma segunda-feira, a locutora já estaria dormindo para, provavelmente, acordar cedo no dia seguinte. Apesar disso, se comparada às ocorrências de prosódia semântica negativa, como àquelas vinculadas às microconstruções 1.4, 1.5, 2.4 e 2.5, a ocorrência com o verbo *segundar*, neste caso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva do locutor acerca da atividade de *segundar*.

Figura 26 – Exemplo 2 de ocorrência da microconstrução 2.3



Fonte: *Twitter* (2019).

A Figura 26 apresenta mais uma ocorrência com o verbo *segundar*, que tem origem em *segunda-feira*, nome de um dia no início da semana. Sendo assim, tendo em vista que configura um dia logo após o término do fim de semana, representando o retorno ao trabalho/estudo e o fim do descanso, o nome *segunda-feira* possui prosódia semântica prototipicamente negativa, que, neste caso, também não é mantida no verbo denominal *segundar*, mas convertida em prosódia semântica positiva.

No exemplo da figura acima, a locutora revela sua perspectiva e seu estado de espírito acerca da atividade de comemorar o aniversário de uma amiga na *segunda-feira*. Logo, ela utiliza o verbo *segundar* para avaliar positivamente a atividade de vivenciar a *segunda-feira* nesse contexto de festa e comemoração. Esse sentido positivo do verbo fica evidente pelas fotos, em que a locutora aparece

feliz com suas amigas durante a festa, o que configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 26, *segundar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) positivamente a atividade de viver o dia de *segunda-feira* em um contexto de festa e comemoração, empregando uma prosódia semântica positiva (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um nome prototipicamente negativo e focalizando a perspectiva da locutora – positiva – acerca da atividade de *segundar*.

Esta ocorrência com o verbo *segundar*, pertencente à microconstrução 2.3, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva do locutor acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes às microconstruções 2.1 e 2.2, esta ocorrência com o verbo *segundar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque ocorre uma quebra de expectativa ainda maior no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome – negativa – não é mantida no verbo denominal – positiva. Apesar disso, se comparada às ocorrências de prosódia semântica negativa, como àquelas vinculadas às microconstruções 1.4, 1.5, 2.4 e 2.5, a ocorrência com o verbo *segundar*, neste caso, compromete menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica positiva e tem como foco principal a perspectiva do locutor acerca da atividade de *segundar*.

#### 5.2.2.4 Microconstrução 2.4

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 2.4, temos o seguinte:

Quadro 15 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.4

<b>Microconstrução 2.4</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(NEGATIVO)}] \rightarrow [V^{(N) (NEGATIVO)}]$
<b>Função</b>	Avaliação negativa acerca de um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor, constituindo uma microconstrução [+intersubjetiva] do que as anteriores.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco em sua perspectiva, em um contexto de prosódia semântica negativa. Além disso, constitui um padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do que os padrões 2.1, 2.2 e 2.3, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às microconstruções anteriores do mesmo subesquema. Sendo assim, a microconstrução 2.4 apresenta como forma  $[N^{(NEGATIVO)}] \rightarrow [V^{(N) (NEGATIVO)}]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica negativa, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica também negativa, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 4 pertencente ao subesquema 2, contendo sua única ocorrência e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 14 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.4

<b>Microconstrução 2.4</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>segundar</i>	1	100%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *segundar* é a única ocorrência da microconstrução 2.4, correspondendo, então, a 100% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos a única ocorrência encontrada no *corpus* de análise, representativa do padrão microconstrucional 2.4.

Figura 27 – Exemplo de ocorrência da microconstrução 2.4



Fonte: *Twitter* (2018).

A Figura 27 apresenta mais uma ocorrência com o verbo *segundar*, que tem origem em *segunda-feira*, nome de um dia no início da semana. Sendo assim, tendo em vista que configura um dia logo após o término do fim de semana, representando o retorno ao trabalho/estudo e o fim do descanso, o nome *segunda-feira* possui prosódia semântica prototipicamente negativa, que, neste caso, também é mantida no verbo denominal *segundar*.

Na ocorrência representada na figura acima, o locutor revela sua perspectiva e seu estado de espírito acerca da chegada da *segunda-feira* e de todos os sentimentos envolvidos nesse momento – volta ao trabalho e fim do descanso. Logo, ele utiliza o verbo *segundar* para avaliar negativamente a atividade de vivenciar a *segunda-feira* em um contexto prototípico de chegada desse dia, já que não acrescenta mais nenhuma informação que revele o contrário. Essa falta de

informação também configura uma importante pista de contextualização (GUMPERZ, 1982), porque é utilizada pelos interlocutores para acessarem o sentido negativo prototípico do nome e, conseqüentemente, do verbo.

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 27, *segundar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) negativamente a atividade de viver o dia de *segunda-feira* em um contexto de retorno ao trabalho/estudo e fim do descanso, empregando uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um nome prototipicamente negativo e focalizando a perspectiva do locutor – negativa – acerca da atividade de *segundar*.

Esta ocorrência com o verbo *segundar*, pertencente à microconstrução 2.4, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é a perspectiva do locutor acerca da atividade, e não a atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes às microconstruções 2.1, 2.2 e 2.3, esta ocorrência com o verbo *segundar* pode ser considerada mais intersubjetiva, porque é mais expressiva e causa identificação no interlocutor. Isso fica evidente na Figura 27, em que podemos observar respostas de três interlocutores, concordando com o sentido negativo de *segundar* e avaliando negativamente esse evento em seus comentários. Além disso, esta ocorrência com o verbo *segundar* compromete mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), tendo em vista que, conforme vimos, possui prosódia semântica negativa e tem como foco principal sua perspectiva acerca da atividade de *segundar*.

#### 5.2.2.5 Microconstrução 2.5

No que se refere à configuração do pareamento forma-função da microconstrução 2.5, temos o seguinte:

Quadro 16 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução 2.5

<b>Microconstrução 2.5</b>	
<b>Forma</b>	$[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{NEGATIVO})]$
<b>Função</b>	Avaliação negativa acerca de um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor, constituindo a microconstrução [+intersubjetiva] do subesquema 2.

Fonte: elaboração da autora (2021).

O padrão microconstrucional representado no quadro acima é utilizado quando o locutor posiciona-se avaliando um evento ou uma atividade, com foco em sua perspectiva, em um contexto de prosódia semântica negativa. Além disso, constitui o padrão microconstrucional de caráter mais intersubjetivo do subesquema 2, porque é constituído por ocorrências mais expressivas e que comprometem mais a face do locutor (GOFFMAN, 1967), se comparadas às ocorrências vinculadas às demais microconstruções do subesquema 2. Sendo assim, a microconstrução 2.5 apresenta como forma  $[N^{(\text{POSITIVO})}] \rightarrow [V^{(N)} (\text{NEGATIVO})]$ , em que N simboliza um nome que precisa possuir prosódia semântica positiva, V simboliza um verbo que precisa ser denominal (N) e possuir prosódia semântica negativa, e os colchetes indicam que são unidades convencionalizadas na língua.

Posto isso, apresentamos, a seguir, uma tabela representativa do padrão microconstrucional 5 pertencente ao subesquema 2, contendo sua única ocorrência e sua frequência no *corpus*. Vejamos:

Tabela 15 – Frequência das ocorrências pertencentes à microconstrução 2.5

<b>Microconstrução 2.5</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência no <i>corpus</i></b>	
	<b>nº.</b>	<b>%</b>
<i>feriadar</i>	1	100%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaboração da autora (2021).

Conforme indicado na tabela acima, *feriadar* é a única ocorrência da microconstrução 2.5, correspondendo, então, a 100% do total de ocorrências desse padrão microconstrucional.

A seguir, descreveremos a única amostra encontrada no *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.5.

Figura 28 – Exemplo de ocorrência da microconstrução 2.5



Fonte: *Twitter* (2019).

A Figura 28 apresenta uma ocorrência com o verbo *feriadar*, que tem origem no nome *feriado*. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa<sup>47</sup>, *feriado* significa “dia de descanso, instituído pelo poder civil ou religioso, em que são suspensas as atividades públicas e particulares”. Sendo assim, tendo em vista que representa um momento de descanso do trabalho ou dos estudos, momento de viajar ou passear, o nome *feriado* possui prosódia semântica prototipicamente positiva, que, neste caso, não é mantida no verbo denominal *feriadar*, mas convertida em prosódia semântica negativa.

No exemplo da figura acima, a locutora revela sua perspectiva e seu estado de espírito acerca da atividade vivenciar o *feriado* em casa, assistindo a um filme ou a uma série (*Netflix*) e, provavelmente, com cólicas ou algum problema de saúde (“bolsa térmica”). Logo, ela utiliza o verbo *feriadar* para avaliar negativamente a

<sup>47</sup> Disponível em: versão eletrônica (monousuário). Acesso em: 14 ago. 2020.

atividade de vivenciar o *feriado* nesse contexto. Esse sentido negativo do verbo fica evidente quando a locutora faz referência à *Netflix* – plataforma de filmes e séries – e à “bolsa térmica”, dando a entender que está assistindo à TV e sofrendo de cólicas ou problemas de saúde. Esses elementos configuram importantes pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982).

Posto isso, podemos afirmar que, no caso da ocorrência representada na Figura 28, *feriadar* é um verbo utilizado para avaliar (WHITE, 2003) negativamente a atividade de viver o *feriado* em um contexto de dor/doença, empregando uma prosódia semântica negativa (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) para um nome prototipicamente positivo e focalizando a perspectiva da locutora – negativa – acerca da atividade de *feriadar*.

Esta ocorrência com o verbo *feriadar*, pertencente à microconstrução 2.5, possui caráter mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2004), se comparada àquelas vinculadas ao subesquema 1, porque o foco é na perspectiva da locutora acerca da atividade, e não na atividade em si, o que compromete mais sua face (GOFFMAN, 1967). Em relação às ocorrências pertencentes às demais microconstruções do subesquema 2, esta ocorrência com o verbo *feriadar* também pode ser considerada mais intersubjetiva, porque, além de ocorrer uma quebra de expectativa no interlocutor, uma vez que a prosódia semântica do nome – positiva – não é mantida no verbo denominal – negativa, há também uma ameaça à face da locutora (GOFFMAN, 1967), que expõe sua perspectiva negativa acerca da atividade de *feriadar*. Percebe-se que a quebra de expectativa é preparada pela locutora, que ordena sua fala gradativamente, de forma a deixar por último a informação que torna negativa a atividade de *feriadar*: estar doente/com cólica (“bolsa térmica”). Logo, conforme vimos, o verbo *feriadar* possui prosódia semântica negativa e tem como foco principal a perspectiva da locutora acerca da atividade de *feriadar*.

### 5.3 CONCLUSÕES

Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), na abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e nos conceitos de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES; 2011; GUILHERME, 2014), o presente trabalho teve como objetivo central a investigação da instanciação e da convencionalização de construções com verbos denominais. Nesse sentido, buscamos descrever esses padrões microconstrucionais identificando os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e propor a organização hierárquica das microconstruções identificadas em uma rede construcional.

De modo mais específico, este trabalho teve como fundamento os conceitos de avaliação (WHITE, 2003), pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967). Dessa forma, com base na análise qualitativa e no cálculo de frequência das ocorrências retiradas de uma amostra sincrônica, entendemos que os verbos denominais analisados possibilitam o posicionamento avaliativo – positivo ou negativo – do locutor em relação a um evento ou a uma atividade. Além disso, esses verbos denominais podem variar gradualmente desde um polo menos intersubjetivo – subesquema 1 – a um polo mais intersubjetivo – subesquema 2 –, a depender do nível de expressividade e de ameaça à face (GOFFMAN, 1967) impresso pelo locutor.

Logo, tendo em vista todas as evidências destacadas durante a análise, é possível concluir que o locutor utiliza os verbos denominais com propósitos comunicativos específicos, a saber: (i) avaliar um evento ou uma atividade, focalizando o próprio evento ou a própria atividade – subesquema 1 ou (ii) avaliar um evento ou uma atividade, focalizando sua perspectiva acerca desse evento ou dessa atividade – subesquema 2.

No subesquema 1, destacou-se, com maior produtividade, a microconstrução 1.4, constituída por verbos denominais provenientes de nomes com prosódia semântica negativa, cuja função é avaliar negativamente um evento ou uma

atividade, com foco no próprio evento ou na própria atividade. Logo, a microconstrução 1.4 apresenta a maior frequência do subesquema 1 (46 ocorrências, que representam 41% desse subesquema). Essa produtividade pode ser explicada por serem verbos mais expressivos, chamando mais a atenção do interlocutor, porque podem promover ameaça à sua face ou, até mesmo, à face do próprio locutor (GOFFMAN, 1967), ainda que de forma inconsciente e não proposital, já que o foco é na atividade/no evento, e não na perspectiva do locutor. Isso faz com que, muitas vezes, o interlocutor sinta-se provocado e venha a interagir a fim de proteger ou defender a própria face.

Já no subesquema 2, destacou-se, com maior produtividade, a microconstrução 2.1, constituída por verbos denominais provenientes de nomes com prosódia semântica positiva, cuja função é avaliar positivamente um evento ou uma atividade, com foco na perspectiva do locutor. Logo, apresenta a maior frequência do subesquema 2 (95 ocorrências, que representam 86% desse subesquema). Esse caráter altamente produtivo dos verbos que constituem a microconstrução 2.1 pode ser explicado pelas seguintes hipóteses: (i) esses verbos são utilizados em contextos de prosódia semântica positiva para descrever um estado de felicidade, o que é compartilhado com mais frequência nas redes sociais do que um estado de tristeza; e (ii) como os verbos que constituem o subesquema 2 têm como foco a perspectiva do locutor, revelando seu estado de espírito, suas crenças e suas atitudes, sua face fica mais exposta; dessa forma, os verbos positivos são mais utilizados, porque comprometem menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967).

Em ambos os casos, tanto no subesquema 1 quanto no subesquema 2, os padrões microconstrucionais mais produtivos e mais frequentes são constituídos por verbos denominais que mantêm a prosódia semântica do nome a partir do qual foram formados. Essa manutenção de sentido, como acreditamos, facilita a compreensão por parte do interlocutor e, conseqüentemente, facilita o uso, a disseminação e a convencionalização desses verbos. Logo, temos mais uma hipótese válida para explicar essa alta frequência e produtividade na língua.

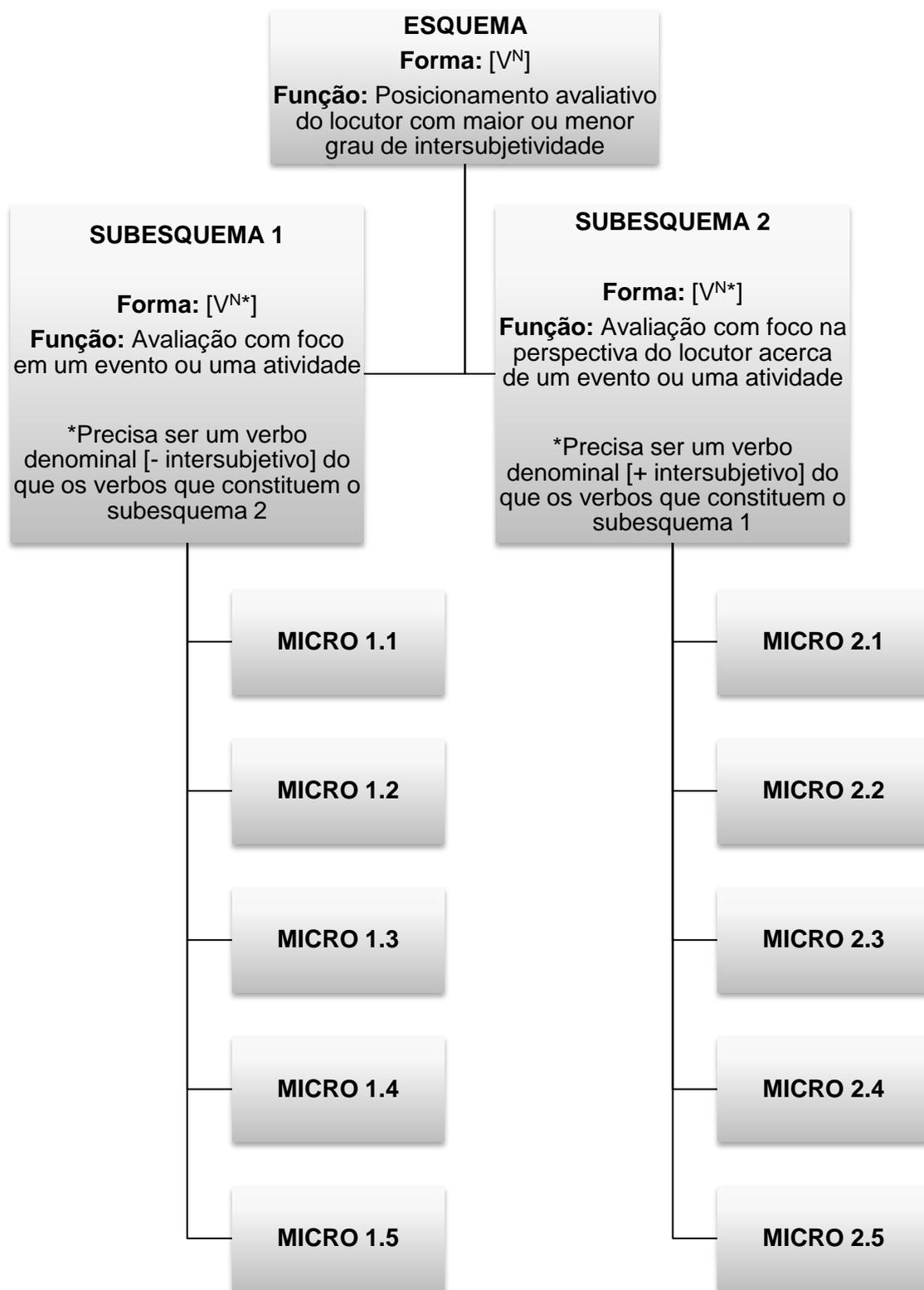
Entretanto, apesar de essa relação de sentido entre nome e verbo denominal ainda ser mantida nas microconstruções mais frequentes de ambos os subesquemas, na maioria das microconstruções pertencentes aos dois

subesquemas isso não ocorre. No subesquema 1, há 51 ocorrências (46%) – pertencentes às microconstruções 1.2, 1.3, 1.5 – nas quais as prosódias semânticas do verbo denominal e do nome formador divergem. No subesquema 2, há 14 ocorrências (13%) – pertencentes às microconstruções 2.2, 2.3 e 2.5 – nas quais isso ocorre.

Como é possível notar, essa diferença de prosódia semântica é mais frequente no subesquema 1, o que pode ser explicado pelo menor comprometimento da face do locutor (GOFFMAN, 1967) ao utilizar os verbos que têm como foco o evento ou a atividade em si – subesquema 1 –, e não a perspectiva do locutor – subesquema 2. Dessa forma, uma quebra de expectativa causada pela mudança na prosódia semântica ou, ainda, pela ressignificação do nome ao torná-lo um verbo, não provocaria uma ameaça à face do locutor, já que o foco não seria sua perspectiva, e aumentaria a expressividade do enunciado do locutor, que busca ser cada vez mais expressivo e chamar cada vez mais a atenção do interlocutor, principalmente no âmbito das redes sociais.

Posto isso, com base nas evidências apontadas nesta seção de análise, propomos a seguinte rede construcional constituída por construções avaliativas com verbos denominais:

Figura 29 – Proposta de rede construcional



Fonte: elaboração da autora (2021).

No presente trabalho, propusemos como objetivo geral compreender de que maneira as construções avaliativas com verbos denominais se organizam e se apresentam no *corpus* analisado. Como objetivos mais específicos, propusemos os seguintes: (a) identificar os níveis esquemáticos, a saber: esquema, subesquema e microconstrução (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (b) descrever, pontualmente, as microconstruções com verbos denominais, com base nas noções de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) e, do ponto de vista analítico, com base nos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e (c) propor uma rede construcional composta por esses verbos. Tendo em vista que esses objetivos foram cumpridos, passamos às considerações finais deste trabalho.

## 6 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, tivemos como objetivo principal compreender de que maneira as construções com verbos denominais se distribuem e se organizam no *corpus* analisado. De modo mais específico, tivemos como objetivos: (a) identificar os níveis esquemáticos, a saber: esquema, subesquema e microconstrução (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); (b) descrever, pontualmente, as microconstruções com verbos denominais, com base nas noções de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e de prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014) e, do ponto de vista analítico, com base nos conceitos de avaliação (WHITE, 2003), de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) e de proteção e ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e (c) propor uma rede construcional.

Desse modo, a fim de cumprir os objetivos propostos, partimos das seguintes hipóteses: (i) o verbo denominal carrega consigo a carga semântica do nome a partir do qual foi formado e (ii) com base em características em comum, é possível agrupar tais verbos em uma rede de construções hierarquicamente organizada, cujo nível mais alto representa o mais abstrato, o qual é constituído pelos traços comuns identificados.

Nesse sentido, realizamos o levantamento de ocorrências com verbos denominais retiradas de um *corpus* sincrônico por nós constituído, cujas amostras representam os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Em seguida, efetuamos uma análise de método misto – associação entre o cálculo da frequência do uso e a análise qualitativa – dos dados.

Os resultados da pesquisa nos levaram a concluir que, na verdade, nem sempre o verbo denominal mantém a prosódia semântica do nome a partir do qual foi formado, o que vai de encontro à nossa primeira hipótese. Contudo, como vimos na seção 5, apesar de não ter sido verificada em todas as ocorrências analisadas neste trabalho, essa manutenção da prosódia semântica ocorreu nas microconstruções de maior frequência – microconstruções 1.5 e 2.1. Sendo assim, o locutor parece constantemente manter o sentido do nome no verbo denominal para

facilitar a compreensão por parte do interlocutor e se fazer entendido, principalmente nos casos em que esse verbo é inovador e usado com prosódia semântica negativa, podendo causar ameaça à face (GOFFMAN, 1967).

Por outro lado, nossa segunda hipótese confirmou-se ao identificarmos diferentes padrões de uso dos verbos denominais – com diferentes pareamentos forma-função –, os quais podem ser representados por um nível mais hierárquico e abstrato – o esquema –, que se subdivide em dois grandes subesquemas, os quais, por fim, em um nível inferior de abstração, se subdividem em 10 padrões microconstrucionais, 5 vinculados ao subesquema 1 e 5 vinculados ao subesquema 2.

Logo, demonstramos (i) que o esquema mais abstrato, descrito pela representação simbólica  $[V^N]$ , marca o posicionamento avaliativo do locutor em relação à atividade ou ao evento; (ii) que o subesquema 1 – menos intersubjetivo – é caracterizado pela avaliação com foco em um evento ou em uma atividade, enquanto o subesquema 2 – mais intersubjetivo – é caracterizado pela avaliação com foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade; e, ainda, (iii) que as 10 microconstruções são identificadas e agrupadas em seus respectivos subesquemas, conforme seus pareamentos forma-função, podendo variar quanto ao grau de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e quanto à prosódia semântica (SARDINHA, 2004; LOPES, 2011; GUILHERME, 2014).

Dessa forma, as microconstruções vinculadas a cada um dos dois subesquemas, além de se associarem em virtude de suas similaridades, possuem particularidades que as identificam. Como vimos, neste trabalho, essas microconstruções se diferenciam pelo grau de intersubjetividade/expressividade empregado pelo locutor – menos ou mais intersubjetivo – e pela prosódia semântica, que está diretamente relacionada à avaliação (WHITE, 2003) – positiva ou negativa, a depender do contexto. Além disso, a diferença no nível de intersubjetividade entre os padrões microconstrucionais de cada subesquema foi definida de acordo com os seguintes parâmetros: (i) o grau de ameaça à face (GOFFMAN, 1967) e (ii) o grau de quebra de expectativa<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Em consonância com o que postulam Heine *et al.* (1991) acerca da noção de contraexpectativa, conforme previamente definido.

Nesse cenário, a partir do cálculo da frequência de uso das ocorrências empiricamente atestadas, pudemos concluir que as microconstruções vinculadas ao subesquema 1, cuja função é marcar o posicionamento avaliativo do locutor a partir do foco em um evento ou uma atividade, são as mais frequentes e mais produtivas da rede construcional. Como discutido na seção 5, isso provavelmente se deve ao fato de que fazem parte desses padrões microconstrucionais verbos denominais que comprometem menos a face do locutor (GOFFMAN, 1967), por serem menos expressivos e menos intersubjetivos (TRAUGOTT; DASHER, 2004). Já as microconstruções vinculadas ao subesquema 2 têm foco na perspectiva do locutor acerca de um evento ou uma atividade, comprometendo mais a sua face (GOFFMAN, 1967) e sendo compostas por verbos denominais mais expressivos e utilizados em contextos de maior intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004).

Com base nessas conclusões e em outras encaminhadas no decorrer da realização deste trabalho, entendemos que esta pesquisa apresente contribuições significativas para futuros estudos no âmbito das construções avaliativas e dos verbos denominais e, de modo geral, no âmbito dos estudos da língua em uso e da construcionalização lexical. Contudo, ressaltamos que a análise realizada no presente trabalho possui limitações, havendo, ainda, muito a ser investigado no que se refere às construções avaliativas com verbos denominais, principalmente em relação à transitividade e ao papel temático desses verbos, à aplicabilidade da Linguística de *Corpus* e a outras terminações verbais.

## REFERÊNCIAS

BASILIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. Verbos em –a(r) em português: afixação ou conversão? **DELTA**, São Paulo, 1993, v. 9, n. 2, p. 295-304.

\_\_\_\_\_. Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. *In*: CASTILHO, A. T.; BASILIO, M. **Gramática do português falado**: estudos descritivos, Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. v. 4, p. 223-233.

\_\_\_\_\_.; MARTINS, H. Verbos denominais no português falado. *In*: KOCH, I. G. V. **Gramática do português falado**: desenvolvimentos, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. v. 6, p. 371-391.

\_\_\_\_\_. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. **DELTA**, São Paulo, 1999, v. 15, n. 3, p. 53-70.

\_\_\_\_\_. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. *In*: OLIVEIRA, R. P. de; NICOLACÓPULOS, A. **Semantics: Lexicon, Grammar and Use**, Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. v. 47, p. 49-71.

\_\_\_\_\_. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BERGEN, B. K.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar in Simulation-Based Language Understanding. *In*: OSTMAN, J.-O.; FRIED, M. **Construction Grammars: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions**, Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 147–90.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. *In*: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS

DISCURSO & GRAMÁTICA, 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

BLANK, A. Pathways of lexicalization. *In*: HASPELMATH, M. *et al.* **Language Typology and Language Universals**, Berlin: de Gruyter, 2001, v. 2, p. 1596-1608.

BOAS, H. C.; SAG, I. **Sign-based Construction Grammar**, Stanford: CSLI Publications, 2012.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. *In*: MAY, T.; WILLIAMS, M. **Knowing the Social World**, Philadelphia: Open University Press, 1998.

BRUGMAN, C.; LAKOFF, G. Cognitive topology and lexical networks. *In*: Steven Small, *et al.* **Lexical Ambiguity Resolution: perspectives from psycholinguistics, neuropsychology, and artificial intelligence**, California: Morgan Kaufmann, 1988, p. 477-508.

BUSSMANN, H. **Routledge Dictionary of Language and Linguistics**, New York: Routledge, 1996.

BYBEE, J. L. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of Historical Linguistics**, Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

\_\_\_\_\_. **Language, Usage and Cognition**, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Usage-based Theory and Grammaticalization. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford handbook of grammaticalization**, New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

CLARK, E.; CLARK, H. When Nouns Surface as Verbs. **Language**, v. 55, n. 4, p. 767-811, 1979.

COSTA, R. de N. S. **Verbos denominais X-ar no português**: para além da derivação e da conversão. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective, New York: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. especial, p. 83-101, dez. 2016.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed, Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DIAS, N. B. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 83-106, 2013.

**Dicio**, Dicionário Online de Português, Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas, São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. *In*: BACH & HARMS. **Universals in Linguistic Theory**, New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1988.

\_\_\_\_\_; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone, **Language**, Berkeley, v.64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta, Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

\_\_\_\_\_; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes, Niterói: Eduff, 2017, p. 17-45.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**, New York: Doubleday, 1967.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a Construction Grammar Approach to Argument Structure, Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at Work**: the Nature of Generalization in Language, Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. A Constructionist Approach to Language. *In*: WORKSHOP EM XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2016.

GRIMSHAW, J. Extended Projection. *In*: **Words and Structure**, Stanford: CSLI, 2005, p. 1-74.

GUILHERME, P. M. L. N. **A Prosódia Semântica como Fenómeno Léxico-Gramatical**. Contributos Linguísticos para uma Análise Social. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2014.

GUMPERZ, J. Contextualization and Understanding. *In*: **Rethinking Context**: Language as an Interactive Phenomenon, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALE, K.; KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**, Cambridge: The MIT Press, 2002.

HALLE, M.; MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**, Cambridge: The MIT Press, 1993, p. 111-176.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**, Chicago: the University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and Grammaticalization: Opposite or Orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. **What Makes Grammaticalization?: a Look from its Fringes and its Components**, Berlin: De Gruyter, 2004, p. 19-40.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**, Oxford: University Press, 2013.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. Evaluation: An Introduction. *In*: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse**, New York: Oxford University Press, 2003.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a Definition of Mixed Methods Research. **Journal of Mixed Methods Research**, Pennsylvania, v.1, n. 2, p. 112-133, 2007.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**, Chicago: University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Space Grammar, Analysability, and the English Passive. **Language**, v. 58, n. 1, p. 22-80, mar. 1982.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**, Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Applications**, Stanford: Stanford University Press, 1991.

LOPES, M. C. Tradução, padrões e nuances: um estudo de Linguística de *Corpus* sobre diferentes prosódias semânticas na língua fonte e na língua alvo, **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 747-771, 2011.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**, São Paulo: Cortez, 2011.

MARTIN, J. R. Introduction, **Text**, Sydney, v. 23, n. 2, p. 171-181, 2003.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. Arquitetura construcional e competição pelo uso. *In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2018.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**, São Paulo: Atlas, 1989.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

ROSCHE, E. H. Natural Categories. **Cognitive Psychology**, v. 4, n. 3, p. 328-350, 1973.

\_\_\_\_\_. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**, Barueri: Editora Manole, 2004.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

STEELS, L. **Design patterns in Fluid Construction Grammar**, Amsterdam: John Benjamins, 2011.

TALMY, L. Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms. *In*: Shopen, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**, v. 3, Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 57-149.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in Semantic Change**, New York: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a Reassessment. *In*: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**, Berlin: De Gruyter, 2010, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization and Mechanisms of Change. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford Handbook of Grammaticalization**, New York: Oxford University Press, 2011, p. 19-30.

\_\_\_\_\_; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Change**, Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal em português: a categoria e sua expressão**, Uberlândia: EDUFU, 2006.

WACHOVICZ, T. C. **Um tratamento aspectual para os verbos denominais do PB**, Pelotas: CELSUL, 2008.

WHITE, P. **An introductory tour through Appraisal Theory**. 2003. Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/appraisaloutline/framed/frame.htm>. Acesso em: 16 abr. 2021.